VISTA DA SEMANA

Nº ... ★ 15-3-52
CR$ 4,00 EM TODO O BRASIL



NO RIO E EM
SÃO PAULO

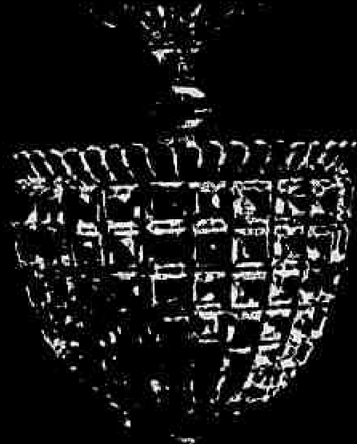
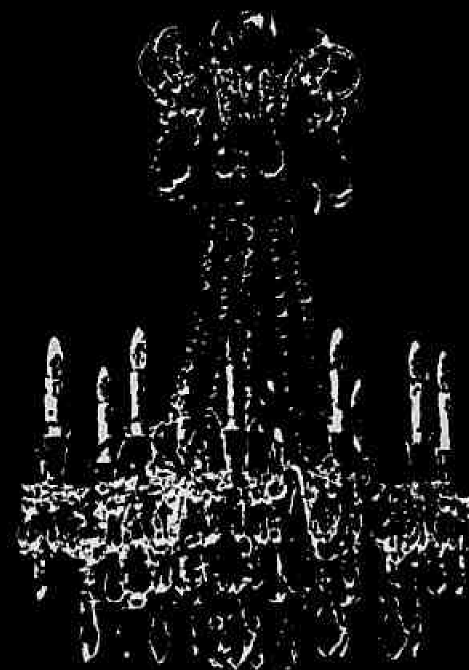
Edição de Carnaval



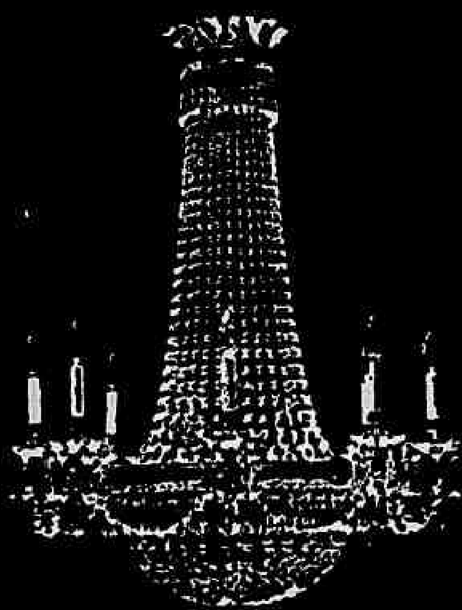
DETALHADA
REPORTAGEM
Texto e Fotos

A MAIOR EXPOSIÇÃO DO BRASIL EM LUSTRES FINOS, IMPORTADOS DIRETAMENTE DAS MELHORES FABRICAS DA EUROPA.

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA E FRANCESES EM AUTENTICOS ESTILOS MARIA TEREZA, ISABELINO, CLASSICO, IMPERIO, VERSALLES E MODERNO E TAMBEM EM BRONZE ARTISTICAMENTE TRABALHADOS.

Especialidades em grandes lustres sob encomenda para finas residencias, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. — Colocação gratuita por pessoal especializado.





ARTISTAS DECORADORES PARA ORIENTAÇÃO NA ILUMINAÇÃO DE SUA RESIDENCIA





LUSTRES
MASUET
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. BRASIL, 216 — FONE: 8-2958
S. PAULO

ANO LI ★ N.º 11 **REVISTA DA SEMANA** 15-3-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Desfile das Grandes Sociedades ... 4/7
O carnaval paulista 10/13
Carnaval de rua 14/15
Carnaval nos clubes 17/22
O Baile do Municipal 27/31
Carnaval nos clubes (continuação) 32/34
Os radialistas são de briga (por Milton Sales) 39/41
Eu vi a guerra de perto (conclusão) por Fernanda Reis 44/47
Carnaval no Jockey Club 53/57

LITERATURA

Contradição do carnaval carioca (por Renato de Alencar) 3
Pomada (Conto de Geo William) .. 8
Os Desamparados (Conto de Teresa de Almeida) 26
A mulher é o diabo (Conto de Lysa Castro) 35

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 8/9
Psicanálise (pelo Dr. Luís Fraga) . 50
Puxe pelo Cérebro 48
Palavras Cruzadas 49
A REVISTA há 50 anos 58

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Felicidade inesperada 38

CARICATURA

A Polícia persegue o "Bicho" (por Théo) 16
Êste mundo e o outro (por Darcy) . 23

FEMININAS

Figurinos (por Ramon) 36/37
Week-end na Cozinha 42
A Saúde do Bebê 43

FOTOS

Nódgi — Ferreira Lima — Arnaldo Vieira — Newton Viana — Mozart.

ILUSTRAÇÕES

Gibson — Jerônimo Ribeiro — Alberto Lima.

★

CAPA:

Senhora Ruth Amaral



1º prêmio de fantasia do Baile do Municipal



CONTRADIÇÃO DO CARNAVAL CARIOCA

O Morcêgo bateu asa
Mas não pôde "avoá"
Quem não tem prazer na vida
Não diverte o "carnavá".

ERA esta quadrinha popular, a preferida pelos mascarados de carnavais antigos, ainda ao tempo do entrudo. Em todo o nordeste do país, o tríduo de Momo sempre foi sinônimo de alegria, de cânticos para espantar as tristezas da vida. Muitos rivais e desafetos faziam as pazes por êsse tempo, fraternizando em clubes que saíam à rua para cantar, dançar, beber, divertir na mais esfusiante das alegrias. Na primeira década dêste século surgiu, através de longa evolução, o famoso "passo pernambucano", hoje com o nome de "frevo", corruptela curiosíssima tirada do verbo **ferver.** O "passo" deu mais animação ao carnaval de Pernambuco, o mais alegre do mundo. No Rio, porém, se verifica êste fenômeno: as músicas destinadas à grande farra se dividem em dois gêneros. Um, jocoso, levado aos foliões pelas "marchinhas"; outro, dolente, triste, romântico, através da composição do samba. Nas marchinhas o povo canta temas alegres, invadindo a seara da crítica social, tocando a comicidade humana, tudo em ritmo de pilhéria, coisa própria da época. No samba, em geral, a música é de provocar lágrimas, amargurando os corações na sua toada de tristeza incompatível com a alacridade dos dias bacânicos. Puro paradoxo êsse do carnaval do Rio. Houve um ano em que muito se cantou "Lá vem ela chorando", música de uma dolência irritante para os que desejam rir, pelo menos nos dias carnavalescos. E aconteceu mesmo esta coincidência: no domingo, primeiro dia da baderna, chegava ao Rio uma delegação brasileira que fôra ao Prata disputar campeonato de futebol. Pois bem: quando o navio atracava e os heróis saltavam em terra firme, os foliões cantavam melancòlicamente: "Lá vem ela chorando... Lá vem ela chorando..." Com efeito, nossa representação levara uma sova daquelas!

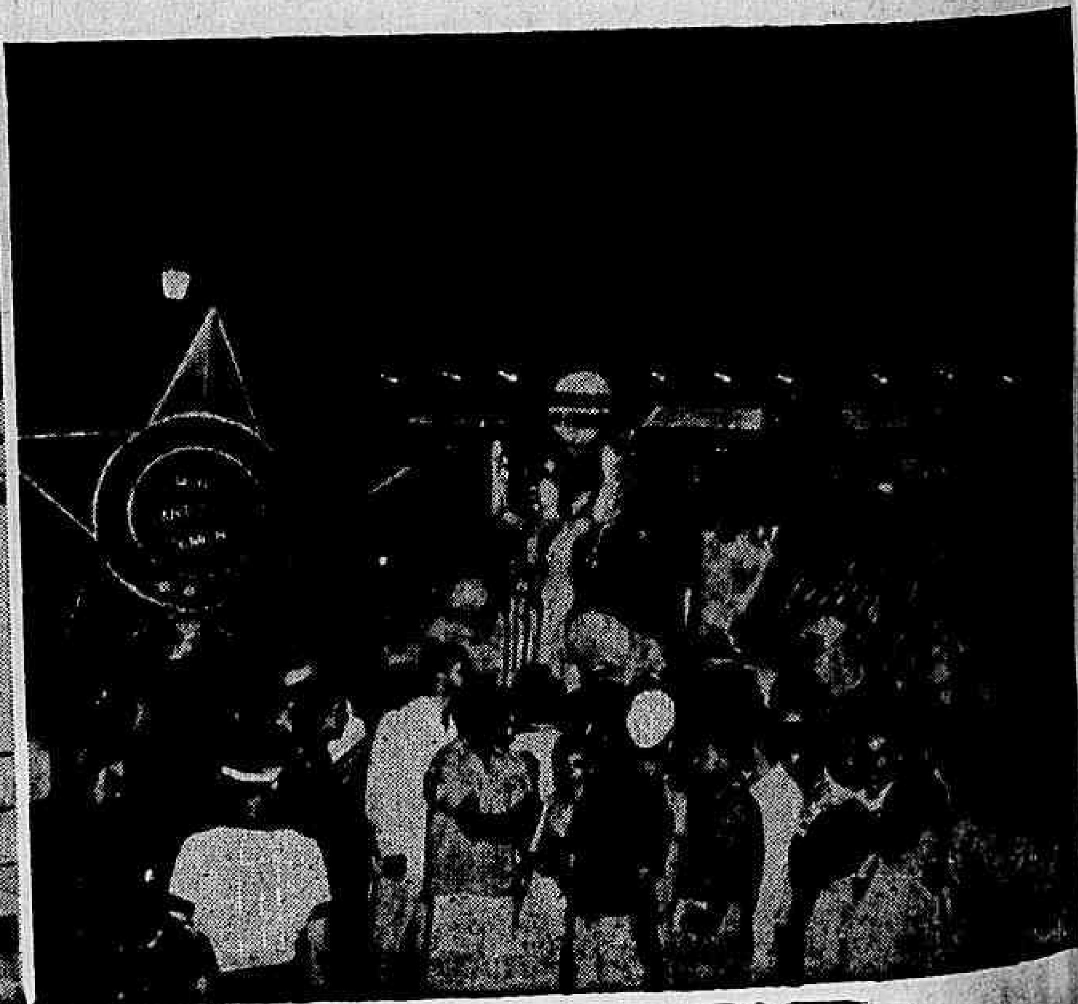
Todos os anos o carnaval do Rio é lacrimejante, dolorido,, com suas músicas funerárias, contrastando com o espírito do povo que se lança à folia para brincar, rir, gritar, fazer troça, vingar-se da crueldade da vida e das injustiças sociais. Em 1952 houve muito samba de ritmo triste como pão sem manteiga. Um dêles, muitíssimo cantado, fazendo séria concorrência à marchinha do "Sassarico", nada mais é do que intolerável jeremiada capaz de arrancar lágrimas ao Dr. Pangloss. Diz assim: "Eu quis fazer você chorar, você sofrer. Um dia o nosso amor morreu, quem chorou fui eu". É música dolente, de namorado sem sorte, litania de luto, que devia ser acompanhada a dobre de sinos. Não é contraditório? O carnaval carioca está decaindo, isso ninguém contesta. Certos aspectos que, antigamente, constituíam motivos de alegria, desapareceram por completo. Dentre êles, o corso, que chegou a ser quádruplo, dava pitoresca e vivíssima nota de vitalidade ao carnaval carioca. A intensidade do uso da serpentina era outro sinal de vida de nosso carnaval. Havia muito mais fantasias e máscaras pelas ruas, tanto em automóveis como a pé, isoladamente ou em blocos alegres. Hoje há muito povo nas ruas. Mas, na sua maioria, apenas, para "ver", sem tomar parte no brinquedo. E, como os que entram na "dança" não se apresentam dignos de atenção, o carnaval recebe, cada ano que passa, uma página da inevitável sentença de morte. Sua tristeza é flagrante. Os sambas de choros e lágrimas convertem foliões em acompanhadores de entêrro, o próprio entêrro do carnaval, do Rio. De onde virá essa música dolente? Não haverá nisso uns restinhos do lacrimejar do fado português abrolhando na inspiração do carioca em forma de samba chorão? O fado é tìpicamente queixoso. O samba do carnaval do Rio, também reflete o lamento do seu autor, o que contagia os cantores de maneira deplorável, justamente quando o povo mais precisa de alegrias para esquecer mais de trezentos e sessenta dias de tristezas...

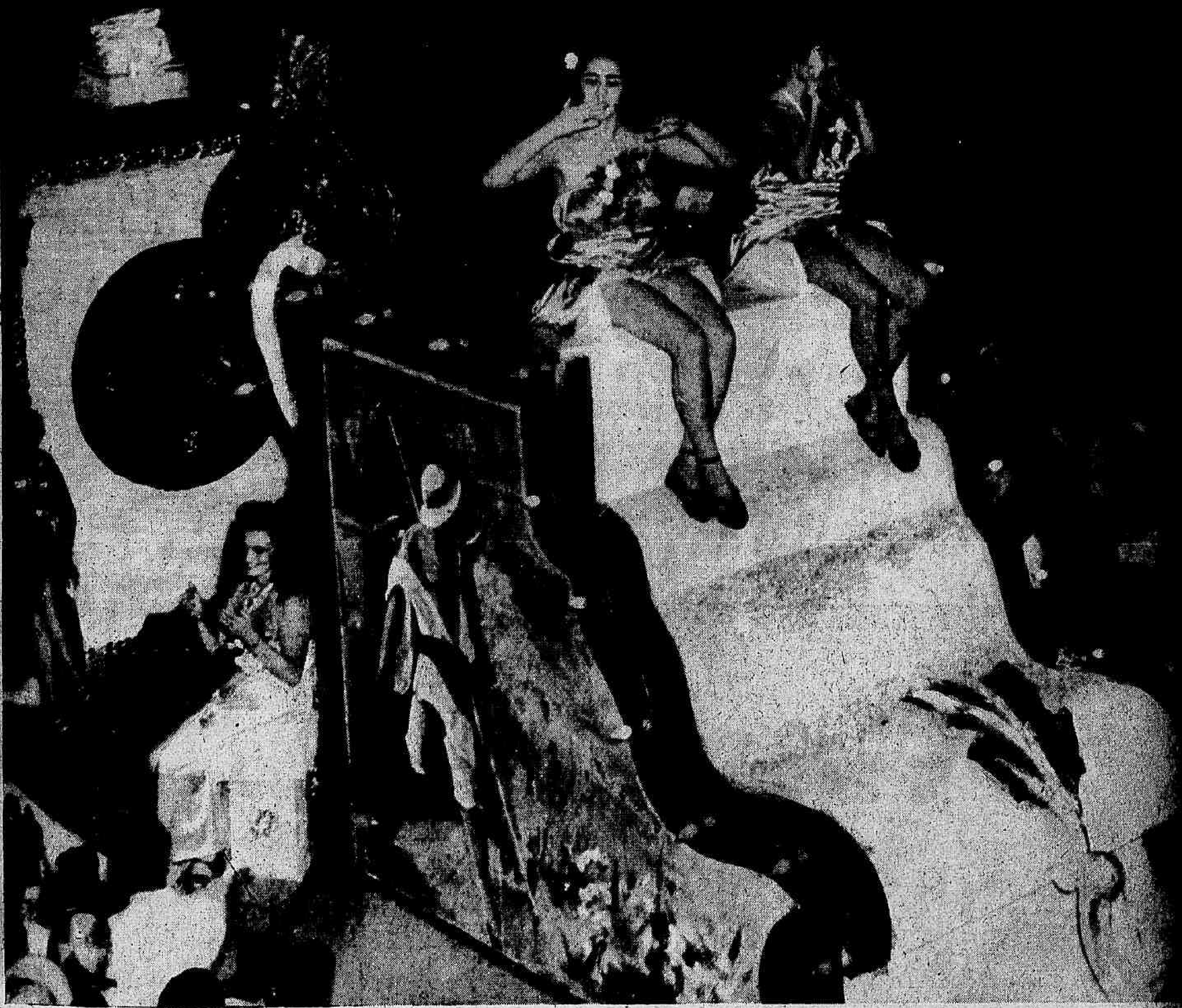
RENATO DE ALENCAR

MILHARES DE PESSOAS...

...ASSISTIRAM AO DESFILE

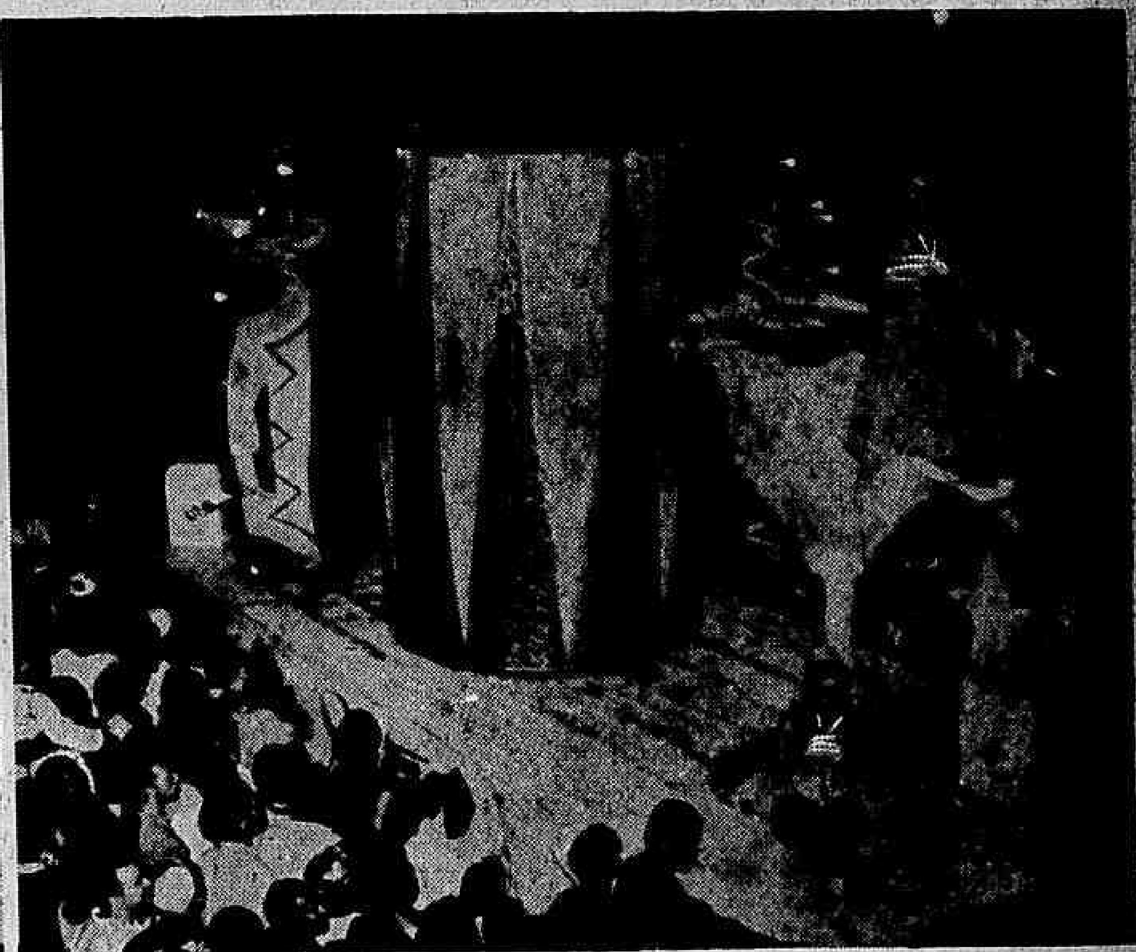






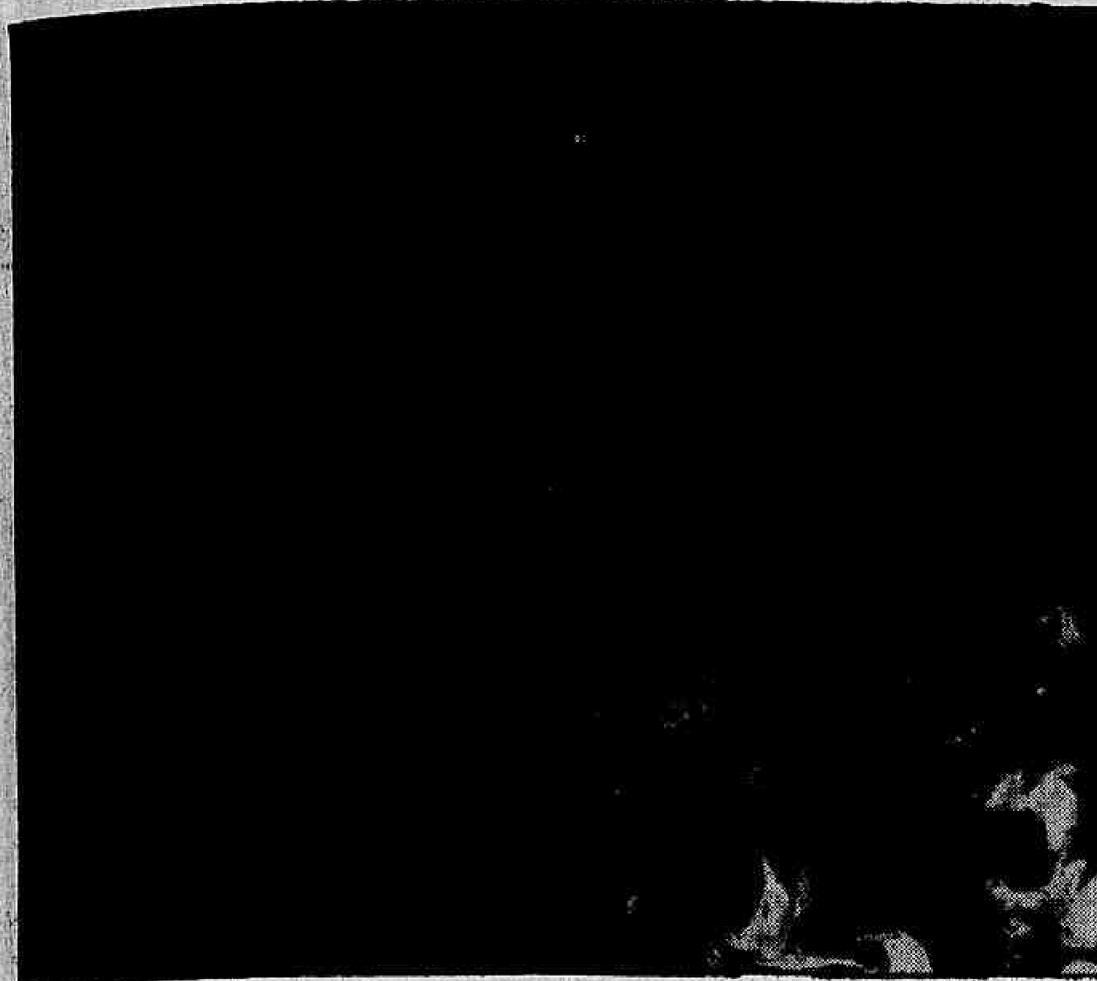
LE DAS GRANDES SOCIEDADES

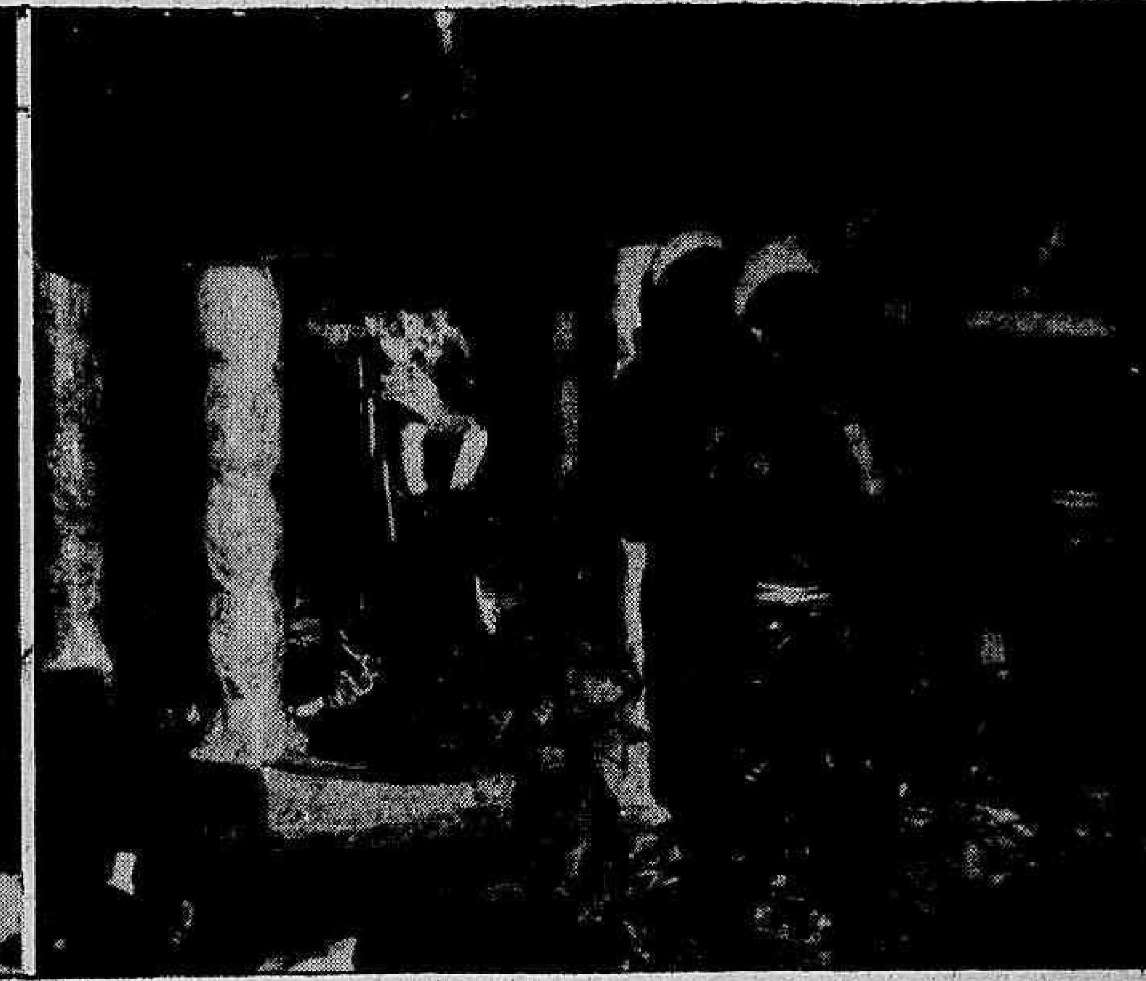




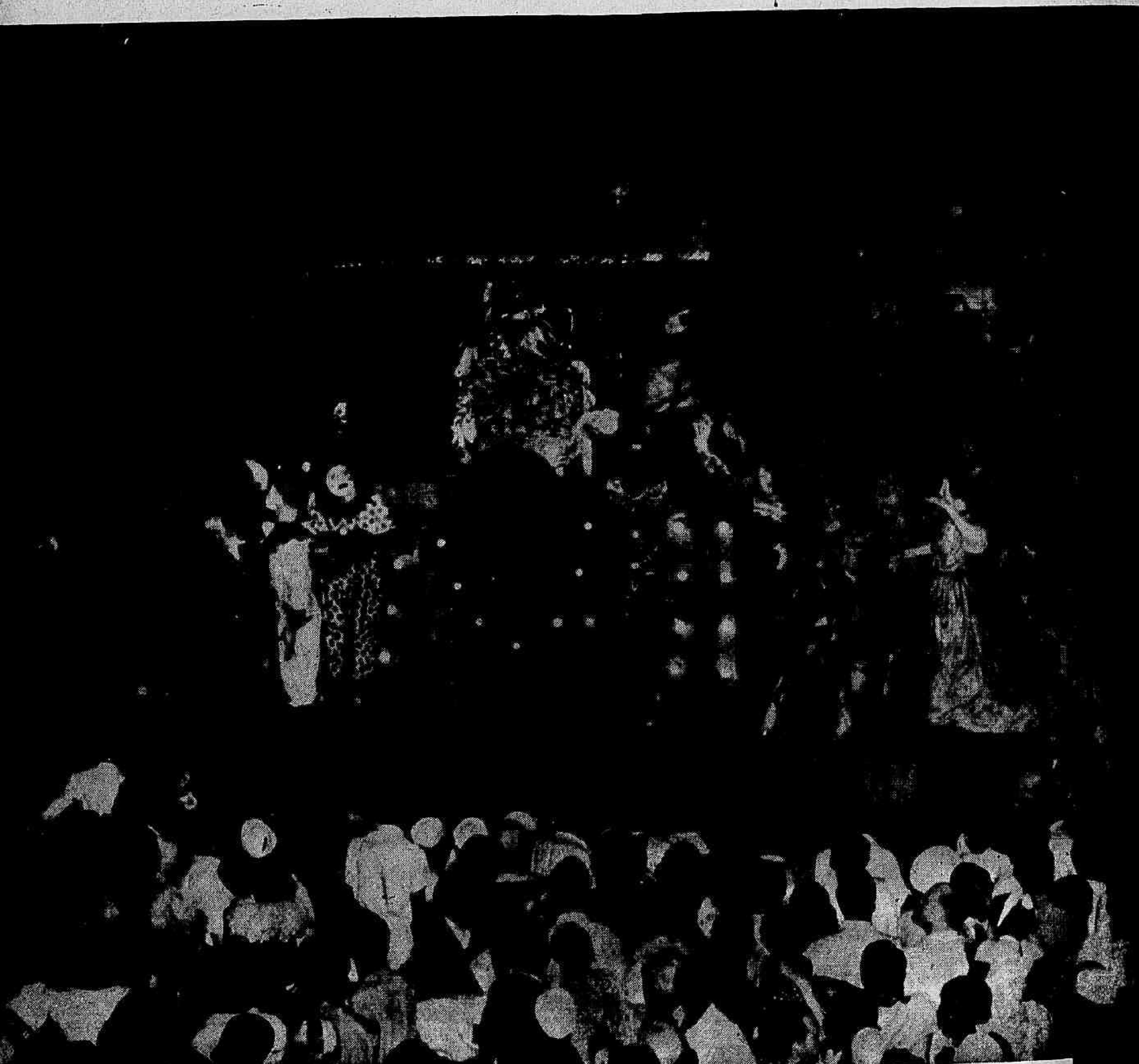








FORAM CAMPEÕES DO CARNAVAL DE 1952...





...OS VALOROSOS FENIANOS

O PEQUENO CONTO

POMADA

Geo WILLIAM

ERA conhecido com o apôdo de "Pomada" porque constantemente cuidava de sua cabeleira bem frizadinha; gostava de andar sempre rigorosamente penteado e mesmo nos momentos mais críticos de sua vida turbulenta de ágil gatuno, não desprezava buscar com a mão direita, no bôlso traseiro da calça, o pente.

Até sob o tiroteio, que certa vez espoucou entre malfeitores e policiais, não perdeu a calma e retirou o pente para recompor alguns fios revoltos de sua cabeleira ondulada.

Jamais usara arma. Costumava dizer "se algum dia me pegarem, nunca serei condenado por porte abusivo de armas. De mais a mais carregar com um "berrante", sempre há possibilidade de se deixar levar pelos acontecimentos e matar alguém. Eu não desejo ser fritado na cadeira por causa disso".

Realmente, ninguém jamais o vira armado. Tomava parte nas façanhas, saía-se maravilhosamente bem e se alguma vez sofreu condenação, nunca o foi por causa de questão de armas.

★

"Pomada" tinha uma paixão encravada no peito: Louisette, a linda e graciosa "borboleta" que freqüentava os "speak-hase", bebericando aqui e acolá, acendendo paixões violentas. Sempre fôra, por ela, desprezado. Não de forma [illegible] mente, de forma indestrutível. Contin[illegible]na certeza de que algum dia ainda ela viesse [illegible]onta de vista pessoal e julgá-lo tal qual era, mesmo [illegible] ou mortes. Sim, porque Louisette tinha uma queda ver[illegible] "homens fortes", êsses que matam sem titubear. Gostava imenso de pistoleiros e sentia até repulsão pelo moço que, como única arma, tinha um pente para alisar a cabeleira.

★

Agora, a moça andava de amôres rasgados com Jim Whiskey, assim apelidado por ser um dos mais audaciosos contrabandistas dessa bebida. Largara Tom Bibson, o "gangster" arrombador e despertara, com isso, ódio profundo na alma do bandido. Todos sabiam que, mais dia menos dia, haveria algo a comentar pelos "bas-fond" de Chicago. E êsse dia chegou. Sòmente que os comentários posteriores foram além de qualquer expectativa.

★

Louisette, certa noite, enquanto aguardava junto ao balcão a chegada de Jim, já bastante atrasado ao encontro, viu-se frente a Tom Bibson, que andava procurando-a como alma em pena, para "furá-la e mais o seu tipo", conforme espalhara.

"Pomada" também estava presente e quando percebeu que as coisas iam esquentar, aproximou-se.

— Você vai terminar com as suas conquistas, sua serigaita! — rosnou Tom, perspegando, como aperitivo, sonora bofetada na cara da moça.

"Pomada", com agilidade de pantera, avançou contra o brutamonte enfurecido e tonteou-o com poderoso sôco. Os dois homens grudaram-se em luta feroz. Separados pelos presentes, foram distanciados o suficiente. Nisso "Pomada", que adivinhara a cabeleira revolvida com a luta, meteu a mão no bôlso traseiro, para retirar o pente.

Julgando que ia sacar uma arma, Tom disparou seguidamente, "em legítima defesa" — conforme tentou alegar mais tarde, quando prêso.

★

Agonizante, vomitando sangue, "Pomada" viu que Louisette colocava-lhe a cabeça ao colo. Tentou sorrir àquele amor que jamais conquistara antes e que agora vinha-lhe ao encontro, quando já mais do lado de lá do que de cá.

— Valente rapaz! — soluçava a moça. — Valente rapaz! És um verdadeiro homem, o homem que eu sempre desejei!

Ao som dessa música celestial, que assim lhe pareceu, foi-se "Pomada" para o além, segurando ainda na mão crispada, o pente que o traíra...

A Semana

Nomes horríveis



JÁ comentamos, em edição anterior, o caso daquela senhora da cidade de Passos, Minas Gerais, que se chamava "Vai Por Mim Beleza", e que, amolada com um nome destemperado como êsse, requereu ao juiz a mudança do mesmo. Vem-nos da mesma cidade de Passos, outro caso curioso de nome extravagante: há uma senhorita ali que se chama Liberdade, Igualdade e Fraternidade da Rocha. Com certeza o cidadão (ou cidadã) que escolheu tal nome, era um apaixonado da revolução francesa, um fã dos enciclopedistas. Entretanto, êsse entusiasmo não devia ir tão longe. Não há moça dêste mundo que suporte chamar-se Liberdade, Igualdade e Fraternidade, e, ainda por cima, da Rocha! Se fôsse Liberdade dos Povos, Liberdade de Cátedra, Liberdade de Imprensa, Liberdade do Brasil, vá lá. Mas, Liberdade da Rocha?! Francamente, é de mais. Duro de mais. Por êsse motivo, segundo o exemplo de Vai Por Mim Beleza, também a Liberdade, Igualdade e Fraternidade da Rocha bateu às portas do juiz de Passos. Queria mudar o nome. Depois de muitas consultas e exames de fatos similares, o juiz concedeu que ela retirasse o Igualdade e Fraternidade, ficando apenas Liberdade da Rocha. Ainda é pouco. Liberdade não é nome que se use, especialmente para uma senhorita que, amanhã, será mãe de família, e os filhos não gostarão de ver sua genitora sendo objeto de graçolas e trocadilhos baratos, desde a escola primária ao curso superior. Pelo que vemos, a cidade mineira de Passos é fértil em nomes curiosos. Esgaravatando mais é possível que se descubram outros...

Salário mínimo

EM tôrno do salário mínimo, recen-[illegible] sódio [illegible] competente [illegible] da Repúbli[illegible] Ano-Bom ao [illegible] mentou o [illegible] em todo o território nacional. Em vários Estados houve grita, protestando contra o mesmo, por incoerente. Mas isso é outro assunto que compete aos especializados em economia política e em questões trabalhistas. O que vamos narrar aqui é uma facêta do salário mínimo de 1952. Os operários das usinas de açúcar de Campos, no Estado do Rio, formando grande comissão, procuraram o presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, narrando-lhes o seguinte: Estavam percebendo menos com o salário mínimo decretado como presente de festas, do que percebiam com o anterior, muito mais baixo do que o atual. O presidente do IAA ficou perplexo. Como podia? E êles esclareceram: os usineiros estavam descontando de seus vencimentos uma verba destinada à residência! O presidente do IAA, depois de pensar no assunto, informou que isso não era de sua competência, e sim do Ministério do Trabalho. Mas, homem de bons sentimentos, prometeu ajudá-los nessa conjuntura e tudo faria para ver a situação normalizada. O fato chegou ao conhecimento do Presidente da República, que já deu as primeiras providências junto ao Ministro do Trabalho. Mas não é sòmente em Campos que isso sucede. Aqui no Rio, nas obras de construção, os empreiteiros estão também cobrando a residência dos trabalhadores, ficando os seus vencimentos abaixo do nível anterior...



Embriaguez pelo éter



UMA das curiosidades dêste carnaval foi a grande quantidade de pessoas embriagadas pela aspiração de éter das lança-perfumes. Não sòmente adultos ficaram inconscientes, mas também menores de dezoito anos se entregaram impunemente ao terrível vício, que já se vai tornando coisa comum entre a mocidade. Quem se postasse em local conveniente na Avenida Rio Branco e acompanhasse o movimento de foliões, fàcilmente descobriria grande número de menores a beber éter ou a aspirar os seus jactos em lenços. Mocinhas que não iam além dos quinze anos, com lenços ao nariz, embriagavam-se com éter, enquanto outras sorviam o líquido esguichado da lança-perfume, como se estivessem nos páramos da felicidade. Não sabemos se a polícia via o que todo mundo estava vendo, e não queria incomodar-se, pois essas jovens têm pais ou maiores responsáveis, e se não estão ligando muito a tais fatos deploráveis, quem vai comprar briga? O assunto, porém, merece mais atenção por parte das autoridades e chefes de família. Nos bailes em recinto fechado, mesmo os mais grã-finos, o uso e abuso de lança-perfume como veículo de embriaguez é coisa corriqueira. Os jornais de quarta-feira de cinzas dão notícias alarmantes sôbre a quantidade excessiva de jovens de ambos os sexos que se entregaram à aspiração do éter, muitos dêles caindo inconscientes. Lembremo-nos de que essa mocidade é o alicerce de nossa pátria. Se vamos por êsse caminho, êste país está frio. Faz necessária uma campanha de advertência à mocidade, antes do carnaval.

Em Revista

Um Carnaval em paz



QUANDO se divulgou a noticia de que o chefe de Policia liberara as bebidas fortes, todo mundo ficou apreensivo. A imprensa, em geral, botou a bôca no mundo. Repórteres entraram em ação e entrevistaram donos de botequins. Os retalhistas de parati e "branquinha" falaram aos jornais. Achavam que era uma imprudência. Se o povo já é arreliado sem aguardente, imagine-se o que não seria com a liberdade de beber "óleo de Ipioca", sem restrições! Mas nada aconteceu que confirmasse os temores dos mais alarmados e alarmantes. O carnaval de 1952 pode não ter sido luxuoso, com ricas fantasias e desfiles de blocos e "ranchos" deslumbrantes pela opulência. Mas que foi muito animado e sem barulho, embora com cachaça para quem quisesse beber, lá isso foi. O chefe de Policia ganhou a batalha em todos os "rounds". O policiamento estêve impecável, e os casos policiais, as prisões, as intervenções da fôrça contra arruaceiros, foram absolutamente normais, coisa que sucede sempre em qualquer carnaval, com direito de beber aguardente ou não. Outra particularidade: o tempo. Durante o dia o céu se enfarruscava. Chegava mesmo a haver relâmpagos ofuscantes e trovões atordoadores. Mas, se sucedia cair alguns pingos de chuva, isso era coisa passageira. A temperatura melhorava bastante, tornando-se mais amena, enquanto o templo clareava para regozijo dos foliões. Um carnaval e tanto, o de 1952. As próprias Sociedades que, segundo pareceu antes, não sairiam por falta de barracões onde armassem os seus carros, sairam à rua na noite de têrça-feira, com algumas alegorias dignas de registro.

Os Préstitos Carnavalescos



NO desfile das chamadas Sociedades, na noite de têrça-feira, notaram-se certas falhas que merecem atenção dos diretores dos clubes cariocas. O povo não pode estar a consultar jornais, quando da passagem dos carros alegóricos, para saber-lhes os nomes. Seria muito util que os organizadores dos préstitos colocassem à frente e lateralmente, em cada carro, o seu significado, e, se possivel, o autor artistico dos mesmos. Houve carros no desfile do último dia de carnaval que ninguém foi capaz de adivinhar o que significavam. Não se tratava de critica ao abstracionismo na Arte; o que estava ali a desfilar por entre a multidão de espectadores era alguma coisa que não foi possivel decifrar. Outra inconveniência: duplicidade de motivos entre os vários clubes. Êste ano houve excesso de homenagem à fauna e à flora do Brasil, tornando monótono o desfile dos préstitos. Houve duplicidade, ainda, nas homenagens aos pioneiros brasileiros da navegação aérea. Se, antes de executarem êsses carros, houvesse entendimentos prévios entre os participantes, essa repetição de motivos não se daria, e cada um procuraria outros temas, tornando mais amplo o campo de exploração artistica. Há, ainda, outra particularidade: por que explorar coisas do Egito, se o Brasil, através de sua história, nos oferece assuntos de palpitante interêsse civico e histórico? Há carros com odaliscas, escravos egipcios, figuras de harém, que em nada concorrem para a ilustração do povo, nem para dar maior brilho ao carnaval. E' lamentável que o que temos digno de ser homenageado fique no esquecimento.

O novo nome do guaraná



EM 1949, estêve no Brasil o Sr. William Beltz, residente em Warcester, Estado de Massachussetts, nos Estados Unidos, tendo ficado cativo da deliciosa bebida que é o nosso guaraná. Mr. Beltz é fabricante de máquinas agricolas e ficou matutando sôbre uma fórmula de vender suas máquinas ao Brasil e receber daqui alguma coisa que não fôsse café. E se lembrou do guaraná do Amazonas. Iniciou negociações para importar êsse produto indigena e lançá-lo em sua cidade. Êle, pessoalmente, achava o guaraná uma delicia; mas, como o receberiam os seus patricios? Além disso, era preciso que êle fabricasse a bebida com o sabor com que era vendida no Amazonas. Mr. Beltz não perdeu tempo. Distribuiu garrafinhas de guaraná, gratuitamente, entre empregados de escritório, diretores de companhias e operários. A prova saiu cem por cento. Tôdas essas pessoas gostaram muito do guaraná. Então o inteligente negociante ampliou a distribuição gratuita. Cada familia do lugar chamado North Brookfield recebeu seis garrafas da bebida, gratuitamente. Nas escolas públicas, as crianças receberam guaraná durante o almôço. Em cada garrafa havia uma etiquêta com os seguintes dizeres: "Cem dólares por um nome mais fácil de pronunciar do que guaraná". Venceu o nome "Rio Rico", e o nosso guaraná tem agora, lá nos pagos de Mr. William Beltz, o nome de Rio Rico! Mas o industrial é extraordinário, e levou a efeito vários inquéritos sôbre o guaraná, perguntando se o achavam doce de mais, pouco doce, e se comprariam nos armazéns... E o guaraná está sendo bebido com whiskey nos Estados Unidos!

A PERSONAGEM DA SEMANA



Cel. E. de Sousa Gomes

MAIS uma catástrofe na Central do Brasil. Desta vez suas proporções igualaram àquela de 1935, quando dois comboios suburbanos entraram um pelo outro na estação de S. Francisco Xavier, matando e ferindo mais de uma centena de passageiros. O tremendo desastre da manhã de têrça-feira, 4 de março de 1952, só se diferençou daquele de 17 anos passados, porque as horas foram diferentes. No de S. Francisco Xavier, a desgraça ocorreu à noite, enquanto o de agora foi às oito e quarenta da manhã. A Estrada de Ferro Central do Brasil, todo mundo sabe, diz e reclama, precisa de imediata renovação de seu material fixo e rodante. Mas é preciso analisar o problema no seu conjunto, e não é assim, de plano, como coisa simples e doméstica. Uma estrada de ferro da magnitude e das proporções da nossa maior via-férrea, e com o sistema de administração que tem; com os acúmulos de erros sobrepostos provindos de anos e anos de dificuldades e embaraços de tôda sorte, não pode resolver sua situação num abrir e fechar de olhos. Nesta mesma coluna já tivemos ocasião de comentar fato coincidente em administração anterior à do Sr. Cel. Eurico de Sousa Gomes e elegemos para a Personagem da Semana um seu colega de responsabilidades, também atingido por doroso acontecimento na Central do Brasil. Os argumentos que aduzimos para mostrar que essa ferrovia não pode ser reabilitada por um homem, são os mesmos de agora diante de tanto luto, de tanta dor, de tanta consternação. O Diretor da Estrada deve estar com o seu coração esmagado pela extensão do desastre de Anchieta; mas, para que possa reagir, é preciso que não fique a sua atuação jungida a contingências da política. Não lhe há de faltar capacidade e competência; mas, todos sabemos, enquanto não há boas verbas destinadas à renovação do material fixo e rodante, as rendas da Estrada são absorvidas pelo pessoal, de quando em quando acrescido de mais funcionários para atender a influências políticas. Que fazer? E' preciso estoicismo e paciência...



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possivel é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição entre menina e moça.

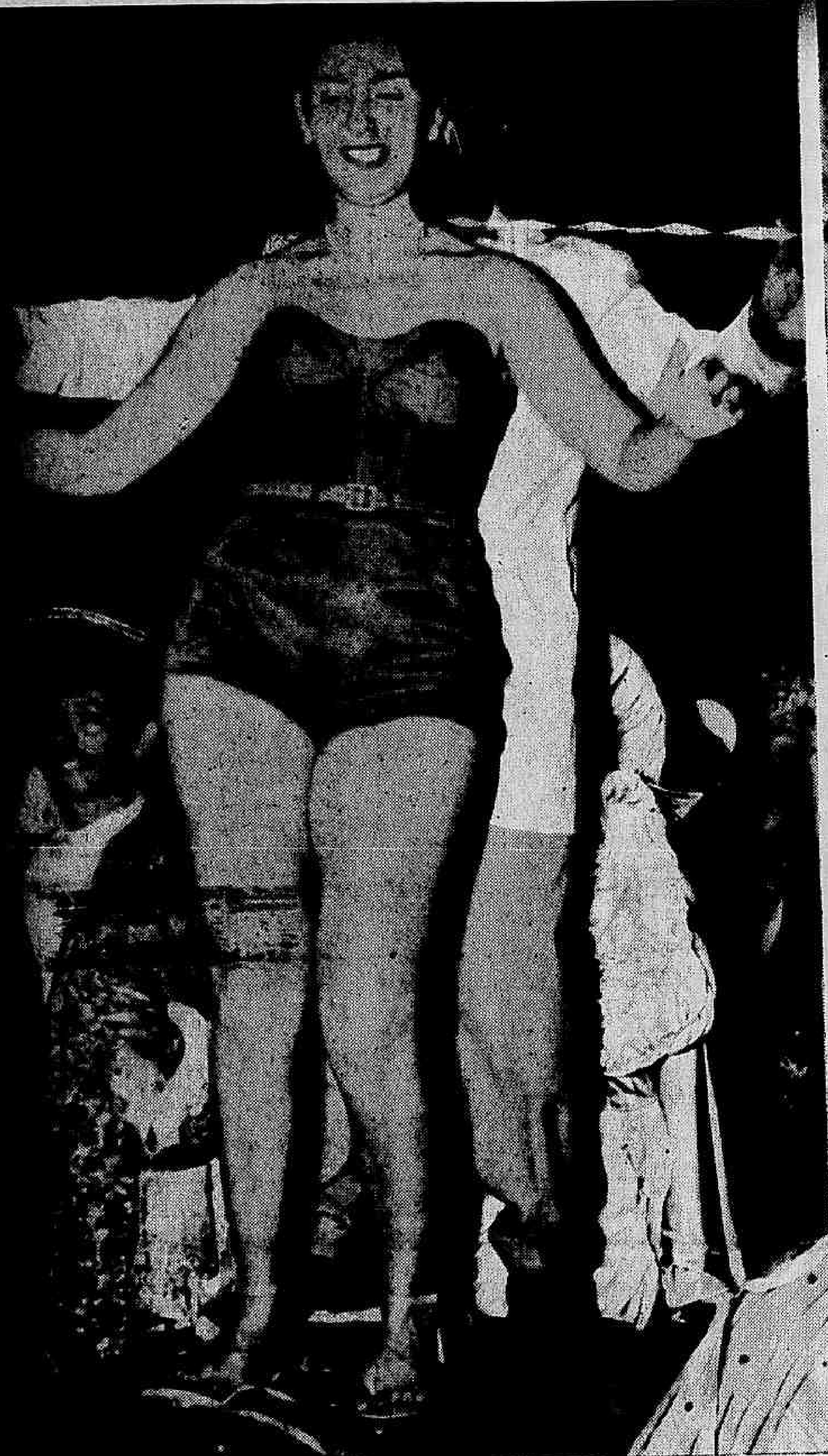
Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse periodo de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* Gesteira é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* Gesteira.

A acção que o *Regulador* Gesteira exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* Gesteira o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.





SE JÁ NÃO CABIA mais gente na pista, a solução era fàcilmente encontrada: trepava-se na mesa e continuava a brincadeira cada vez com mais entusiasmo.

AS BAIXAS verificadas na grande batalha de Momo, nestes três dias inesquecíveis, se explicavam pelo éter. A jovem da foto acima caiu em coma etílico.

CARNAVAL PAULISTA

A GENTE DO PLANALTO TAMBÉM CAIU NA FARRA

A CHUVA NÃO DEIXOU O POVO BRINCAR NAS RUAS ★ VALEU TUDO ÊSTE ANO ★ PODE BEIJAR NA FRENTE DA POLICIA ★ PRENDER SÓ EM ÚLTIMA HIPÓTESE: ORDEM DO SECRETÁRIO DA SEGURANÇA ★ PREDOMINOU A POUCA ROUPA, NAS MULHERES ★ ELVIRA PAGÃ FOI BARRADA DE "BIKINI", MAS VOLTOU COM CALÇAS COMPRIDAS E... ENTROU ★ OS BAILES

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR

Fotos de DARIO TERINI

SÃO PAULO, fevereiro.

«Estêve muito desanimado o carnaval paulista de rua». E' o que diria qualquer observador que percorresse as ruas da Capital, durante o tríduo em que Momo, tomando a si a responsabilidade dos destinos do povo, distribuiu alegria e música pelos quatro cantos da cidade. E foi verdade. Mesmo na Cinelândia, Av. São João, Av. Ipiranga, R. Barão de Itapeteninga e adjacências o povo, quando não chovia — o que aconteceu durante quase todos os minutos dos três dias de carnaval — limitava-se a passear calmamente, parecendo não escutar a música martelante dos altifalantes instalados cidade afora.

A chuva, à qual já estamos tão acostumados, nós paulistas, sabotou integralmente o carnaval de rua e não deixou que os poucos foliões decididos rasgassem suas fantasias em plena via pública. Essa é uma das razões de as festas de carnaval da paulicéia irem se transferindo, de ano para ano, para os salões e a segunda o não apoio oficial para o



O ESCRAVO núbio a grãfina ordenou: "Volta o café e manda uma dose dupla." Café não valia...



AGARRA MINHA cintura... Nem precisava pedir: os casais se enlaçavam de tôdas as maneiras possíveis.



NA RUA SÓ usavam saiotes... ou calcinhas. Talvez fôsse o calor, talvez fôsse a beleza das pernas.

festejos e o desinterêsse dos clubes carnavalescos em fazerem desfilar os lindos carros alegóricos que fazem parte do meu passado de menino.

EM DECADÊNCIA O CARNAVAL BANDEIRANTE

Para o carioca, acostumado aos intensos carnavais de rua da Capital Federal, onde, chova ou faça sol, centenas de foliões desfilam, cantam e dançam, transformando a Avenida Rio Branco em um autêntico e democrático salão ao ar livre, uma sucursal da capital do Império de Momo, o carnaval paulista seria uma tremenda decepção, um arremêdo mal nutrido e esqualido do que êle costuma ser.

E êste ano foi pior. Muito pior mesmo, dando-nos a impressão que o corso e o carnaval de rua, em São Paulo, não subsistirão mais dois ou três anos. Aqui não há ornamentação como no Rio, despeito do aumento de arrecadação que vem havendo no Estado, tanto no setor federal, estadual como no municipal. Não houve arcos, aumento de iluminação ou figuras alegóricas postadas nas esquinas, alegrando as ruas e avenidas. Nada disso. Apenas uma meia dúzia de alto falantes roucos e enferrujados, guinchando dia e noite, sem que o paulistano se apercebesse que êles faziam parte do carnaval.

Contudo, o povo não reclama nada do Prefeito, pois acredita que as verbas que seriam destinadas às despesas suntuárias do carnaval serão revertidas em seu benefício, transformadas em calçamentos, substituindo favelas por casas decentes, etc.

MAS OS BAILES COMPENSARAM

À falta de animação nas ruas os salões da cidade, tanto os centrais como os dos bairros, superlotaram-se. Os foliões que não queriam se expor à chuva e os proprietários de automóveis — em virtude do fracasso do corso — procuraram agremiações desportivas e carnavalescas e quaisquer outros salões ou «boites» onde pudessem gastar a energia



DA FARRA para o hospital. Carregada em braços, ela deixa o salão a caminho do Hospital das Clínicas.

A GENTE DO PLANALTO TAMBÉM CAIU NA FARRA



COM ESSA fantasia de "toureira" (sic), a Eva amarela que vemos na foto podia seguir direta para o Paraíso...



QUANDO VINHA o cansaço sempre era fácil encontrar um cantinho para o repouso e a conversa mole.

acumulada durante o ano, para ser queimada junto com o dinheiro e com as bebidas caras, durante os três dias e quatro noites em que Momo destituiu de Poderes os governadores do Estado e da cidade, para legislar e aplicar as leis da folia de 1952.

E foi assim que, já às 23 horas da primeira noite, muito folião ficou assustado, ao percorrer dois ou três salões e não poder entrar. Não cabia mais ninguém, nem mesmo Momo em pessoa seria admitido, se aparecesse. O fato causou vivos comentários, pois era coisa jamais registrada na crônica carnavalesca da cidade que, segundo dizem, nasceu apenas para o trabalho.

VAMOS RASGAR A FANTASIA?

O que os paulistas deixaram nos salões em cruzeiros bem ou mal ganhos, durante o ano, ganharam em alegria e diversão, pois os bailes foram que poderíamos chamar, sem exagêro, espetaculares, levando-se em conta os sucessos dos carnavais passados. Espetaculares, poderíamos dizer, em todos os sentidos. Poucos foram os casos graves registrados pela polícia, durante os festejos, mínimas as prisões efetuadas. As brigas,

D

(Cont. na pág.



NO BAILE DOS APACHES (que estêve formidável), tudo foi mesmo do samba. De francês, a fantasia.

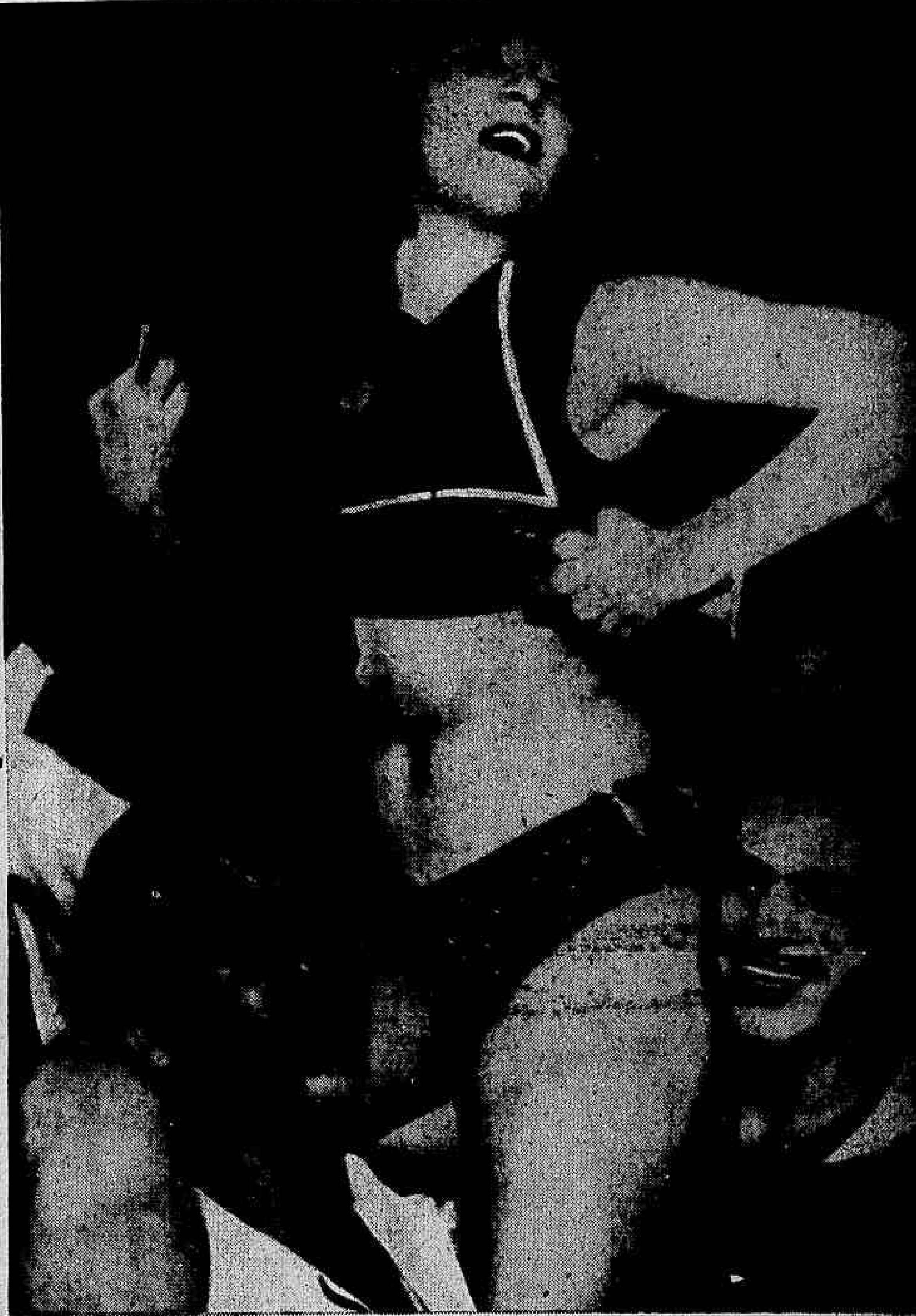


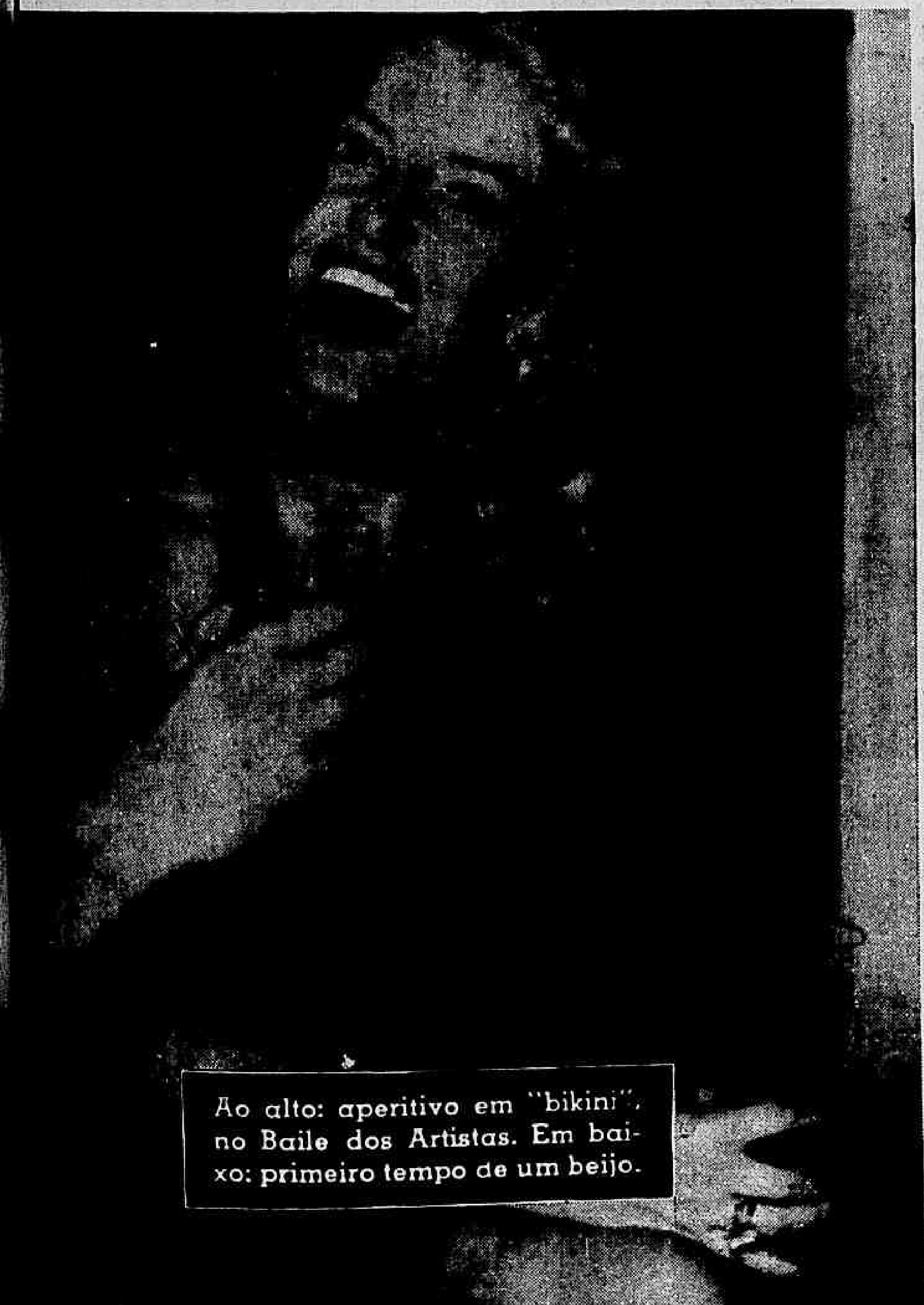
QUANDO A PRIMEIRA luz da Quarta-Feira de Cinzas despontou, suas fôrças davam apenas para olhar...



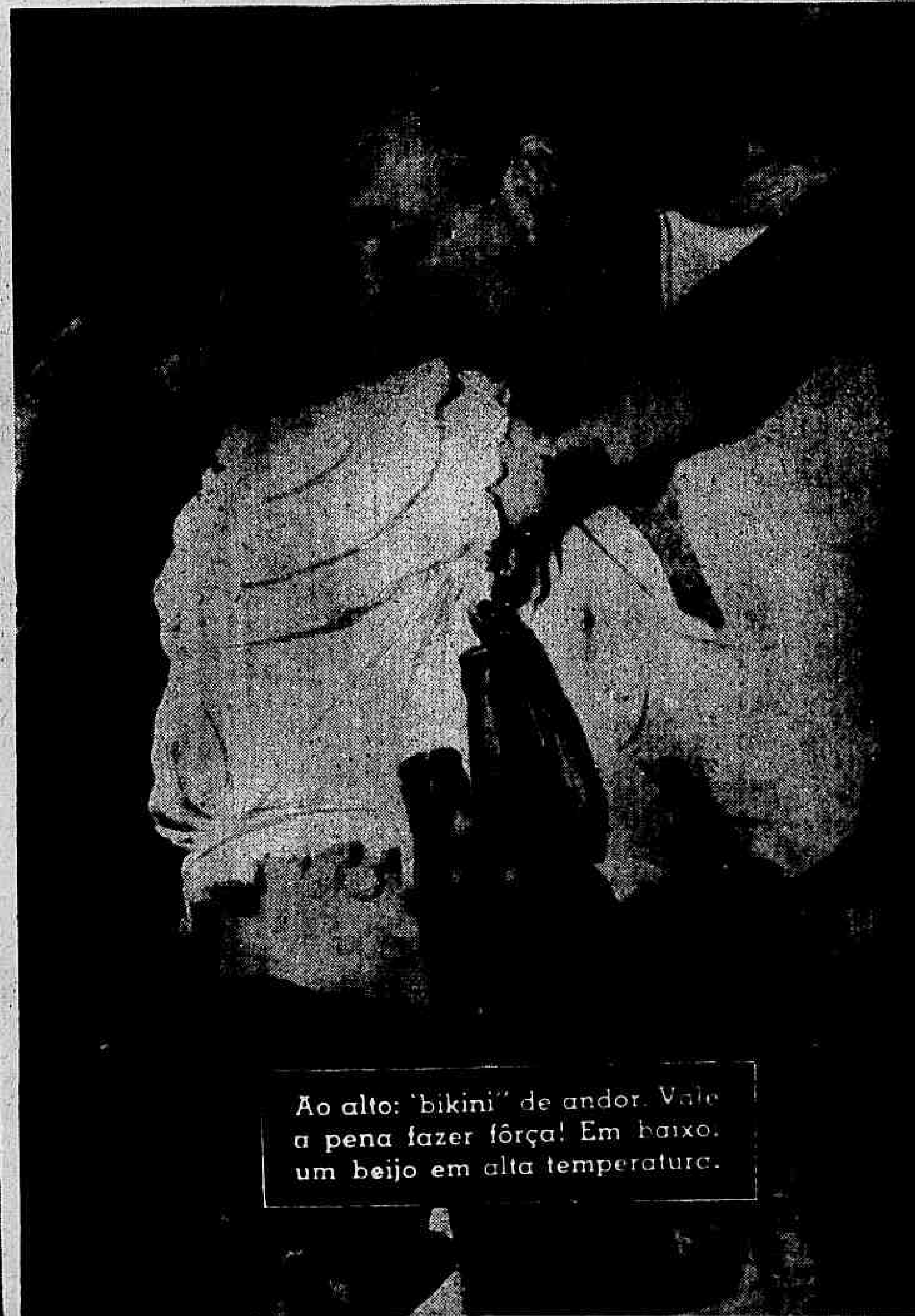
"VAMOS COMBINAR teus ossos e minhas ... Não foi preciso segundo convite. Se vocês ...





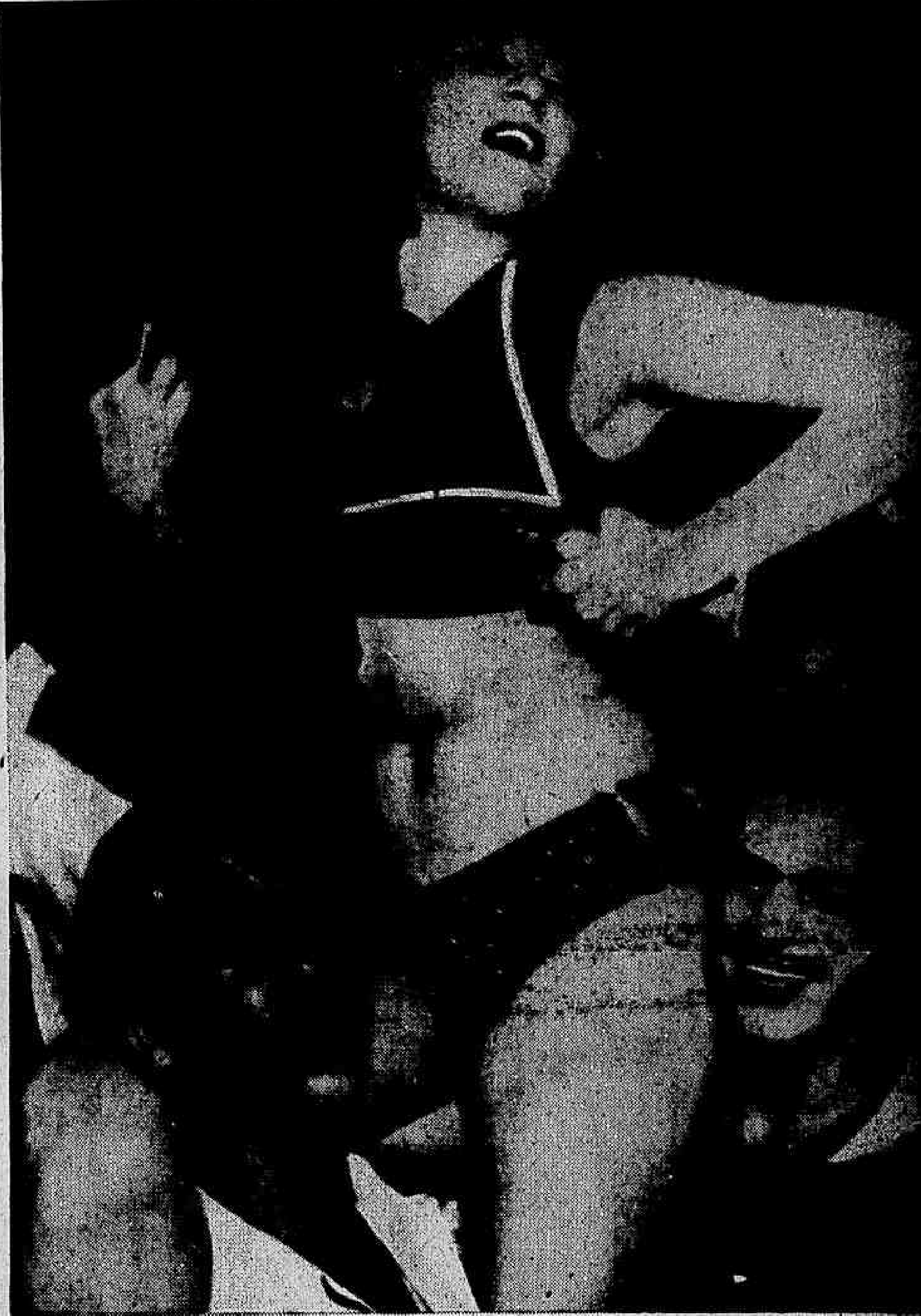


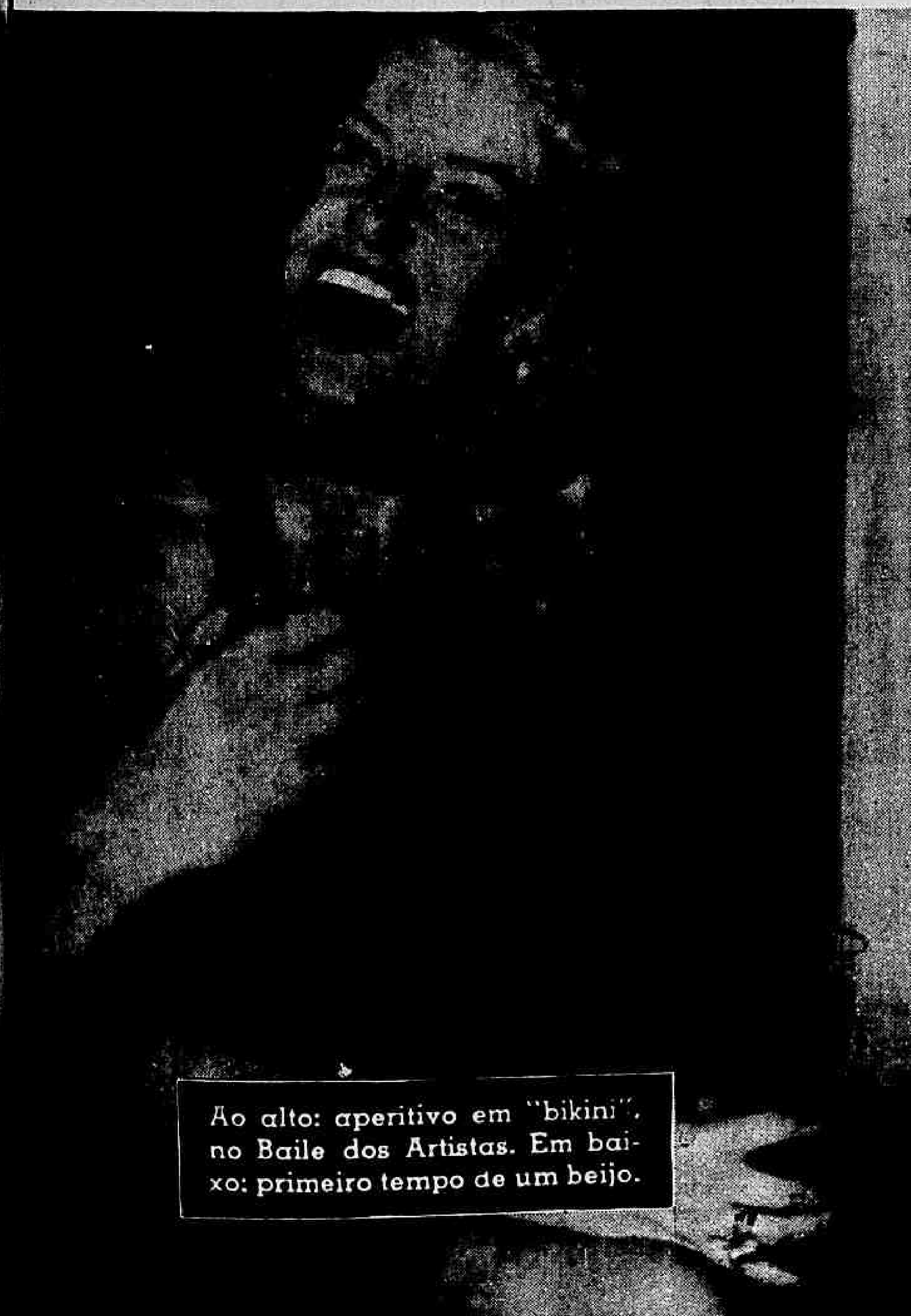
Ao alto: aperitivo em "bikini", no Baile dos Artistas. Em baixo: primeiro tempo de um beijo.



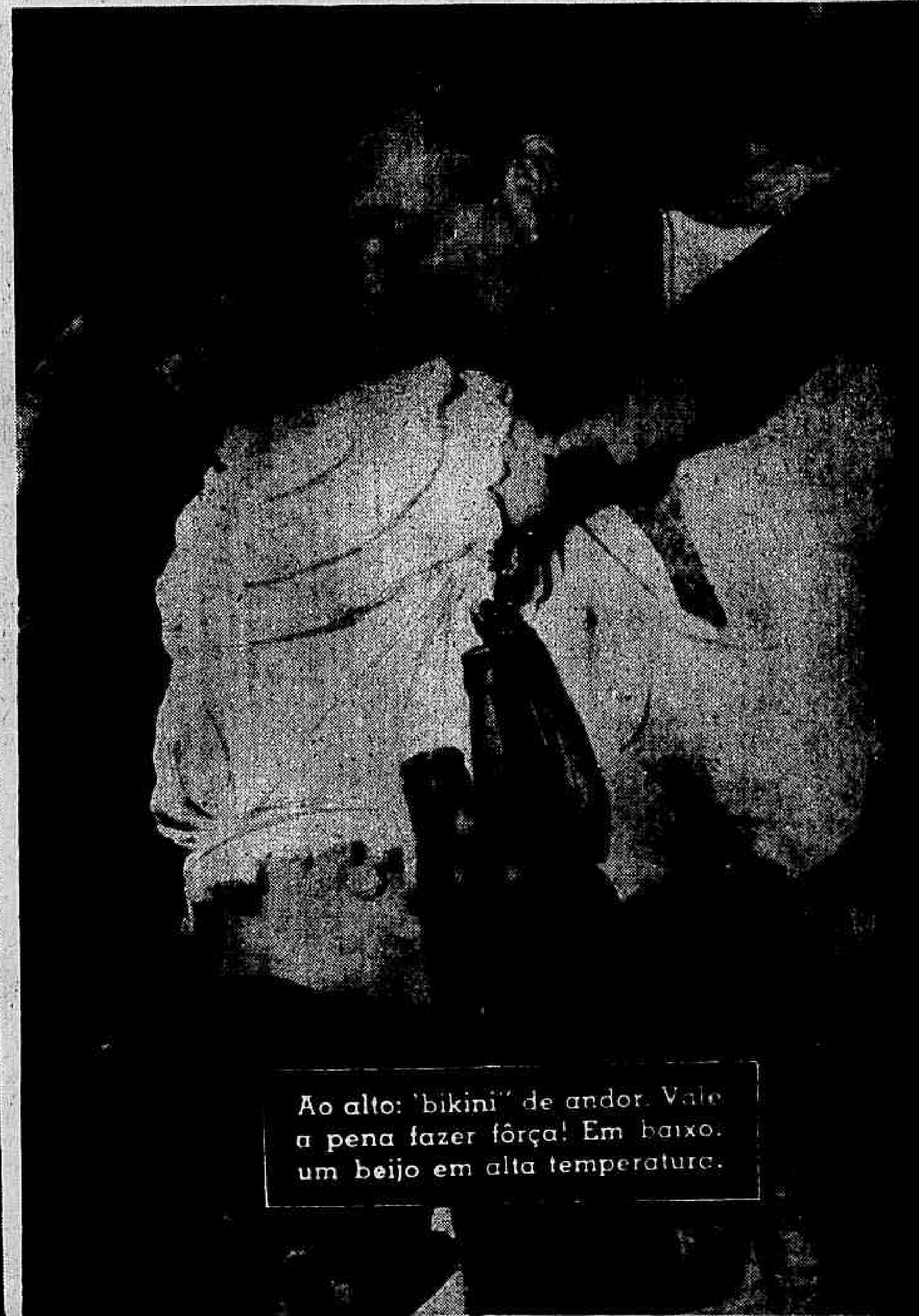
Ao alto: "bikini" de andor. Vale a pena fazer fôrça! Em baixo, um beijo em alta temperatura.







Ao alto: aperitivo em "bikini", no Baile dos Artistas. Em baixo: primeiro tempo de um beijo.



Ao alto: "bikini" de andor. Vale a pena fazer fôrça! Em baixo, um beijo em alta temperatura.







NADA FALTOU ao Carnaval de rua e aqui vemos flagrantes de sua imensa variedade: um grupo encantador de chinesas, marmanjos de fraldas e chupeta, o palhaço tenebroso e um grupo de senhoritas? Oh, não!



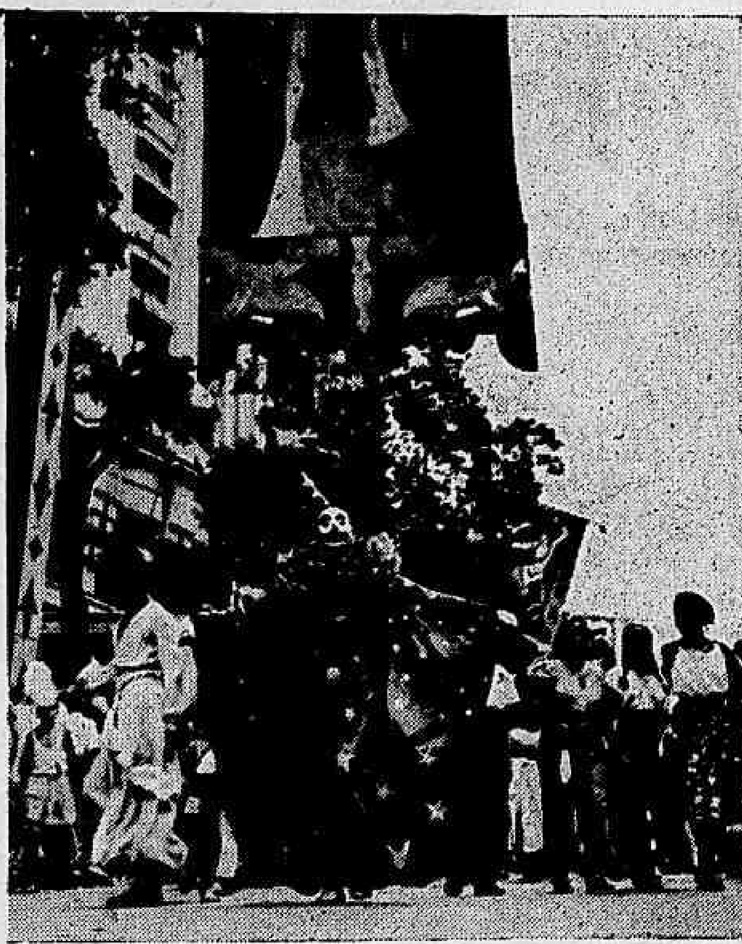
PERGUNT
ministro d

A

QUEM



PERGUNTARAM se atrás dos mascarados estava o ministro do Trabalho, Segadas Viana. Parece, não é?



UM ENORME palhaço andou morcegando na Avenida Rio Branco para assustar e alegrar a gurizada.



O FOTÓGRAFO "lambe-lambe", trajado à moda de Barreto Pinto, foi uma nota divertida do Carnaval.

A RUA IMPREVISTA E PITORESCA



QUEM CORRE alcança... e cansa. O jovem casal pinoteou muito, mas "pregou"!



O TORPOR derrotou o moço. Cansaço ou sono de éter? Êle tem um lenço na mão.

A POLICIA PERSEGUE O "BICHO"...



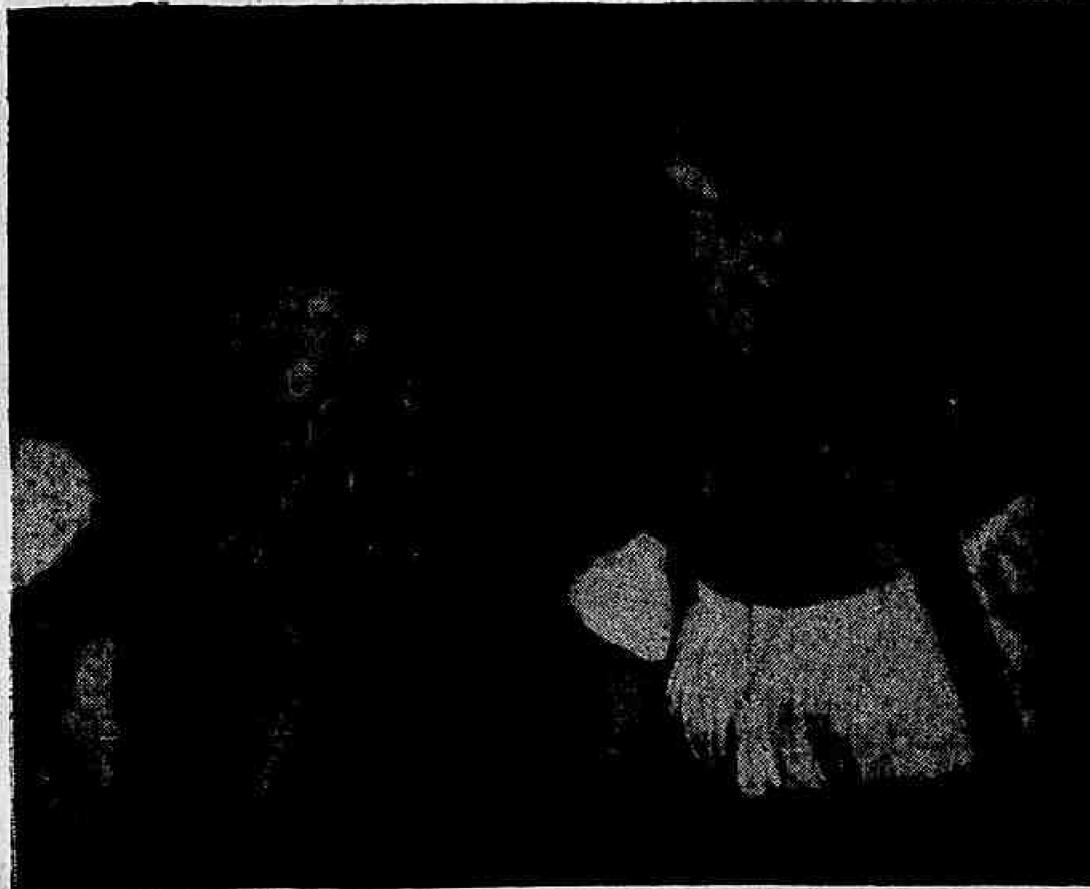
O DELEGADO — O cavalo, não, **seu** idiota! Você quer acabar com as corridas do Jóquei?!



TIJUCA TÊNIS CLUBE

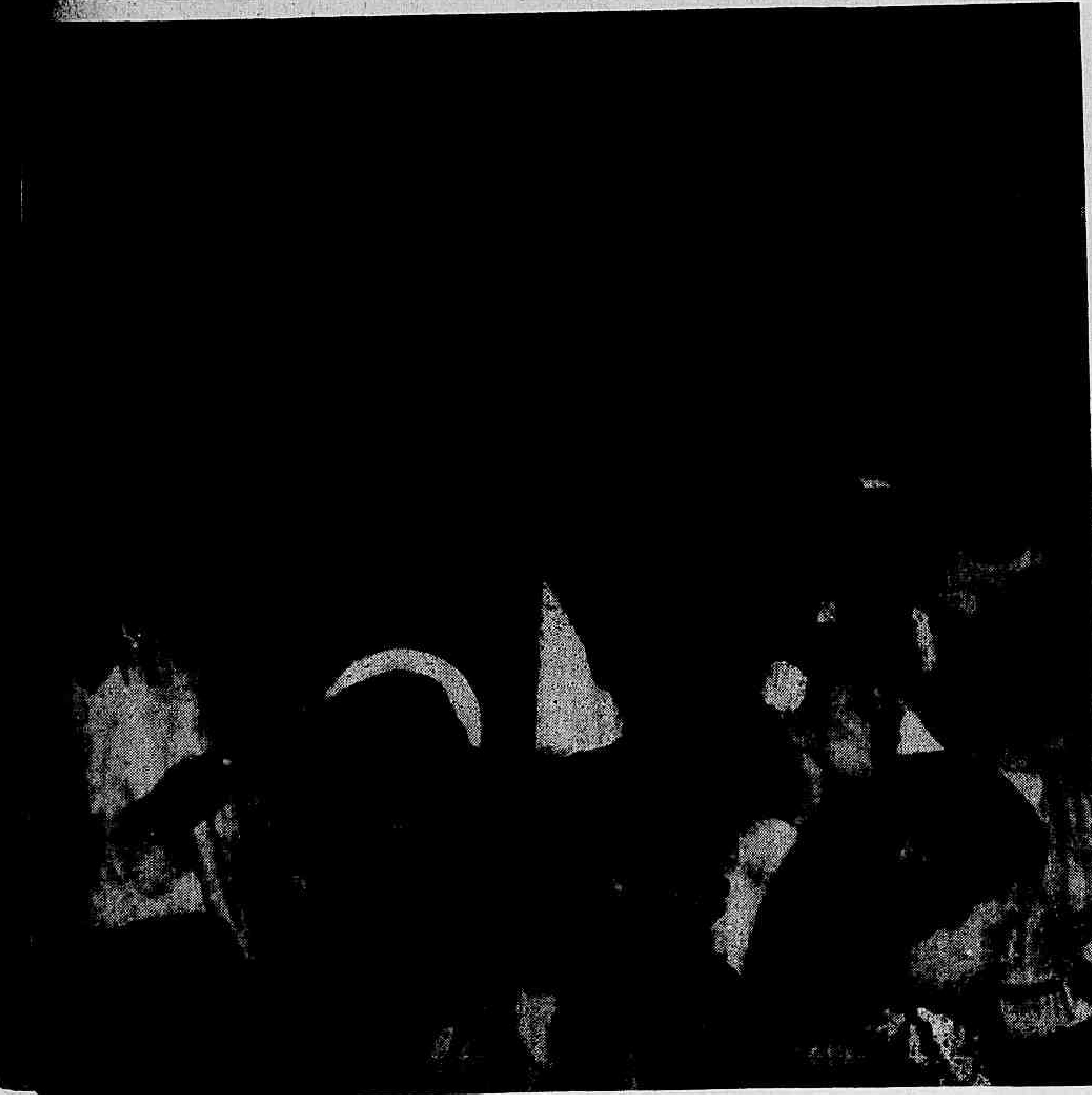
CANTAR, APITAR, dançar, agitando os músculos, requebrando os olhos. Eis o Carnaval. Ninguém acredita que sejam apenas três dias! De tão gostoso até parece que é eterno. Também foi assim na sede do Tijuca Tênis Clube: um delírio de brôtos e balzaqueanas...







AUTOMOVEL CLUBE





O AUTOMÓVEL Clube também esquentou êste [...] e a temperatura pode ser tomada nestas fotos. Especialmente na que está no canto, à direita, onde [...]



vê um beijo de secar a garganta. Mas o entusiasmo da festa ainda palpita em outros flagrantes [...] dos de sorrisos, serpentinas e braços erguidos.



OLÍMPICO





O OLÍMPICO foi, ainda êste ano, uma grande família que se divertiu com Momo. A orquestra enchia a Cinelândia de vibração e fustigava o ânimo carnavalesco da massa de associados.









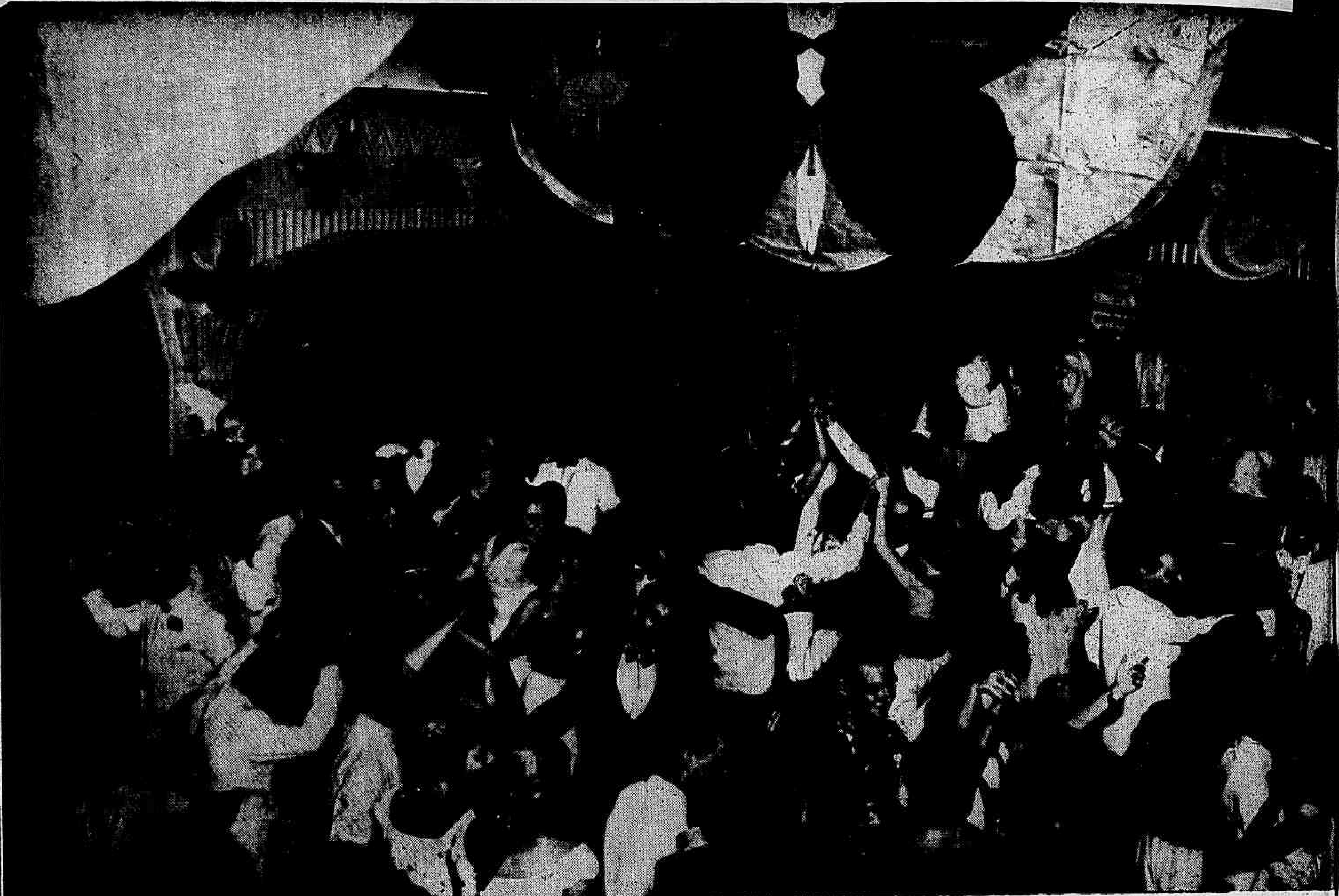
FLAMENGO

UMA VEZ Flamengo, sempre Flamengo — parece [illegible] bém valer para o Carnaval. Os foliões são, em [illegible] número, os mesmos de sempre. E desde sempre [illegible] fazem uma folia de abafar. Espiem estas fotos...









AMÉRICA F. C.

UMA FESTA bem comportada, a da sede do América, com muito "smoking" e seu correspondente vestido de baile. Mas divertiu bem, num ambiente de cordialidade.





GRAJAÚ T. C.

NO GRAJAÚ, os pares encontraram uma festiva decoração e um entusiasmo entretido por uma boa bateria. Os flagrantes acima revelam a alegria da mocidade

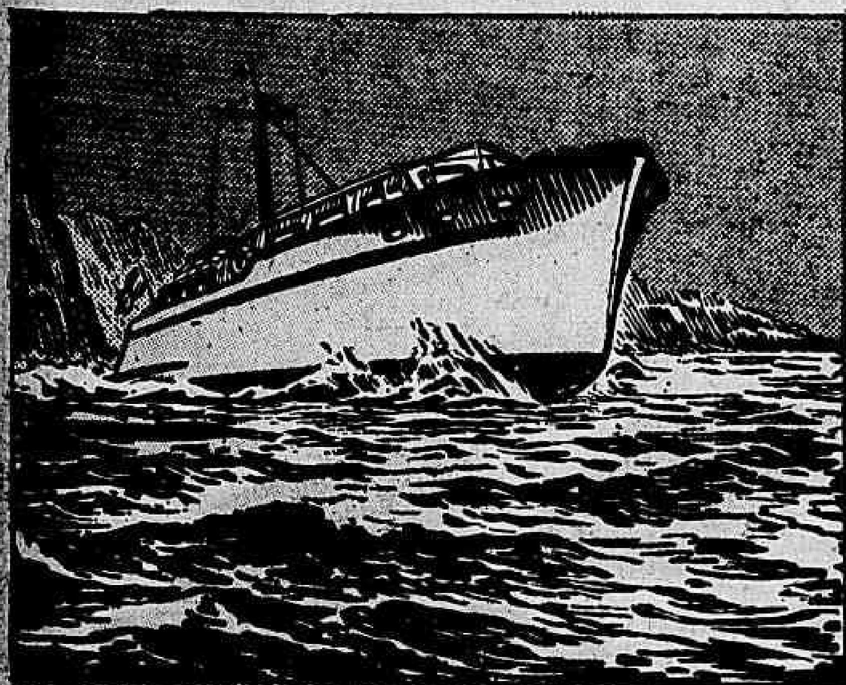
ÊSTE MUNDO E O OUTRO

Vista aérea com tele-objetiva do último carnaval

Criação de DARCY

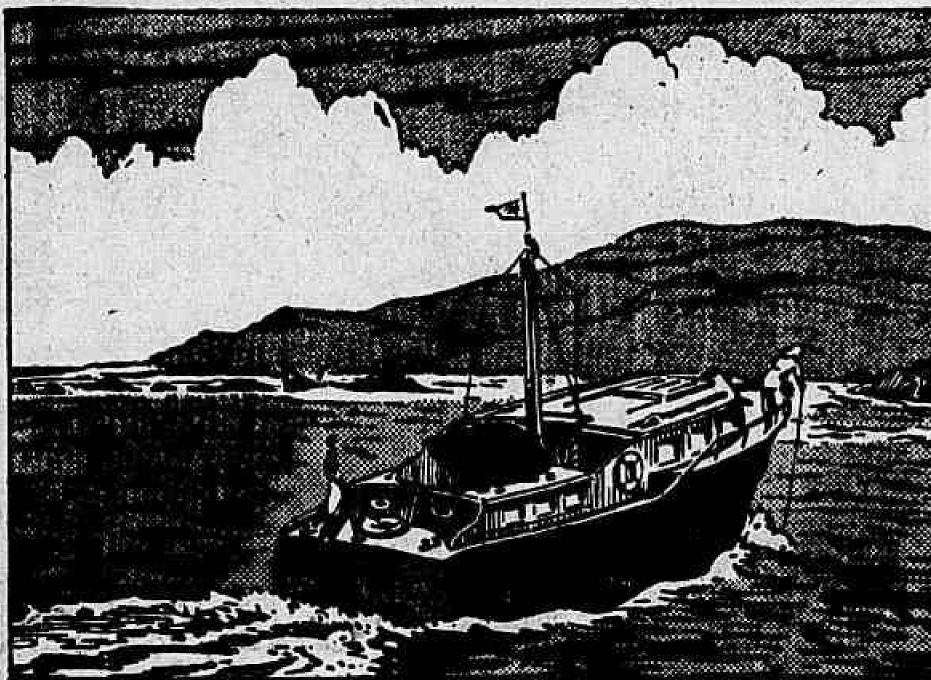


AVENTURAS DO CAPITÃO ROB
O IMPÉRIO CELESTIAL





7 Imediatamente depois que a tempestade passou, "Pandora" tratou de largar da ilha Catoway. Há, apenas, duas pessoas a bordo. Mas que duas! Duas lindas garôtas! São elas Willy West, bela lourinha, e sua melhor amiga, Margaretha Morris, encantadora morena. Morris é uma jornalista a serviço da grande emprêsa Film & Press Association, que pôs à sua disposição excelente lancha a motor. Graças a isso ela já conhecera grande número de lugares neste mundo. Willy era cinematografista de pulso. "Tudo O. K.?" Perguntou Marga. "O. K.", respondeu a outra. Então partiram velozmente em busca do "Liberty".


8 As moças a bordo do "Pandora" pesquisavam cuidadosamente por tôda a zona onde deveria estar o "Liberty". Contudo elas não encontraram um só vestígio do barco. De súbito elas começaram a ouvir como que uns latidos vindos da praia. "E' um cão! Bem, com certeza êle deve ter chegado à praia", disse Willy. Então Marga dirigiu a lancha por entre os recifes, com muito cuidado, em direção à praia, enquanto a outra sondava a profundidade e procurava localizar os latidos do cão. Enfim, viram "Skip" e desceram radiantes. Afagaram-no e perguntaram: "Onde está seu patrão?" Teria Rob sucumbido no mar?





9 "Skip" as guiou até ao lugar em que Rob ainda estava desacordado. As moças se ajoelharam junto dêle e procuraram reanimá-lo, fazendo-o voltar à vida. "Tem conhaque com você, Willy?", perguntou Marga. Willy tinha. Bastaram algumas gotas para reanimar o náufrago. Que imensa surprêsa teve o Capitão Rob ao ver-se entre duas lindas garôtas, na praia deserta! "Onde estão os outros tripulantes?" perguntou Marga. Mas o Capitão Rob lhes explicou que não havia mais ninguém no seu "Liberty", se não êle e o seu cão Skip. Onde estaria o seu iate? Nenhum vestígio! Isso doía no coração do navegador!

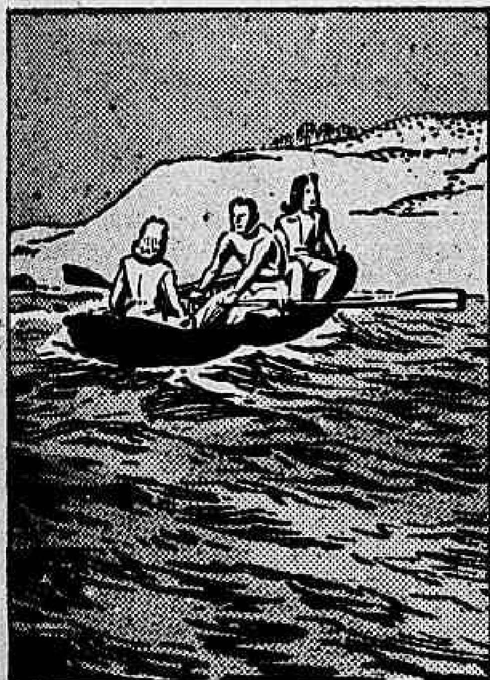
RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — O navegador solitário, Capitão Rob, em seu pequeno e frágil iate "Liberty", navegava em alto mar, quando o seu cão "Skip" começou a ladrar furiosamente. O Capitão Rob, olhando para o camarote, teve a impressão de que via o fantasma do pirata "Pe-pe", que reclamava o tesouro que ia no iate. Sobreveio terrível tempestade. Rob emite sinais de S.O.S. que são captados pelo iate "Pandora", o qual se dirige para o local em que se encontra o navegador. O barco de Rob naufraga e êste consegue salvar-se, com o seu cão, nadando para uma ilha deserta, acompanhado por gargalhadas sinistras de um ser invisível. Exausto, é então salvo pelo cão que o conduz à terra.

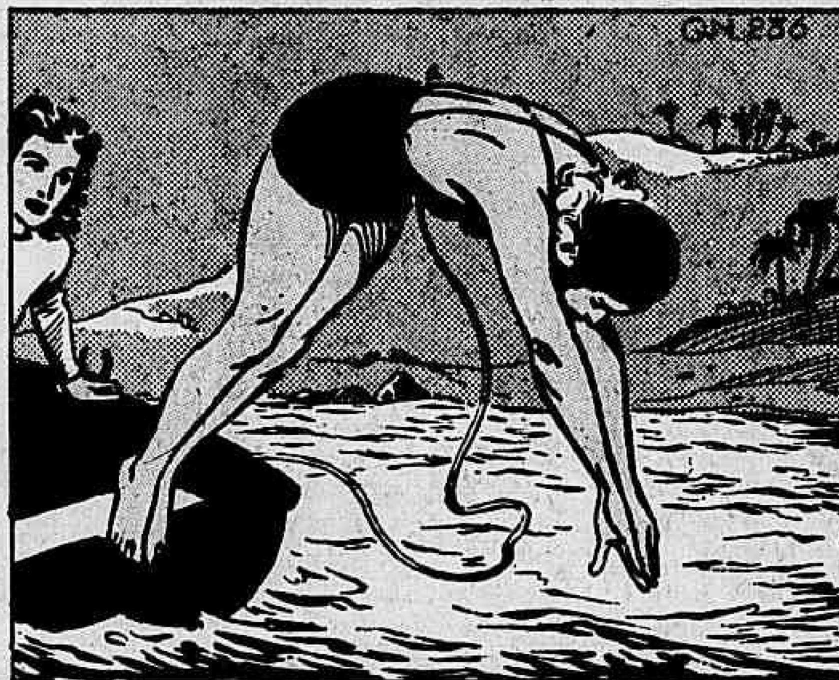


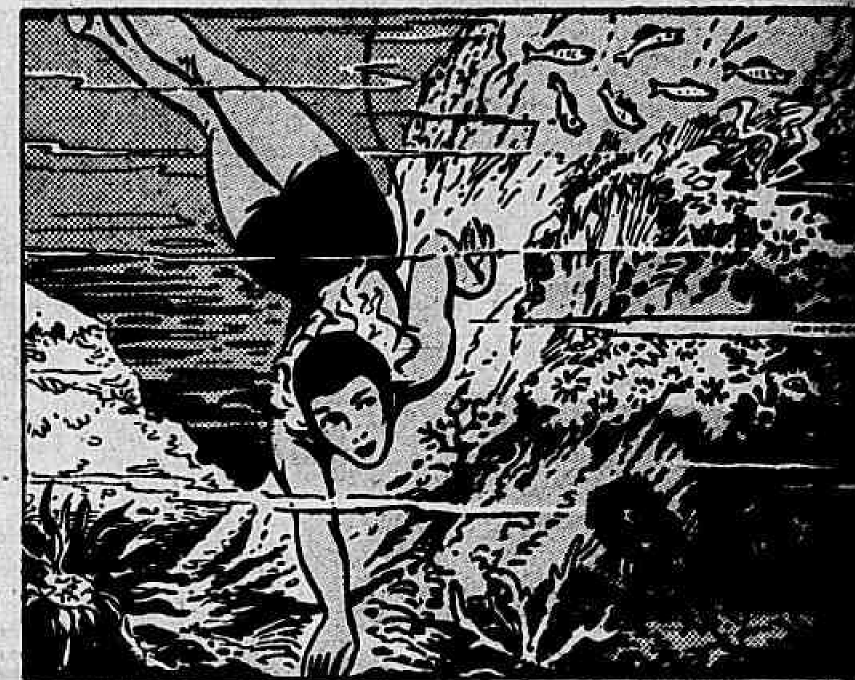




10 Tomando mais um gole de conhaque, Rob ficou pronto para tratar da vida. Sentia, porém, terrível dor nas costas. Amparado por Margarida êle se encaminha para a lancha. Willy aproveita a oportunidade e roda alguns metros de Rob ajudado pela morena. Dali foram para bordo da lancha a motor e narrou às salvadoras tôdas as suas aventuras. As moças ficaram perplexas com o episódio do Capitão Rob na Ilha dos Pinguins, com o Professor Lupardi. Quando Rob lhes disse que o tesouro de Pete tinha ido para o fundo do mar, elas propuseram mergulhar no local do naufrágio para reavê-lo. Rob ficou apreensivo.







11 Na manhã seguinte êles seguiram com o propósito de procurar o ouro. Rob mostrou o local em que seu barco naufragara, por vingança do espírito de Pete. Através da limpidez da água, êles puderam avistar no fundo do mar, alguns objetos do barco. Willy era exímia mergulhadora. Ela procura pesquisar o leito do mar. Com uma corda amarrada à sua cintura, ela mergulha de cabeça. Marga, em tom de pilhéria lhe diz: "Não venha à tona sem trazer êsses milhões, ouviu?" "Vou tentar!" responde a mergulhadora caindo ao mar. Talvez que a tempestade houvesse levado para outro local o baú cheio de ouro.







12 Chi! Um grande baú de bronze aferrolhado lá estava entre os recifes de coral. Devia ser o tesouro. Imediatamente, ela amarra o baú à corda que levara e sobe num impulso até à superfície. E grita para Rob: "Amarrei o tesouro. Agora faça fôrça para içá-lo!" A corda ficou esticada como se fôsse rebentar. A mergulhadora, agarrada à borda do bote, fazia fôrça para equilibrar a embarcação que estava a ponto de emborcar. Mais uma vez ela mergulhou para desobstruir o baú. Mas tudo em vão. Por fim, eis o baú pescado! Rob o abriu e achou que eram bugigangas. As moças, porém, estavam radiantes!

OS DESAMPARADOS

O vento andava louco, correndo pela noite, empurrando portas e ja... querendo levantar os telhados ...ôdas as casas do vilarejo pobre. Só ...o. Nada de chuva. Se chovesse seria ...os horrível. A chuva, batendo no ..., acalmaria os temores, traria so... ...ara os olhos cansados e aplacaria ...ria do vento. Mas era só vento ui... ...o pelas frestas dos ranchos. Nas ... dos ricos, onde não havia frestas, ...rrava as janelas fazendo barulho, ...ndo ameaças. Lá fora a noite pare... ...eita de gemidos. O uivo longo do ...o era mais tremendo que o uivo dos ... ou que um apito demorado e triste ...locomotiva em noite quieta; êsses ...iam presságios de amargores, mas ...to, uivando ao redor da gente, ...ando e grunindo, empurrando pa... ... e tetos, era mais terrível, muito ... que o lamento sentido dos cães ... à corrente ou o grito estrídulo ...ocomotivas parando minutos na pe... ... estação cinzenta.

...Salvador levantou o rosto e olhou ...a mulher, como se tivesse sentido ... de seus olhos doces e tristes. Seu ...dor era polaco, ruivo, cara larga ...va sempre de luto por uma cria... ...que nunca se soube quem fôsse. A ...r era brasileira, cabelo escuro e ...prêso num coque no alto da cabeça. ... amarelo e magro. E uma porção ...nos sujos e maltrapilhos enchendo ...uena casa de madeira, à beira da ...a. Uma criançada magra, com fo... ...oente, escabelada e sempre suja. ...u Salvador tinha cara de limpeza. ...lher, com seu jeito estranho, fazia ...ar uma tísica ou uma criatura ... por um câncer ou qualquer outra ... terrível e oculta, que a minava ...ntro, sem ninguém saber.

...crianças brincavam fora, na frente ...a. Nos dias quentes ou frios. Da... ...o no mesmo. Se havia sol, havia ... e era preciso correr sôbre o ca... ...espiar a lagoa com mêdo de cair ..., atirar pedra nos sapos que coa... ... ao redor. Se fazia frio, era pre... ...rrer para esquentar o corpo, por... ...ntro e fora de casa o frio doía ...mo. De taquaras a velha fazia o ...ho de chão. As crianças, às vêzes, ... à procura de aparas, costaneras ... refugadas na serraria, mas era ... encontrar algum resto. Nunca ...vam a tempo. Sempre havia ou... ...pobres, mais ligeiros, que chega... ...ntes e só deixavam cavacos esfa... ..., porque até os pobres, quando ...lguma sorte, se dão ao luxo de ...r alguma coisa.

...Salvador e a mulher de rosto ama... ... se olharam muito tempo. A mu... ...areceu-lhe uma estranha, tão di... ... da que conhecera. Seria o uivo ...to que mudava tudo? Salvador ... a sentir mêdo daquela mulher ... no chão, velando o filho doente, ... para êle com aquêles olhos de ...não via nada. Não era esta a sua .... Não! Alguma coisa acontecera ... dela. Ou dentro dêle? Ou era o ... do vento e o filho doente que ...ransformavam nessa noite longa ...? Salvador sustentou o olhar da ..., olhando-a também com olhos ... de quem não sabe qual dos sen... ... deve botar nêles, porque não ...rria o que a mulher podia estar ...do naquele momento, enquanto os olhos de um pousavam tão demoradamente nos olhos do outro.

— Mulher... — Salvador falou baixo por causa do filho adormecido.

Luísa continuou olhando fixo, como se não tivesse ouvido. Que teria acontecido com ela? Por certo que um filho doente, e tão logo o guri, podiam deixar a gente assim, indiferente a tudo que pudesse acontecer ao redor. Pois também êle ficara num desespêro tão grande que, ontem à noite, quando dera por si, estava sòzinho no fundo da casa chorando, sem fazer ruído, mas chorando como criança, ensopando as mãos onde escondera o rosto largo. Mas, agora que a criança dormira, tudo lhe parecia bem, como se o sol também já estivesse para sair depois da chuvarada.

Era o único menino. O resto era menina de cabelos amarelos, crespos na ponta, que abanavam ao vento quando elas corriam com as pernas frágeis e lhe faziam pensar em coisas que nem



êle sabia ao certo. Outras crianças, claras assim, correram no passado, sob seus olhos, abanando cabelos côr de trigo? Seria alguma velha lembrança daquele tempo?

Êste, o que estava deitado nos trapos sujos e pegajosos, era o único menino, o filho mais querido e, mais do que isso, era o companheiro. O que ficava ao seu lado quando acendia a fogueirinha de São João. O que agüentava a friagem da noite até que as brasas ficassem sumidas sob o borralho. As meninas ficavam por trás da janela, espiando, gritando quando as taquaras verdes davam um estouro e atiravam faíscas para o ar. A mulher não ouvia gritos. Olhava para os pastos onde a geada começava a branquear e ficava a pensar numa infinidade de coisas. Fogo, comida, roupas e doenças. E as crianças, pobres, tão doentinhas, tão magras e desabrigadas. Que seria de todos com mais um inverno rigoroso? Dela e do marido não, que já estavam acostumados, mas das crianças? Valeria alguma coisa deixá-las crescer, para morrer depois, cobertas de miséria? E onde enterrar? Até o entêrro custava dinheiro. Não. Não adiantava nada viver, nem morrer, porque se morressem não havia em casa, sequer, um lençol velho com que enrolar os corpinhos frios antes de entregá-los à terra desejando que, enfim, descansassem.

— Mulher... escuta... — Salvador sentia-se como se estivesse falando com uma visão, com uma figura de gente, mas não realmente com gente, porque a mulher, que parecia estar com os olhos nos seus, estava olhando mais para diante, fixamente, como se houvesse descoberto algo na parede, por trás dêle. Salvador virou-se. Não havia nada. De repente, a casa inteira estremeceu com a ventania, dando estalos. As árvores, sacudidas, faziam um barulho de fôlhas que enganava a gente. Parecia uma chuvarada contínua. Era só fôlha. Era só vento. Às vêzes um eucalipto vergava muito e o vento lhe arrancava punhados e punhados de fôlhas e as jogava longe, como se estivesse louco e quisesse despir tôdas as árvores que o inverno ainda não conseguira desnudar. Os cinamomos que rodeavam a casa estalavam galhos. Lufadas mais fortes empurravam a porta. Salvador pensou em levantar e abrir, porque até parecia gente assustada querendo entrar, pedindo abrigo. Olhou para a porta, depois para a mulher. Ainda havia em seus olhos parados a mesma expressão de vazio. Depois ela se voltou para o menino. O vento parecia ter recuado. Tudo ficara em silêncio, um silêncio tão agudo depois de tanto barulho, que chegava a doer nos ouvidos da gente. Salvador pensou:

— Volte, vento!

★

A mulher puxou as cobertas agasalhando o menino e teve um estremecimento quando o vento retornou, mais estrondoso, passando mãos loucas nos galhos das árvores, encostando ombros possantes às casas de madeira, forcejando para botá-las no chão.

A mulher estremeceu. Seu Salvador tinha uma pergunta nos olhos claros. Desta vez ela nem demorou seu olhar nos olhos dêle. Foi leve, foi muito depressa que seus olhos se encontraram e se disseram alguma coisa.

A mulher continuou outra vez olhando a parede, para além da parede, para além de tudo, com olhos muito vazios que, à fôrça de olharem, perdessem tôda a expressão.

Lá fora uma árvore caiu com estrondo e por um tempo o rumor demorou acima do rugido do vento. As paredes estalavam. A casa parecia não agüentar mais, estremecendo e arquejando sob a fôrça da ventania.

Salvador olhou para o filho muito quieto, quieto demais naquela noite de gemidos e agitação frenética. E não teve coragem de erguer os olhos até à mulher.

A primeira pancada de chuva caiu de repente, estalando no chão ressequido, jogada com fúria pelo vento que depois foi-se aplacando. A chuva continuou caindo, noite a dentro, grossa, forte, quase mansa. Dentro da casa a água das goteiras caía em latas fazendo, de tempo em tempo, um ruído metálico, como uma cantiga monótona. Ou como um lento e mal tocado dobre de finados.

— E agora? E agora? — Seu Salvador perguntava-se. Sem querer, sua voz juntava-se ao pingo da goteira e êle já nem sabia se era êle quem falava, se era a chuva, se era o vento, se eram os olhos secos da mulher, se eram os pingos da goteira batendo no fundo das latas enferrujadas.

Mas, de qualquer jeito, aquilo tudo parecia-lhe um grito, ansioso, exasperante, rouco e infinitamente dolorido.

— E agora, meu filho?

Escorrendo, pingando nas latas, batendo na porta, a chuva não respondia. Só perguntava.

...onto de THEREZA DE ALMEIDA ★ Ilustração de GIPSON DE FREITAS



SE O CAPACETE pesava, não parecia. Ela se agitava animadamente no salão superlotado de foliões.

CINCO MIL GRÃ-FINOS NUM BAILE DESLUMBRANTE



UF! QUE refrigeração! Gêlo no porão, calor no salão.

TERÁ sido realmente o último, o baile do Municipal dêste ano? E' o que se perguntam, contristados, não só os freqüentadores da casa na Segunda-Feira de Carnaval mas todos os cariocas que se orgulham de ver ali realizar-se o mais suntuoso baile carnavalesco de todo o mundo. O Municipal não desmentiu êste ano a tradição que vem conservando desde quase vinte anos. Sua decoração artística foi bom-gôsto e a organização da grande festa só apresentou um defeito: a deficiência do sistema de refrigeração. O mais foi empolgante, desenhando um espetáculo de beleza incomparável que fêz o encanto dos que brincaram na noite mágica da Segunda-Feira.



SA.SA.saricando... Todo mundo leva a vida no arame!



DETALHE DO VASTO salão do Teatro Municipal onde se comprimiam e sacudiam nada menos de cinco mil pessoas.

CINCO MIL GRÃ-FINOS NUM BAILE DESLUMBRANTE



CHAMPAGNE e cansaço, deixam um brôto arrazado.



SR. E SRA. João Carlos Vital e o Ministro João Neves



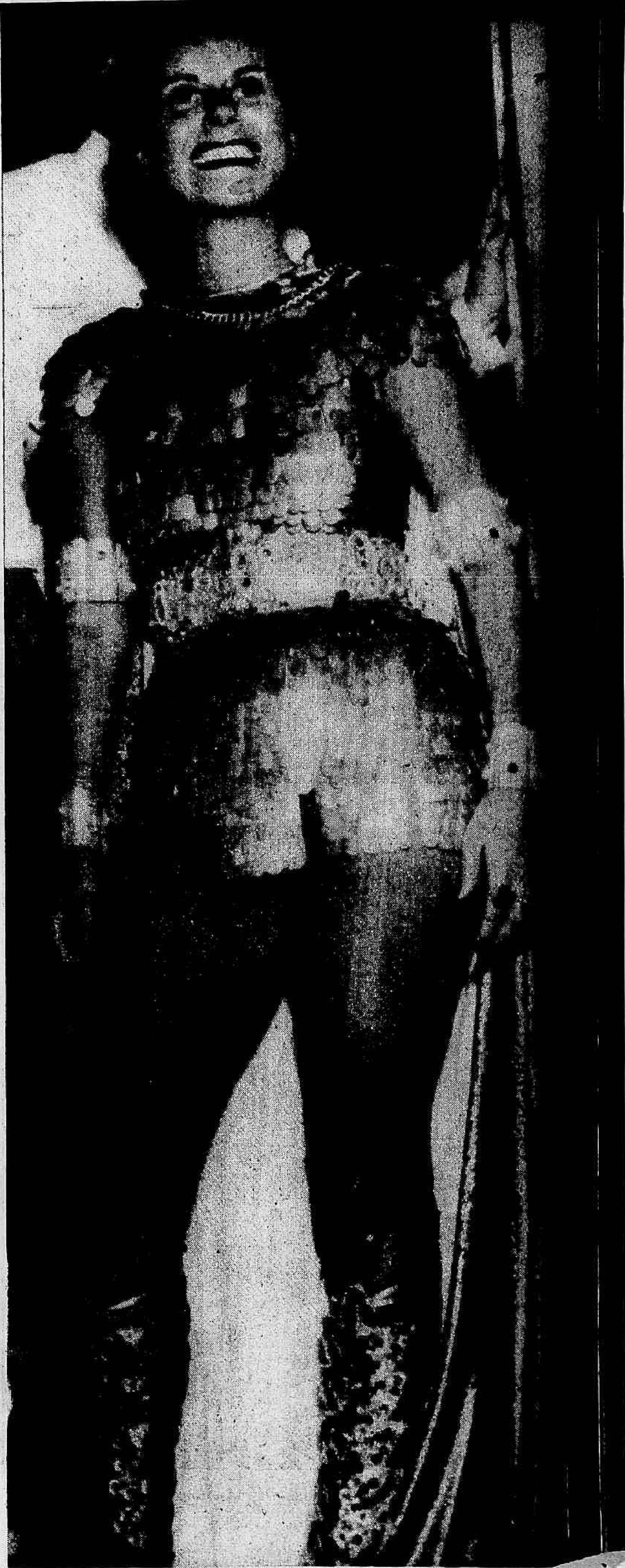
AO DESCOBRIR o fotógrafo ela resolveu fazer pose.



RAINHA DO EGITO (Sra. Monteiro de Castro) ladeada pelas 3.ª e 4.ª colocadas (Varina e Portuguêsa). No clichê à direita, a 1.ª colocada, Sra. Monteiro de Castro.

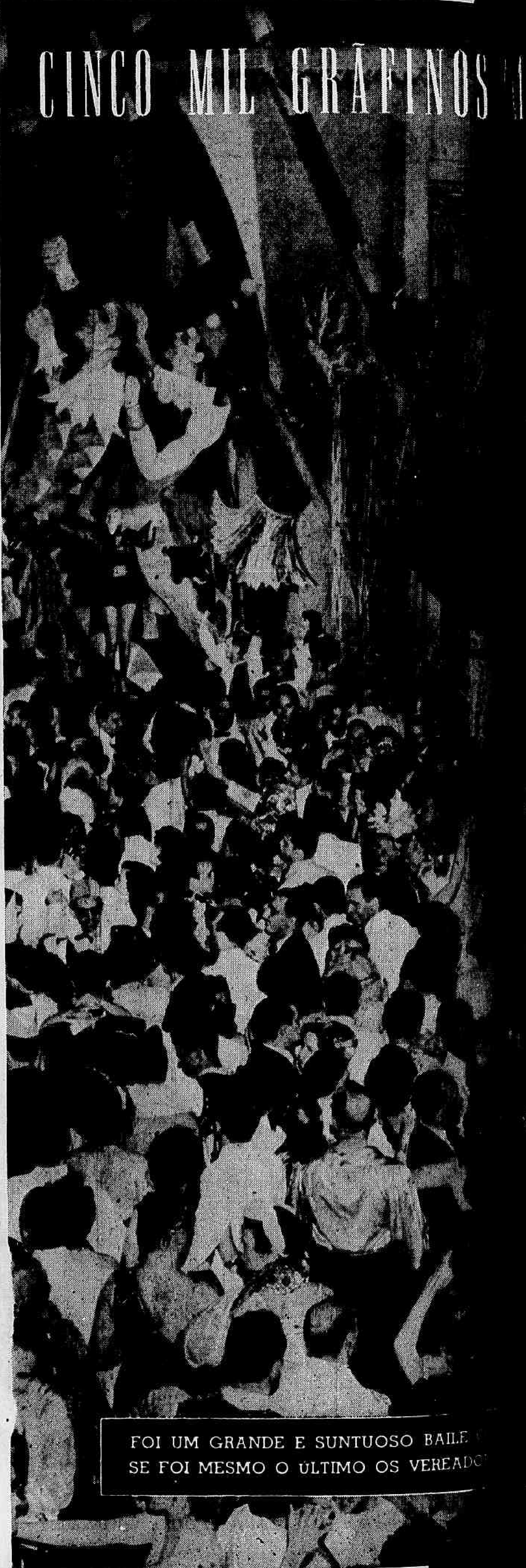


PRÊMIOS: 1.º — Sra. Ruth Amaral (Centurião Romano); 2.º Sra. Domingas Monteiro de Castro (Rainha do Egito); 3.º Sra. Eunice Colbert (Varina).. à esquerda.





DIABO E DIABRETE, como fôsse, a que aparece acima fazia um foguinho do inferno; em baixo, pensando na Quarta-Feira, uma índia norte-americana.



BAILE DESLUMBRANTE



NICIPAL.
ANCADA.



AO ALTO, a manjadíssima Luz del Fuego, vestidíssima, numa sátira às assassinas casadas; em baixo, numa cigana estilizada, uma linda garôta.



VASCO DA GAMA





O CARNAVAL roncou de papo cheio no Vasco. Vejam-se os flagrantes que mostramos: um mar de braços delirantes, mouros conquistando donzelas cristãs, brôtos de pernas de fora. E, rodeando tudo, o vapor estonteante que se aspira nesse reino.



de papo
se os fla-
um mar
mouros
cristãs.
ora. E, ro-
estontean-
sse reino.







GINÁSTICO PORTUGUÊS

A COLÔNIA portuguêsa e seus amigos brasileiros fizeram um bom Carnaval na sede do Ginástico. Uma decoração caprichosa e uma "jazz" de primeira ordem. ajudaram os propósitos dos associados do clube de fazerem uma folia à carioca.







ÊLE chegara ao seu apartamento aí pelas três horas da manhã. Estivera até bem pouco antes em seu gabinete estudando o processo de um caso melindroso que lhe havia sido entregue. Quando introduziu a chave na fechadura, Fred notou que a porta estava aberta e um estremeção de susto sacudiu-lhe o corpo. Com certeza sua casa estava sendo assaltada por algum ladrão e êle não estava armado e não tinha possibilidades de chamar um guarda, desde que seu apartamento estava situado no décimo nono andar. Cautelosamente, Fred empurrou a porta e entrou sem ruído. A sala estava às escuras, mas da dispensa vinha uma luz muito tênue. O rapaz estranhou que o ladrão procurasse aquela dependência, quando em seu quarto havia um verdadeiro tesouro em pedras preciosas por êle colecionadas; sua única distração quando não estava trabalhando era comprar pequenas pedras de aparência exótica que ia depositando em determinada ordem, em uma pequena caixa de bronze com tampa de vidro. Qualquer que fôsse a hora que Fred entrasse em casa, não conseguiria dormir antes de admirar por alguns momentos o seu precioso tesouro. Naquele momento, seu pensamento foi direto à sua coleção, quando notou que havia alguém em casa. Sem fazer nenhum ruído, o rapaz atravessou a porta entreaberta da dispensa em direção ao quarto. Ali tudo estava às escuras, mas seu olhar, habituado já à penumbra, logo distinguiu o estôjo. Um suspiro de alívio escapou do seu peito. Levantando um dos travesseiros, Fred apanhou um pequeno revólver que ali costumava guardar e voltou sôbre seus passos, até à dispensa. Com gesto cauteloso acabou de abrir a porta, e...

— Mãos ao ar!

— Ai, meu Deus! — foi um gritinho de inenarrável susto que êle ouviu e sua arma desceu incontinente para o chão. Diante da geladeira aberta, estava uma garôta tôda maltrapilha, devorando furiosamente um pedaço de carne assada. Vendo-o, sua mão jogou ràpidamente a carne para dentro da geladeira, fechando a porta com violência. Uma vozinha trêmula de mêdo e de frio chegou aos seus ouvidos.

— Pelo amor de Deus, moço... não chame a polícia. Juro que nunca mais farei uma coisa dessas. Eu não tinha outra oportunidade de saciar a minha fome. Há tantos dias que não como... Pelo amor de Deus!

— Muito bem, menina. Não vou chamar ninguém. Agora vá para sua casa e leve êsse pedaço de carne para você. Leve também um pedaço de bôlo, pão e algumas frutas.

A menina começou a chorar. Fred reparou os seus ombros torneados, mal saídos da adolescência, que os soluços sacudiam. Os trapos que vestia mal cobriam o seu busto recém-formado, e as pernas perfeitas estavam igualmente à mostra, protegidas quase que exclusivamente pela combinação curta e em tiras. Os pés pequenos e finos estavam descalços. Reparando em tudo aquilo, Fred sentiu-se comover até à alma, resolvendo-se a todos os sacrifícios para fazer calar a pobrezinha.

— Eu não tenho casa... — soluçou a garôta. — Não tenho ninguém aqui na cidade.

— E como veio parar por aqui?

— Uma mulher doente de muita idade trouxe-me para cá, quando meus pais morreram. Agora ela também morreu. Procurei emprêgo mas ninguém quis aceitar uma maltrapilha como eu.

— Como você conseguiu entrar aqui? Quem lhe abriu a porta?

— Vi quando uma mulher saiu daqui. Ela fechou a porta e botou a chave no bôlso e esta caiu por um buraco; só fiz apanhar e entrar.

— Como chegou até a êste andar?

— Subindo pelas escadas, batendo em quase tôdas as portas pedindo esmolas, mas quase não encontrei ninguém em casa. Quando entrei aqui com a chave que a mulher deixou cair, fiquei esperando sentada ali, sem mexer em nada. Acabei dormindo e só acordei ainda há pouco, com uma fome horrível. Vim aqui na dispensa e tirei um pedaço de carne.

— Está certo. Sei que você não está mentindo. Você será capaz de dormir por hoje naquele sofá?

— Reparando em seu estado lastimável, perguntou-lhe se poderia tomar um banho àquela hora.

— Faz oito dias que não tomo um banho. O senhor deixa que eu tome em seu banheiro? — Fred levou-a ao quarto de banho, acendeu o gás e esperou que a água ficasse temperada. Foi ao quarto, apanhou uma toalha, sabonete e levou-os para a menina. O problema agora era a roupa. De modo algum a garôta poderia ficar com aquêles farrapos. Depois de minuciosa busca, Fred decidiu que a moça usaria um de seus pijamas, embora soubesse de antemão como lhe cairia. Apanhando aquêle que lhe parecia mais curto, levou-o ao banheiro.

— Tome seu banho à vontade, ouviu?

Meia hora depois, era alguma coisa de deliciosamente cômica que deixava o quarto de banho; Fred não conteve o riso e num gesto quase paternal abraçou a mocinha. Foi só então que lhe sentiu o contato, percebendo que aquêle corpinho trêmulo em seus braços não pertencia, de modo

(Cont. na pág. 52)

Conto de LYSA CASTRO

Ilust. de JERONYMO RIBEIRO

CRIANÇAS





Graciosos modelos infantis para a presente temporada

FELICIDADE INESPERADA









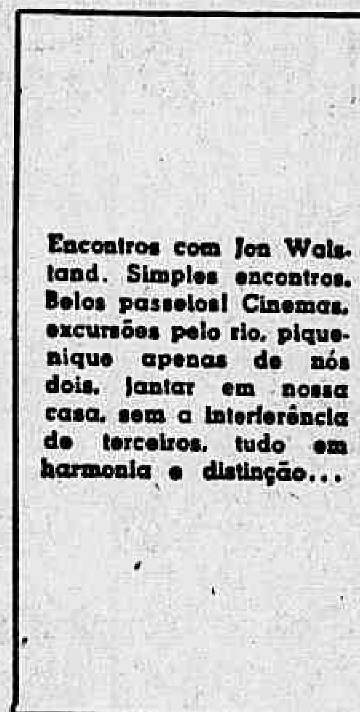




















MARLENE NÃO QUER NEM VER...



...A CARA DE EMILINHA BORBA.

S RADIALISTAS SÃO DE BRIGA

'ORAS QUE SE ODEIAM E SE GUERREIAM ★ VITOR COSTA NÃO PODE OU- 'ALAR EM DÓRIS MONTEIRO ★ UM BANDO DE INIMIGAS NA RÁDIO NA- AL ★ MARILENA ALVES CULPOU RAUL BRUNINI PELO SEU FRACASSO NO CONCURSO DA A. B. R. ★ APESAR DE TUDO, HÁ EXCEÇÕES

Texto de MILTON SALLES

todos os setores da atividade humana, os grandes interêsses e a luta de posições sempre jogaram os homens uns contra os outros. No rádio, como em outro qualquer campo, há inúmeros rivais, importantes e ferrenhos, que se detestam, que se hostilizam, que se odeiam e tudo fazem para ofuscar os que gargalhariam de satisfação com o seu fracasso. São os inimigos do rádio.

O OLHAR DO JATOBA

ntendimento que causou espécie foi o do sitor e produtor Fernando Lobo — que nas vagas também é cronista radiofônico — com tor Luís Jatobá. Talvez por falta de assunto, ou tendo mesmo que fazer uma crítica sôbre um programa de televisão, Fernando Lobo escreveu recentemente que Luís Jatobá tinha uma namorada que assistia os seus programas de TV, por isso, êle (o locutor), sempre piscava para ela nas suas atuações. Foi a conta. Jatobá se aborreceu e quase procurou o produtor da Nacional para tirar um desfôrço pessoal. Hoje, ambos se odeiam mùtuamente....

O DIRETOR FICOU INIMIGO DA CANTORA

Recentemente, numa festinha em que estavam presentes diversos figurões do rádio, a cantora Doris Monteiro, denotando falta de tato ou inexperiência



GRACINDO NÃO TOPA ORANICE



A PISCADELA DE JATOBÁ...



...DEU ENGUIÇO COM F. LOBO.

OS RADIALISTAS SÃO DE...

— ela é um dos brotinhos mais cobiçáveis do «broadcasting» carioca — abriu o verbo e criticou o sr. Vitor Costa, diretor da Rádio Nacional, dizendo cobras e lagartos dêsse cavalheiro. Quando ela acabou de falar, disseram-lhe que o Vitor Costa era aquêle cidadão que se encontrava a pouca distância e que tinha ouvido a sua catilinária. A mocinha mudou de côr e saiu apressadamente da festinha. Desde êsse dia, Vitor Costa não pode ouvir falar em Doris Monteiro...

A «PAUSA» CAUSOU INIMIZADE

Eles eram bons amigos. Tanto que o Paulo de Grammont não poupava elogios ao Roberto Mendes e dava-lhe a oportunidade de aparecer nos principais programas da Rádio Tamoio. Por isso mesmo, quando a B-7 lançou a «Pausa para meditação», o moço Grammont encarregou Roberto Mendes de produzir o programa que teria a orientação de Júlio Louzada. O sucesso da nova audição solidificou mais ainda a amizade dos dois radialistas. Mas, tempos depois, recebendo interessante proposta da Rádio Mayrink Veiga, Roberto Mendes resolveu deixar a Tamoio e levar consigo o programa que lhe tinha dado cartaz. Resultado: Paulo de Grammont não gostou da coisa, entrou em juizo com uma queixa contra a apropriação indébita do título do seu programa e tornou-se o mais ferrenho inimigo de Roberto Mendes. Inimigo a ponto de passar mal quando ouve o nome do outro.

SERÁ AMOR ?

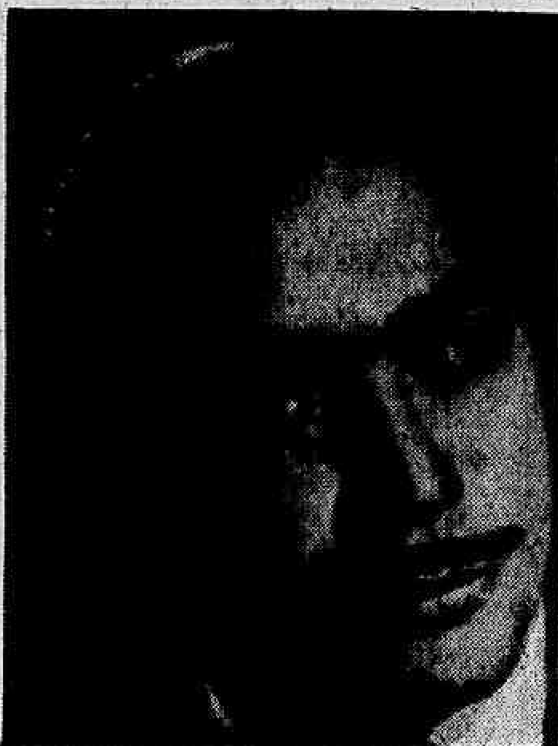
Bill Farr é um cantor de porte elegante e voz macia. Por isso mesmo, goza de invejável prestigio entre as fãs — e entre algumas colegas também. Uma de suas grandes admiradoras, segundo é voz corrente na Rádio Nacional, é a cantora Dolores Duran, sua companheira de emissora. Muita gente jura ter visto a jovem vocalista em estado de êxtase quando o bem trajado Bill Farr — que apesar dêsse nome é brasileiríssimo — interpretava dolentes «beguines». Entretanto, fingindo não notar os sentimentos de Dolores Duran, êle caiu de amôres por Mary Gonçalves, a atual «Rainha do Rádio», de quem ficou noivo. Por êsse motivo, Dolores Duran tornou-se a maior inimiga de Bill Farr.

UM BANDO DE INIMIGAS...

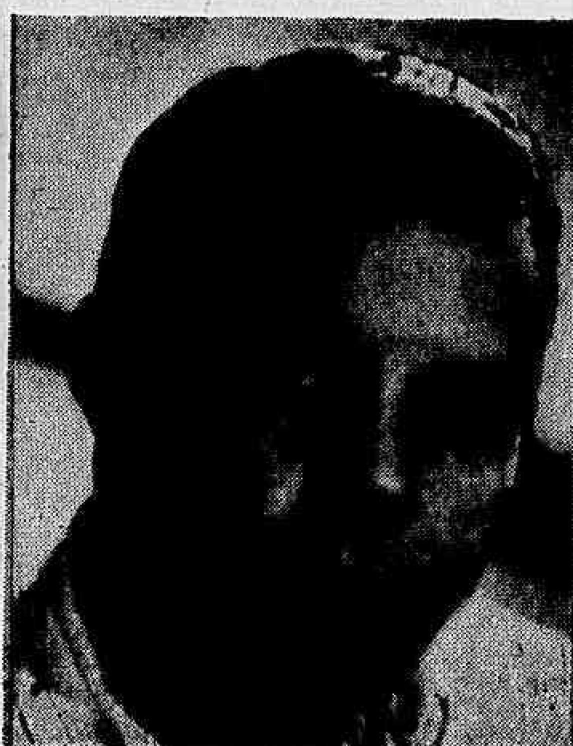
Talvez muita gente não saiba, mas a maioria das cantoras da Nacional são inimigas umas das outras. Assim é que Marlene não se dá com Emilinha — embora muitas vêzes, para a publicidade de algum programa, elas apareçam abraçadas, exibindo sorrisos falsos. Estas duas não se dão nem com Car-



MARILENA QUIS SER RAINHA...



...MAS BRUNINI DORMIU NO PONTO



GOULART NÃO ESTAVA TÍSICO...



...E ROMPEU COM MANÈZINHO

MARY GONÇALVES, A PREFERIDA.



mélia Alves e Linda Batista, que, por sinal, são duas boas amigas. E já que falamos em Carmélia Alves, vale ressaltar que a festejada intérprete do baião é uma das maiores inimigas de Adelaide Chiozzo, que também foi sua rival no pleito realizado pela Associação Brasileira de Rádio para escolher a «Rainha do Rádio». Aliás, nesse certame, quando viu que lhe era impossível conseguir o triunfo, Carmélia descarregou alguns milhares de votos no nome de Mary Gonçalves, a fim de evitar que Adelaide fôsse eleita — e conseguiu o seu intento. O fato, que foi bastante comentado, em face das duas cantoras pertencerem à mesma emissora, aumentou ainda mais a rivalidade entre as duas.

MARILENA JAMAIS PERDOARÁ O BRUNINI

Por falar em «Rainha do Rádio», convém esclarecer que foi num dos pleitos da A.B.R. que nasceu a inimizade entre Marilena Alves e Raul Brunini. A elegante artista-corretora, dispondo de centenas de milhares de cruzeiros para eleger-se, quis, também, contar com o apoio de Raul Brunini, que se prontificou a auxiliá-la. Em vista disso, Marilena amoleceu um pouco o seu trabalho, confiante na ajuda do colega. Entretanto, ao que parece, Raul Brunini «dormiu no ponto», e Dalva de Oliveira foi eleita «Rainha do Rádio», classificando-se Marilena em segundo lugar. No dia da última apuração, entre copiosas lágrimas, ela se desabafou com o Brunini, dizendo-lhe: Você é o culpado de tudo. Se eu não tivesse confiado em você, teria sido eleita «Rainha do Rádio». Aborrecido, Raul Brunini retrucou àsperamente. Houve bate-bôca meio forte e os dois ficaram inimigos — inimigos para todo o sempre, como fazem questão de frisar.

A TUBERCULOSE DE JORGE GOULART

Com aquêle seu jeitão de nortista ousado, Manèzinho Araújo não esconde o que pensa. Diz o que tem vontade de dizer, doa a quem doer. Ainda há pouco, em face de Jorge Goulart ter-se recusado a gravar algumas de suas músicas, êle declarou, em alto e bom som que o jovem vocalista estava tuberculoso e que não levaria muito tempo bancando a cigarra. Quando soube disso, o moço Goulart estrilou. Estrilou e tirou umas chapas de Ráio-X. Em seguida, foi a um periódico especializado em assuntos radiofônicos e asseverou que a sua saúde era de ferro, ao contrário do que diziam alguns «línguas-de-trapo». Hoje, êle é um dos nomes que figuram na lista dos inimigos de Manèzinho Araújo.

CINCO CONTRA DOIS

No princípio, a dupla Paquito-Romeu Gentil era muito amiga dos Vocalistas Tropicais, conjunto vocal que o público conhece sobejamente. A amizade chegava a tal ponto que todos os sucessos da dupla de compositores eram gravados pelos jovens nordestinos que integram aquêle quinteto. Assim, a dupla e o conjunto triunfaram em dois carnavais com as marchas «Jacarepaguá» e «Daqui não saio». No ano seguinte, porém, querendo alcançar maior êxito, Paquito e Romeu Gentil, depois de fazerem os Vocalistas gravar a marcha «Tomara que chova», deram-na para Emilinha perpetuar na cêra. Resultado: os Vocalistas ficaram desgostosos e foram para a imprensa, chamando os dois fabricantes de melodias de «fominhas». Daí nasceu a inimizade que não deverá acabar tão cedo.

OUTROS INIMIGOS

Além dos que enumeramos acima, também são inimigos — e alguns figadais — os seguintes radialistas: Nestor de Holanda e Almirante; Dalva de Oliveira e Herivelto Martins; Raimundo Lopes e Teixeira Pinto; Hemilcio Fróis e Teixeira Pinto; Paulo Gracindo e Oranice Franco; Ismênia dos Santos e Zezé Fonseca; Marino Pinto e Herivelto Martins; Antônio Maria e Miguel Curi e, segundo as más línguas, Aldo Madureira e Luís Quirino, dois

(Cont. na pág. 52)


MARY GONÇALVES, A PREFERIDA.




DALVA BRIGOU COM HERIVELTO.

WEEK-END NA COZINHA

SALADA PLUS-ULTRA

Uma lata de fundos de alcachofras, uma latinha de trufas, meio quilo de camarões — lagosta cozidos, uma latinha de champignons, uma de pontas de espargo, um pouco de presunto picado e môlho maionese que baste. Alface bem picadinha. Arruma-se no centro de um prato redondo os fundos de alcachofras, cobre-se com o môlho maionese, pondo-se em cima de cada fundo de alcachofra um camarão e no centro dêste um pedaço de trufa. A volta arruma-se as pontas dos espargos intercaladas com os camarões que sobraram, e os champignons, espalha-se por cima o presunto picado, regando-se em volta com um môlho qualquer para salada. Contornando tudo, arruma-se a alface picadinha também temperada com o mesmo môlho. O resto do môlho de maionese serve-se à parte.

DOBRADINHA OU BUCHO ENSOPADO

Limpa-se bem o pêso de bucho, raspando-o com uma faca e esfregando-lhe limão em todos os sentidos. Lava-se em água fervendo e leva-se a cozinhar em água com cheiros verdes. Depois de bem cozido, escorre-se a água, e pica-se em pedacinhos ou tiras que se levam a refogar em gordura quente com cebola picadinha, sal com alho, tomates, cheiros verdes, pimenta do reino e pimenta verde passada. Depois de bem refogado, junta-se um pouco de água e deixa-se ferver um pouco para que o bucho ou dobradinha tome o gôsto dos temperos. Serve-se com bastante queijo ralado por cima. Prepara-se também com feijão branco.

PURÊE DE CASTANHAS

Tome um quilo de castanhas, dê 1 talho na casca grossa e leve ao forno sem deixar secar. Retire as duas cascas, cubra de água e sal, e leve ao fogo para terminar de cozinhar. Escorra e passe pelo expremedor ou por uma peneira. Tempere com 1/2 colher de açúcar, 1/2 de manteiga e 1/2 xícara de leite quente. Bata com o batedor e sirva com aves assadas.

FÔLHAS DE REPOLHO COM ARROZ

Tome 12 fôlhas de repôlho e cozinhe em água e sal. Depois escorra e coloque dentro de cada um uma colher de arroz, não muito sôlto. Enrole, passe em ovos batidos e frite em banha quente. Sirva com línguas.

CHARCADA

Faz-se uma calda bem rala com meio quilo de açúcar e dois copos de água. Bate-se muito bem 2 claras e junta-se-lhe 12 gemas, batendo mais um pouco, e quando a calda estiver fervendo, mais ainda rala, deita-se em volta da panela por um fúnil, os ovos batidos, deixando-se que a fervura continue até se reduzir bem a clara. Retira-se, então, deixa-se esfriar e despeja-se cuidadosamente numa compoteira.

CREME DE LIMÃO COM VINHO DE MAÇÃS

1/2 litro de vinho de maçãs, 150 grs. de açúcar, 4 colheres de caldo de limão, 3 gemas, 1/2 colherinha de farinha de batatas, casca de 1 limão. Tira-se bem fina a casca do limão, põe-se no vinho das maçãs, ao qual se mistura também a farinha de batatas. Bate-se as gemas com o açúcar e com o caldo do limão, despeja-se sôbre êste creme o vinho fervendo, leva-se ao fogo, mexendo-se até pouco antes de ferver, coa-se e bate-se até esfriar.

GELÉIA DE LIMÕES

4 a 5 litros de vinho branco ou caldo de maçãs, 2 claras, 300 grs. de açúcar, 20 fôlhas de gelatina. Mistura-se o caldo dos limões, o vinho branco ou o caldo das maçãs e uma tira de casca de limão; deve-se obter 1 litro de líquido. Deixa-se cozinhar, junta-se o açúcar, a gelatina amolecida e as duas claras batidas com 2 colheres de sopa de água, e leva-se isto mais uma vez ao fogo. Deixa-se em lugar quente por uns 15 a 20 minutos, coa-se num pano e põe-se em copos ou então põe-se em uma vasilha de porcelana umas frutas cozidas e frias (compota também serve) e despeja-se por cima a geléia.

PUDIM DE PÊSSEGOS

8 a 10 pêssegos, 150 grs. de açúcar, 5 claras. Descascam-se as frutas, tira-se os caroços e passa-se por uma peneira com a metade do açúcar. Mistura-se o resto do açúcar com as claras e junta-se à massa. Põe-se em uma fôrma bem untada e assa-se em forno durante 3/4 de hora.

SOPA FRIA DE MORANGOS

Um litro de morangos, meio litro de água, uma garrafa de vinho branco. Limpa-se os morangos, lava-se depressa e polvilha-se bem com açúcar. Deixa-se assim descansar uma hora. Depois põe-se em uma terrina, despeja-se por cima o vinho e a água e deixa-se a terrina na geladeira. Serve-se com pedacinhos de torradas. Pode-se também, conforme o gôsto, adicionar aos morangos um pouco de caldo de limão. Ou então, esmaga-se a metade dos morangos passa-se por uma peneira e mistura-se o vinho e a água. Os restantes morangos põe-se inteiros na sopa, açúcar a vontade.

ACIDO URICO
REUMATISMO
ARTRITISMO
GOTA
LYTOPHAN

A BELEZA DOS SEIOS
BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 30,00

Respostas ao teste

1—No Velho Testamento
2—O maior orador de Atenas
3—Cartesianismo
4—Francês
5—Herói na guerra contra os holandeses
6—Monarquista
7—O camelo
8—Ampulheta
9—Porque apareceu em Bayonne
10—Constantinopla
11—Bismark
12—A Augusto Comte
13—De sôpro
14—90
15—O Piauí

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.

O sr. Oswaldo de Castro Oliveira, que se tem apresentado como agente desta revista no interior de Minas e Bahia, não é e nunca foi nosso representante.

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA
Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.
A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

A SAÚDE DO BEBÊ

NECESSIDADE DO CONVÍVIO ENTRE AS CRIANÇAS

Dr. Sabóia Ribeiro

Entre os chamados "filhos únicos" que principalmente interessa o problema da necessidade de convivência da criança com outras de sua idade, pois sòmente vivendo, nessas circunstâncias, entre pessoas adultas, é como se lhe suprimisse, na observação justa de Czerny, a própria meninice. Conseqüência imediata dêsse fato — prossegue o mestre alemão — é não experimentarem elas o prazer que encontram as outras de sua idade nos brinquedos a que se entregam nas suas reuniões. Falta-lhes, por outro lado, o gôsto natural de viver e a alegria espontânea das crianças normais. Entibia-se-lhe a fôrça-de-vontade, em falta de todo espírito de competição, que nasce daquelas práticas. Mostram-se, enfim, entediadas no seu isolamento permanente. Não supre a essa convivência o cuidado de dar-se-lhe muitos brinquedos. Ora, todos sabemos que os melhores brinquedos da criança são aquêles que ela pode praticar na companhia de outras crianças, além do que, brincando sòzinha, exige a criança mudança demasiado freqüente de ocupações, "preferindo as que excitem fortemente suas funções psíquicas". Czerny considera tão importante essa convivência de crianças com crianças que, tratando-se de filho único, aconselha que se tome para com êle viver e educar-se, sob o mesmo teto, uma outra da mesma idade e estranha à família.

Textualmente escreve o citado mestre a respeito do assunto: "Todo êsse esfôrço deve ser pôsto em prática o mais cedo possível, ou seja, iniciado no período em que o menino começa a falar. Quando se espera demasiado, torna-se de todo impossível obter êsse objetivo. E' por isso que se encontram meninos incapazes de grangearem amigos na escola e que, mesmo diante dos brinquedos que a todos arrebatam, conservam-se inativos e segregados dos outros". E' entre companheiros, improvisando maneiras diferentes de exercitar a própria musculatura, que as crianças se entregam a uma ginástica espontânea, que se confunde com a própria alegria que as empolga, sem obrigações nem tempo de duração.

Costumam pagar caro os percalços de sua existência entre adultos êsses deslocados pelas contingências de seu próprio ambiente doméstico, se uma visão mais realística não orienta os progenitores para melhor satisfação das necessidades da criança. Crianças isoladas nunca brincam de maneira tão inocente e descuidada como em comum. (Czerny).

"A companhia só de adultos torna a criança tão infeliz e desajustada como um adulto que só convivesse com crianças. Cada um gosta de entreter com seus iguais, e o adulto, quando brinca com a criança, é incapaz de se infantilizar tanto quanto a criança, e muito menos de fazê-lo de modo permanente". Aliás, a criança é, de si mesma, sociável, e sòmente por êrro de educação podera ser privada da convivência com outras de sua idade, meio sem dúvida sempre adequado para que se entregue à plena expansão de suas alegrias, e possa competir, entre si, em muitos jogos infantis. Muitos procuram compensar o isolamento da criança, além do excesso de brinquedos, com os mimos, agrados e histórias. Sem dúvida tudo isso lhe é necessário também, porém não dispensa aquelas alegrias que sòmente reunidas as crianças se proporcionam mùtuamente.

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

F. G. (Nesta) — Faça banhos de sol no seu filhinho nas primeiras horas do dia, estando o dia convidativo. Comece com 2 minutos e vá, progressivamente, até 15 ou 20 minutos. O corpo deve estar exposto, a cabeça protegida. Não passe das 9 horas da manhã.

G. N. (Niterói) — Nos primeiros meses a Terramicina (gôtas) encontra boa indicação na coqueluche. Convém, entretanto, ouvir o médico.

M. T. (Nesta) — Fezes com muco e febre acima de 38,5, resistindo aos cuidados normais, inclusive dieta hídrica, deve ser infecção. Faça hemograma e exame de urina, também para cilindros. Esta vai com a urgência possível.

POMADA MINANCORA



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Você também pode ingressar no rádio

(e pertencer à classe mais bem remunerada do país!)

VOCÊ TEM TÔDAS AS INFORMAÇÕES sôbre rádio e televisão no compêndio mais completo já editado no Brasil:

ANUÁRIO DO RÁDIO DE 1951

(Lista de tôdas as emissoras existentes no país, com biografias, pesquisas de opinião pública sôbre programas mais ouvidos e outras informações).

REMETA-NOS HOJE ÊSTE CUPON:

A Editôra Publicidade & Negócios Ltda. — Caixa Postal, 3748 — Av. Rio Branco, 117 — 3.º and. s/323 — Rio.

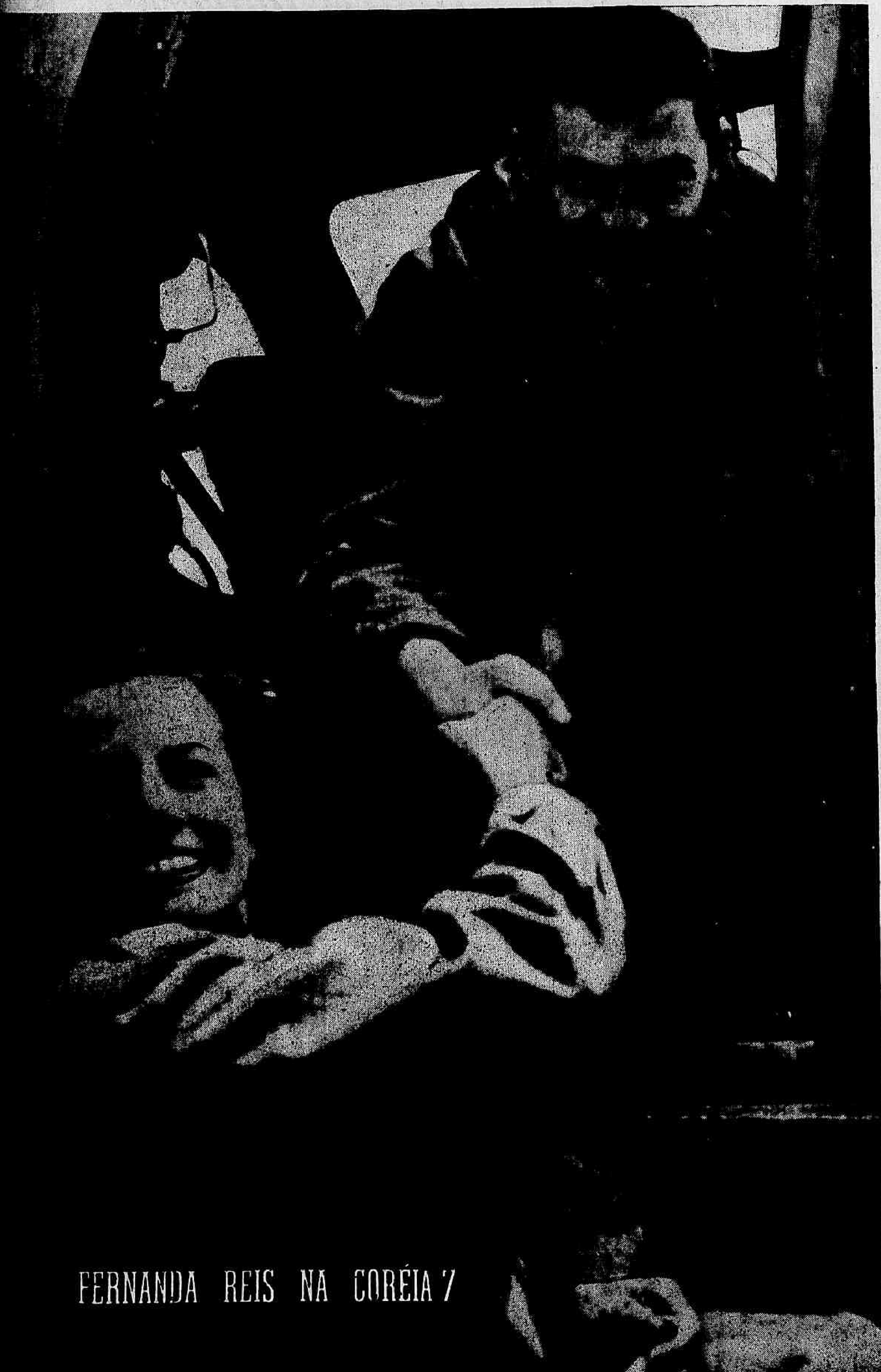
Desejo receber pelo reembôlso, preço Cr$ 50,00 mais taxa de Cr$ 10,00, do reembôlso, um exemplar do ANUARIO DO RÁDIO DE 1951.

Nome ....

Rua ....

Cidade .... Estado ....

EU VÍ A GUERRA DE PERTO



FERNANDA REIS NA CORÉIA 7

TERMINADA A MISSÃO que a levara à Coréia, Fernanda Reis despede-se do pilôto que a conduzirá até ao Japão. Era uma volta ao mundo livre



HOUVE UMA pausa momentânea no fogo da linha de frente, um pouco tarde para o soldado que se vê acima, recebendo socorros médicos. Foi o último ferido nessa tarde

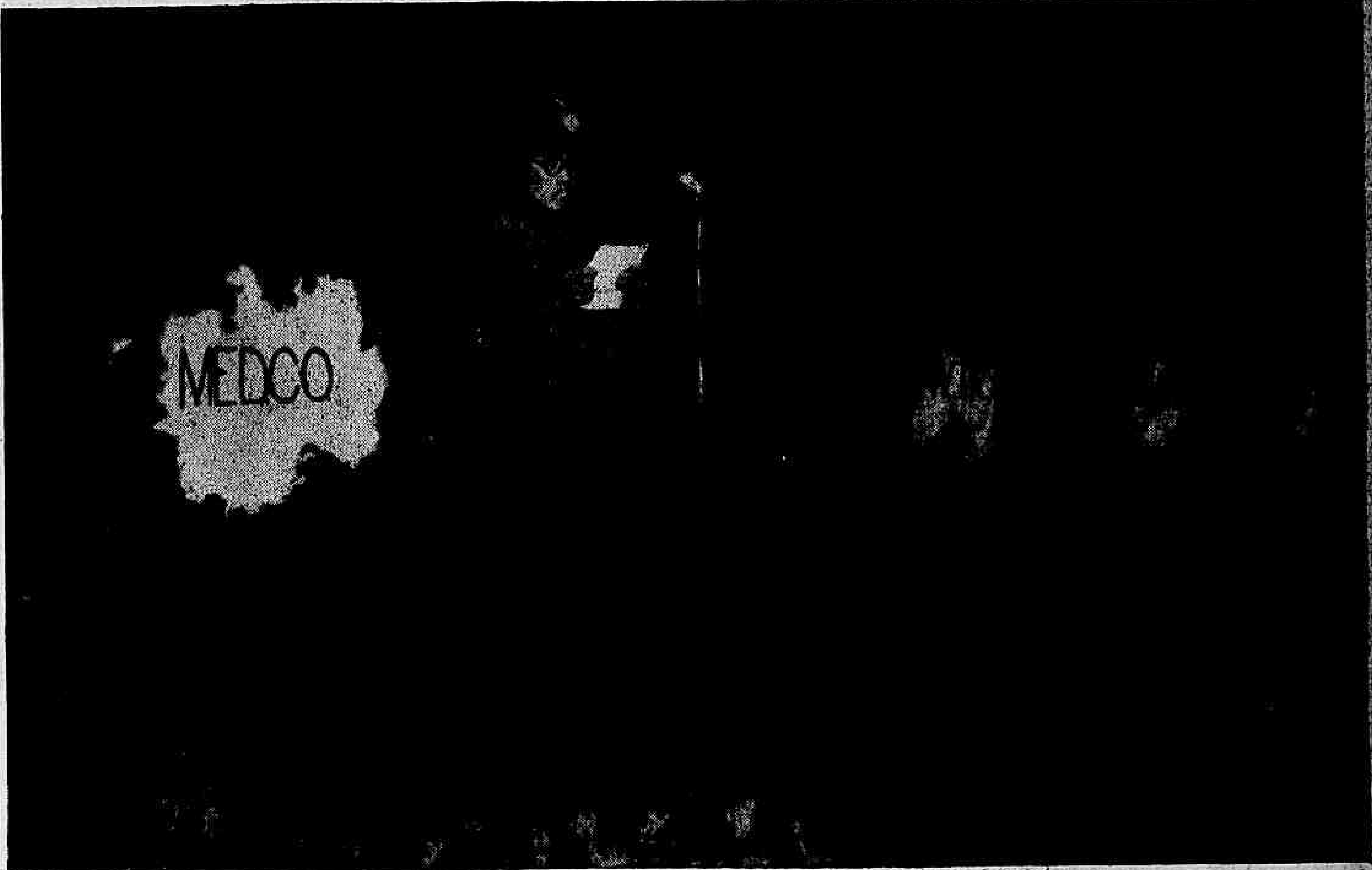
CONTATO COM A DELEGAÇÃO DA O. N. U. ★ PUSAN, A MELANCÓLICA! ★ "TOMBADOS GLORIOSAMENTE NO CAMPO DE BATALHA" ★ QUATRO MIL E SETECENTOS SOLDADOS REPOUSAM NO CEMITÉRIO DE PUSAN ★ DESCONFIANÇA, DESCONFIANÇA... ★ EU QUE VI A GUERRA DE PERTO, NÃO ACREDITO NA PAZ!

PUSAN, como sabem, é o pôrto situado na extremidade da península coreana e do qual as fôrças fizeram a sua principal base de abastecimento.

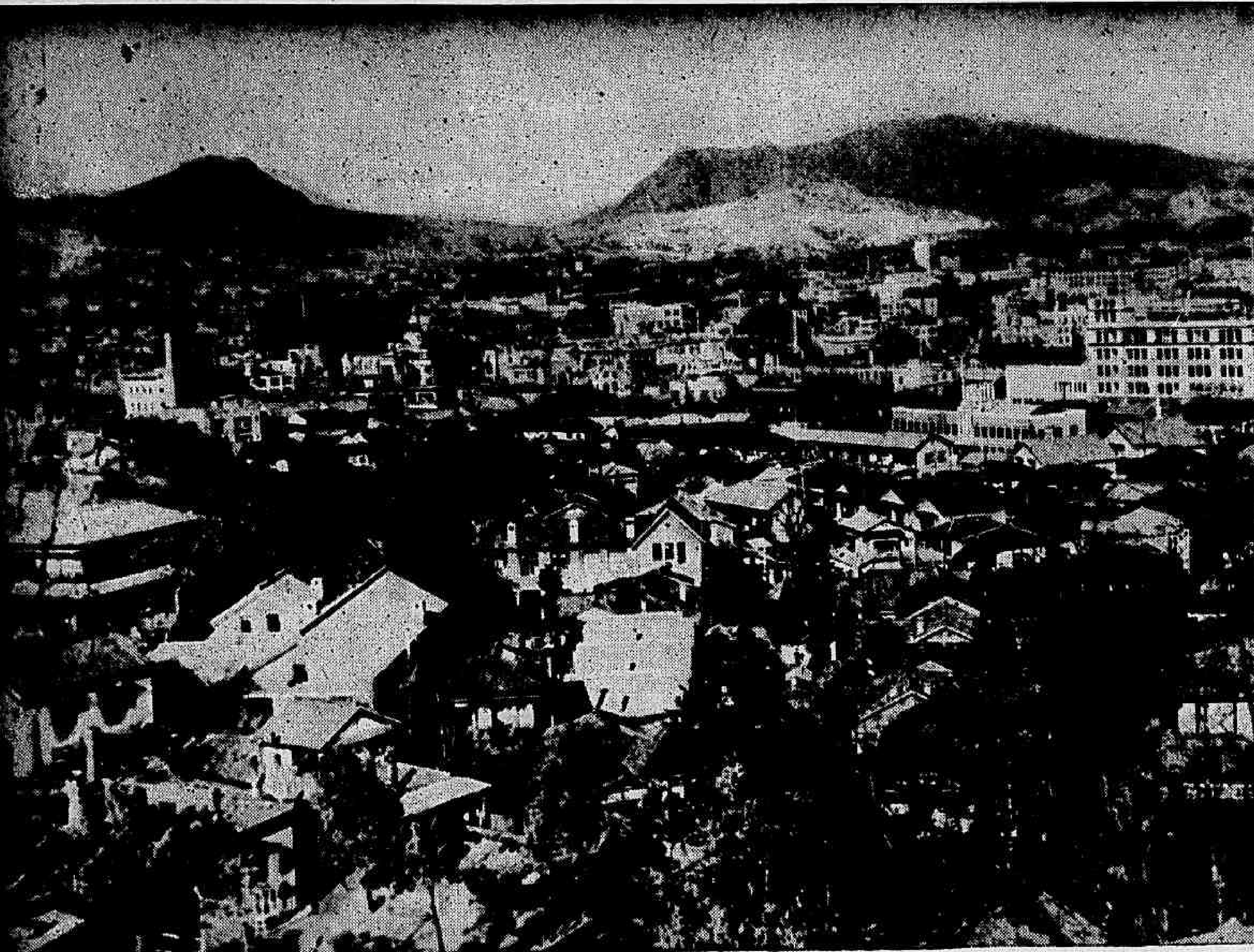
Aterrei neste aeroporto às sete horas dum tristonho entardecer.

Chovia torrencialmente. O avião foi percorrido por um último frêmito e ficou imóvel frente ao mar. Um «jeep», com a bandira das Naeções Unidas sôlta ao vento, corre em minha direção. O dr. Brian Merethith, chefe da Seção de Informações da UNCURK, um encantador canadeano que conhecera em Seul e ao pedido do qual gravara, entre o barulho dos aviões de combate, uma despretensiosa palestra para a Rádio das Nações Unidas, telefonara de lá para Pusan, eis, porque ao chegar, encontrava logo a maior amabilidade e acolhimento.

A cidade fica muito distante ao aeroporto, de modo que pude, assim, ao cair do dia, verificar que Pusan e seus arredores quase nada sofreram com a guerra.



HONG JONG TO chama-se o sul-coreano da foto, que se vê durante um serviço fúnebre realizado em memória dos que tombaram em ação contra os vermelhos



VISTA PARCIAL de Seul tomada do Parque Keijo-Jinsha, na direção noroeste

EU VÍ A GUERRA DE PERTO

À noite, conversando com o dr. Dantas Brito, brasileiro, Conselheiro Político da Comissão das Nações Unidas para a Unificação e Reabilitação da Coréia, mais uns delegados grego, inglês e americano, ouvi com tôda a atenção os meus quatro companheiros, e dessa troca de idéias resultou, para mim, o ensinamento profundo de que para trabalhar na ONU é necessário ter espírito de pioneiro. Fiquei elucidada de que, mais uma vez, é preciso que as Nações cooperem entre si, se organizem, se ajudem mùtuamente, a fim de que o belo ideal de uma Paz universal seja a realidade mais absoluta dos nossos dias.

PUSAN, A MELANCÓLICA!

Na manhã seguinte, acompanhada pelo adido de imprensa Leon Gordenker, fui visitar a cidade, a qual, apesar de não apresentar sinais de conflito, é tristíssima, pobre e seus habitantes muito silenciosos. Conheci a Missão Presbiteriana da Austrália, a Cruz Vermelha, o Hospital e vários outros lugares de igual interêsse. A manhã escoava-se lenta e calma. Inquietação é meu destino... E desde que pensei que haveriam outras coisas para ver sem ser as que me ofereciam como se eu fôsse uma turista, resolvi agir por mim mesma. Imaginei um subterfúgio para ficar só. E, sob o olhar intrigado de Leon, desci numa praça e, calmamente, de mãos nos bolsos, fui percorrendo as ruas desta cidade, sem vida e sem beleza.

Dessa longa excursão soltária trouxe o conhecimento de que existem alguns campos de concentração sob a supervisão dos americanos e onde perto de cento e cinqüenta mil prisioneiros são tratados de acôrdo com as convenções de Genebra e que no cemitério de Pusan estão os corpos de quatro mil e setecentos soldados. Fui até lá. Quase sem respirar, fiquei a olhá-lo, vendo longas filas de cruzes branquinhas, num contraste brutal com a negra côr da terra. Não me é possível deixar de pensar na juventude que ali repousa, após ter tombado gloriosamente no campo de batalha.

«Tombado gloriosamente no campo de batalha!» frase feita que, à primeira impressão visual dêste enorme cemitério, deformou minha bôca num esgare meio cínico.

— Isso compensará alguém? resmunguei.

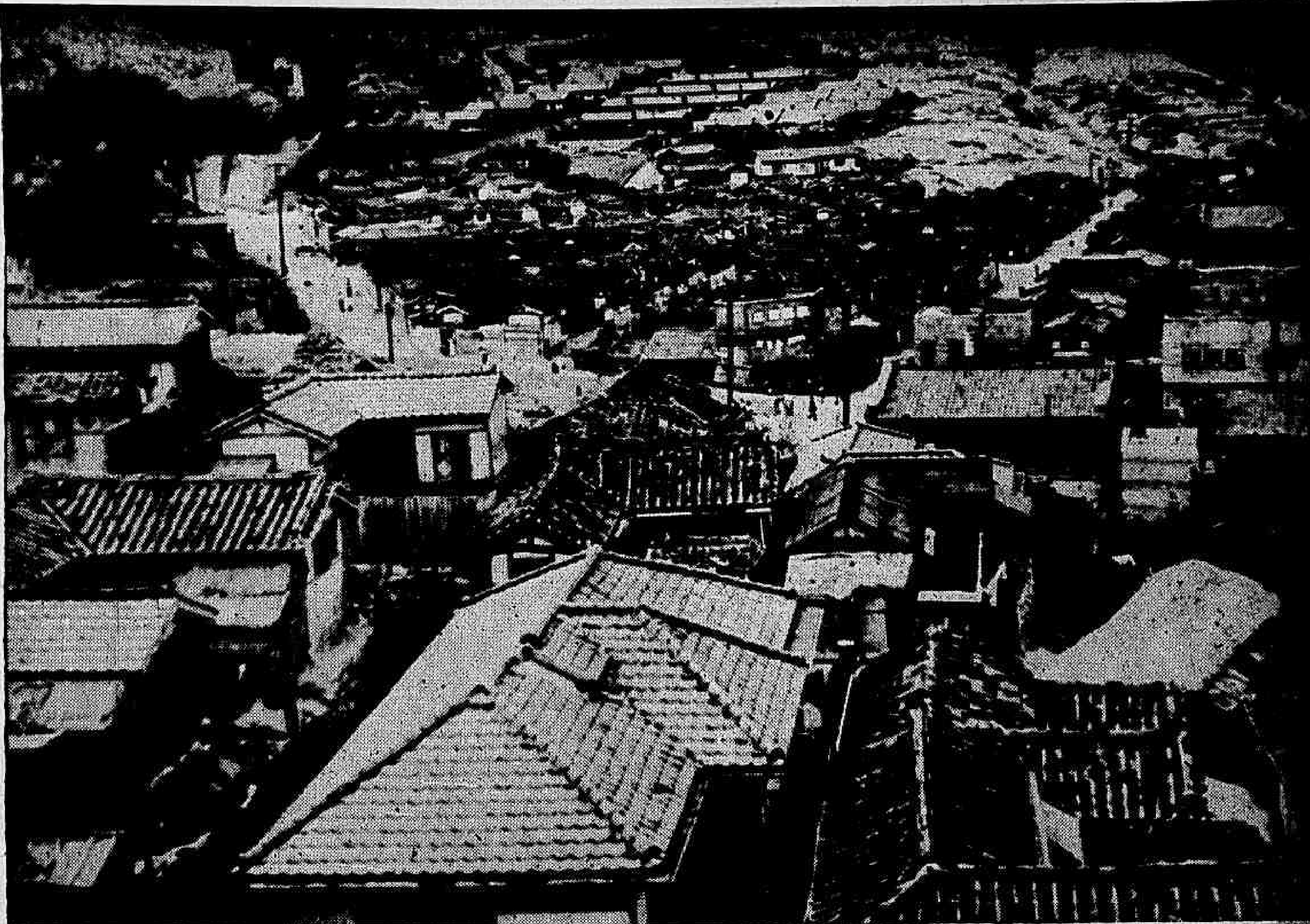
Meus sentimentos de cólera impotente contra esta duríssima guerra, tornavam meus passos trêmulos, quando, completamente só, resando sem parar, caminhei como uma torturada por entre ruas de cruzes branquinhas que pareciam não ter fim. Ao olhá-la pensei em quantas cabeças de mães e pais se tornaram côr de neve pelo sofrimento: quantos corações de noivas desfaleceram de dor; quantas viúvas elas causaram e quantos olhos anciosos e infantis buscam o vulto do pai que ainda não voltou, que jamais regressará... E a frase volta: «tombados...» Encolhi os ombros desalentada. Mas, cosa estranha, de súbito minhas idéias clarearam, meus passos tornaram-se mais leves. E, ao caminhar de volta, era curioso verificar como a revolta me abandonava, ainda que lentamente. Dir-se-ia que as almas dos que ali repousavam me haviam transmitido sua mensagem de entendimento perante a frase que eu ousara criticar. Suas almas mortas, mas em paz, disseram à minha, inquieta, imperfeita e viva, porque essa frase era sagrada, merecida e verdadeira. Êles sentiam que haviam morrido por



SEUL EM GUERRA: Aspecto de um trecho residencial menos afetado pelos efeitos dos combates



SEUL EM GUERRA: Pedestres caminham entre paredes arruinadas e vestígios da luta recente



VISTA DA AREA residencial de Seul, onde são mais raras as cicatrizes da guerra

algo que a mim, era defeso compreender, mas que, na linguagem dos vivos, quererá dizer o preço da democracia, honra, glória e a liberdade de um povo.

Então, menos revoltada, murmurei cheia de compreensão e respeito a frase que tanto me ferira: — «Tombados gloriosamente no campo de batalha!»

DESCONFIANÇA, DESCONFIANÇA...

Manhãzinha cedo parti para o Japão. Mas, ao deixar a Coréia e o seu drama, fi-lo com a angustiosa sensação de que todos os sofrimentos que ali vira de nada serviriam, pois me afastei dela com as Américas na expectativa, a velha e ferida Europa na defensiva e a Ásia unida. Nunca fui uma jornalista política. Quando muito tento ser uma honesta observadora. De modo que será por isso que me falham qualidades de pessoa aprofundada em diplomacia de guerra e não alcance totalmente quanto perigo representa a união de tôda a Ásia. Mas o contato diário com orientais ajudou-me a pensar que talvez não mereçam absoluta confiança. Êles deram-me sempre a sensação desconfortante de um perigo latente, pronto a materializar-se sem o menor aviso, cruel e enigmático. São pessoas a quem o sorriso nasce nos lábios e morre nos lábios. Não passa dali. Não há um músculo nas suas faces que se mexa. Olhem só para dentro de si mesmos. Seus passos não se ouvem. Êles surgem apenas ao nosso lado. Seus vultos são esguios, quase infantis. O exterior aparentemente não lhes diz nada. Mas que interessante é verificarmos como estão a par de tudo! Mas são gente culta, serena e educadíssima. Talvez minha impressão de desconfiança não tenha razão de ser e apenas deve ter falhado, em relação a êles, o meu sexto sentido tão famoso e inerente a tôdas nós, mulheres.

Nunca acreditei nas tréguas e disse-o pùblicamente numa entrevista que concedi, dois dias antes de não terem sido elas levadas a efeito. E' que assisti a muito sofrimento, a atos de muita coragem, a momentos de intensa tristeza. Vi chorar muita criança e muitos homens beijaram minhas mãos, quando as passei pelos seus cabelos empastados em sangue, em lama, em suor. Fui para alguns dêles a última visão do que de terno pode representar uma mulher, mesmo desconhecida e estrangeira: a feminina voz de um ente querido. E porque assisti a tudo isto, eu não poderia crer que as tréguas surgissem tão ràpidamente ou fôssem o desejo real de homens que combatem fria e sistemàticamente tudo o que é belo e torna a vida digna de ser vivida: Ideal e Paz.

EU, QUE VI A GUERRA DE PERTO, NÃO ACREDITO NA PAZ!

E porque assisti a todo êsse inferno eu não creio numa trégua. Parece um absurdo, não é? Pois será. Eu que vi a guerra não acredito na paz. E' que todos os esforços a favor dela, feitos por um punhado de gente bem intencionada, são fracos para enfrentar o jôgo de interêsses materiais de outro punhado de gente a quem o diabo ajuda.

Tenho sido, pela fôrça das circunstâncias, uma espectadora dos desânimos dos homens, das suas desmedidas ambições e do complexo drama de uma humanidade descrente em uma paz duradoura. Todos os países que visitei, nesta longa viagem, escondem no seio do seu povo ou a amargura de uma derrota ou a indisfarçável alegria de una conquista. Tôda a juventude de hoje está prematuramente, envelhecida. Suas conversas, refletem êsse estado de ânimo que os traz permanentemente entre a infantilidade das opiniões e a mole apatia às reações do próximo. Mas por que é que essa juventude deverá de ser diferente, se todos os dias pesa sôbre ela a expectativa de poder ser levada de roldão a um campo de batalha qualquer?!

Remarque e outros escritores, assim como os documentários de guerra, tiraram-lhes, há muito, tôdas as ilusões. Guerra é guerra. Não há flores nem canções que modifiquem a certeza de uma sangrenta morte ou de uma desoladora mutilação. Não há um dia que os jornais não dêem notícia de novas tentativas de violações de tratados e de camufladas agressões.

Tudo isto a juventude lê. Tudo isto a juventude teme. De tudo isso a juventude está cansada.

E por tudo isto, também, e ainda mais pelos que observei no «front», nas cantinas, nos hospitais e no meio da mocidade que se está batendo, sou uma mulher perfeitamente desiludida ao abandonar a Coréia.

FIM



MOVIMENTO de civis nas ruas de Seul, depois que a cidade retomava a vida normal



VISTA DO PORTAO norte da cidade de Seul, construção imponente e muito típica

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa .	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — EM QUE LIVRO SAGRADO SE ACHA O «DEUTERONOMIO»:

— No Velho Testamento?
— No Zend-Avesta?
— No Corão?

2 — EM QUE SE NOTABILIZOU DEMÓSTENES:

— Por ter descoberto a porcelana?
— Martir do cristianismo?
— O maior orador de Atenas?

3 — QUAL O NOME QUE RECEBEU A FILOSOFIA DE DESCARTES:

— Cartesianismo?
— Positivismo?
— Simbolismo?

4 — A ORIGEM DA PALAVRA «DETROIT», NA CIDADE NORTE-AMERICANA, VEM DO:

— Latim?
— Francês?
— Inglês?

5 — HENRIQUE DIAS SE TORNOU FAMOSO NA HISTÓRIA DO BRASIL POR TER SIDO:

— Herói na guerra contra os holandeses?
— Bandeirante do século XVII?
— Descobridor das ilhas de Fernando Noronha?

6 — O GOVÊRNO DA DINAMARCA É:

— Republicano?
— Monarquista?
— Ou uma confederação?

7 — QUAL DÊSTES ANIMAIS TEM DUAS CORCOVAS:

— O camelo?
— O dromedário?
— A lhama?

8 — QUE NOME SE DÁ AO RELÓGIO DE AREIA:

— Clepsidra?
— Élitro?
— Ampulheta?

9 — POR QUE MOTIVO SE DÁ O NOME DE BAIONETA AQUELA ARMA BRANCA DAS TROPAS:

— Por ter sido inventada por Joseph Bayon?
— Por que apareceu em Bayonne?
— Por que serviu para furar balões?

10 — QUAL A CIDADE DA EUROPA QUE JÁ SE CHAMOU BIZÂNCIO:

— Constantinopla?
— Atenas?
— Roma?

11 — COMO SE CHAMOU O ESTADISTA ALEMÃO QUE FUNDOU A UNIDADE DE SEU PAÍS:

— Betmann Holweg?
— Guilherme II?
— Bismark?

12 — A QUE SE DEVE A FUNDAÇÃO DO POSITIVISMO:

— A Emmanuel Kant?
— A Augusto Comte?
— A Francisco Bacon?

13 — O OBOÉ É INSTRUMENTO:

— De sôpro?
— De corda?
— De percussão?

14 — QUANTOS GRAUS MEDE UM ÂNGULO RETANGULO:

— 180?
— 45?
— 90?

15 — QUAL DÊSTES ESTADOS DO BRASIL QUE TEM TERESINA POR CAPITAL:

— Piauí?
— Pará?
— Maranhão?

(*Respostas na pág. 42*)

A GENTE DO . . .

(*Cont. da pág. 12*)

nos salões famosos pelas costumeiras arruaças, foram poucas e o paulista parecia estar decidido a se divertir, sem encrencas, sem maiores preocupações, senão dançar, cantar, beber e voltar, no dia seguinte, para continuar a festa interrompida pela chegada da manhã.

A surprêsa dêste ano começou logo na segunda-feira gorda, quando circularam os primeiros vespertinos. Notava-se que o povo estava evitando excessos para fazer um bonito carnaval e tinha-se a impressão de que os alcoólatras, desordeiros e choferes malucos estavam todos de férias ou atrás das grades, a fim de não dar trabalho à polícia e noticiário aos jornais.

ANIMAÇÃO, ORDEM E PROGRESSO

Nos salões de baile o policiamento foi intenso, rigoroso, bem orientado, porquanto o Secretário baixara ordens expressas nesse sentido, fazendo ressaltar que as prisões só deveriam ser realizadas em última hipótese. em geral, o folião alcoolizado ou exaltado era simplesmente encaminhado para a rua e sôlto, para que curasse sua bebedeira, em casa, ou esfriasse seus nervos na chuva que vestiu a cidade durante os festejos de Momo.

E seria nesses bailes, onde a alegria regorgitante era um perigo de contágio até para a impassível polícia bandeirante, que o carioca diria: — "Ué, quem disse que o paulista não é folião!"

Ao dizer de alguns cronistas especializados, os bailes de 1952 superaram quantos já se tinham realizado em São Paulo.

OS "APACHES" SAMBARAM

Muitas sociedades ou grupos da sociedade paulista, realizaram belas festas carnavalescas, tendo o prazer de receber Momo, oficiosamente, antes que êle tivesse a honra de receber, como é de direito, as chaves da cidade.

Foi assim que, na quinta-feira pré-carnavalesca, a "boite" Oásis se afrancesou e, transformada em sucursal de Montmartre, recebeu mais de uma centena de apaches, cada qual com seu par, que lá rasgaram suas fantasias bonitas, perderam seus bonés e ligas, tendo bebido muito uisque americano e dançado muito samba bem brasileiro.

Era a alta roda paulistana, gastando parte dos gordos proventos de suas indústrias ou estabelecimentos comerciais, numa autêntica uiscada carnavalesca, que contou com a presença de Momo e de Elvira Pagã, que quis entrar seminua, mas foi barrada e voltou vestida de "apachette".

OUTROS SALÕES

O Odeon — que deu quatro "soirées" e três "matinées" concorridissimas — realizou, ainda, um oitavo baile, na sexta-feira pré-carnavalesca, ao qual intitularam, pomposamente, "Baile dos Artistas". Contudo, nós vimos de tudo que se possa imaginar, desde biquinis — que predominavam — até trajes a rigor, menos artistas.

Porém, o baile valeu pela alegria e, em vista disso, pelo prenúncio de um bom tríduo momístico. No entretanto, não podemos negar que houve excessos. Muita gente cheirou e bebeu lança-perfume a valer e houve até uma linda mocinha que, em virtude do estado em que ficou, precisou ser transportada para o Hospital das Clínicas.

SOCIEDADES

Sábado choveu e já às 23 horas os foliões não conseguiram entrar mais nos bailes. Os enormes salões do Odeon não comportavam a multidão que para lá se dirigia; o Palmeiras — que realizou sete bailes nos seus salões de Parque Antártica — mal pôde satisfazer seus associados, tão concorridos foram seus bailes; a Portuguêsa de Desportos deu festas espetaculares, nos salões do SENAI e, em 1953, vai tratar de arrendar o Pacaembu; êste, por sua vez, estêve sempre superlotadíssimo e o mesmo sucedeu em quanto buraco havia uma orquestra e um bar. A impressão é que não havia ninguém em casa e que os dois milhões e trezentos mil paulistas estavam todos metidos em clubes, "boites" ou associações desportivas ou carnavalescas.

Por isso muita gente disse que 1952 marcou nova idade para o carnaval

O QUE TÔDAS AS MULHERES DEVEM SABER

Famosos e acatados genicologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher têm como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vêzes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras: — elas são o espelho de sua saúde. As regras são muitas? São poucas?

Regularize-as usando Regulador Xavier — O Nº 1 ou o Nº 2. O Nº 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências. O Nº 2 só se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuidas, atrasadas, suspensas e suas consequências. O Regulador tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um regulador só que pretende tratar tôdas as moléstias da mulher no mesmo tempo, não! São dois reguladores em duas fórmulas separadas, diferente e cientificas.

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(*Exigir a marca BISCUIT*)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso.







Polvilho Antisséptico
GRANADO
DESODORANTE
CICATRIZANTE

bandeirante. São Paulo, êste ano, dançou com músicas paulistas e em salões òrnamentados ao gôsto do seu povo. A polícia não teve muito trabalho e todos se divertiram a valer.

Porém, o carnaval de rua decaiu mesmo. Tanto a chuva como o espírito do paulista impedem que êle se "esbalde" até cair, de cansado, à porta de uma loja, que só abrirá na quarta-feira. Quanto ao côro, nada há a dizer, senão que está morrendo, porquanto os foliões estão dando preferência a diversão em recintos fechados.

SETE MIL POLICIAIS EM AÇÃO

O policiamento, êste ano, foi o que se poderia desejar de melhor, o que, aliás, ficou comprovado, com o decréscimo de crimes, acidentes e prisões, em relação aos carnavais anteriores, tendo feito parte do policiamento preventivo da cidade elementos da polícia civil, Guarda-Civil, Guarda Noturno, Exército, Aeronáutica e Fôrça Pública.

Realizaram-se, na cidade, 993 bailes carnavalescos, em 271 salões e 20 festivais de caráter pré-carnavalesco. Registrou a polícia bandeirante 766 detenções e 15- inquéritos, não havendo nenhuma ocorrência de gravidade, segundo relatório do delegado João Cataldi Júnior, responsável pelo policiamento da cidade durante o carnaval, enviado ao Secretário de Segurança.

Das 20 horas do dia 23 até às 4 horas do dia 27 foram instaurados 151 inquéritos, assim descriminados: agressão, 55; homicídio, 1; atropelamento, 37; tentativas de suicídio, 6; desastres, 7; quedas, 4; colisão, 9; encontro de feto 3; conflito, 1 agressão e furto, 1; desastre e morte, 10; afogamento, 3; assalto, 2; suicídio, 1; atropelamento e morte, 4; depredação, 1; danos materiais, 1; mal súbito, 1; disparo acidental, 1 e morte repentina, 1.

Das 766 detenções verificadas, 60 foram do sexo feminino, sendo elas efetuadas pelos motivos seguintes: desordem, 413; embriaguês, 232; dementes, 28; para averiguações, 54; por tentativa de agressão 3; por agressão, 42; por tentativa de furto, 2; por desacato, 2; por ofensa moral, 3; por atentado ao pudor, 1; vadiagem, 5 e um macumbeiro.

O Secretário da Segurança Pública determinou, também, que os foliões detidos fôssem soltos às 6 horas da quarta-feira de cinzas, para evitar o vexame de serem esperados por verdadeira multidão, ao meio-dia, às portas da Central da Polícia, como tem acontecido. E. êste ano, quem riu foram os foliões, pois cêrca de duas mil pessoas espararam interminàvelmente em frente da Central, sem ver sair um só folião fantasiado.

Causou espécie que o Secretário da Segurança liberasse a venda de bebidas alcoólicas, não proibindo nem a ingestão livre de uísque ou "cachaça", nos bares e bailes e o resultado foi surpreendente. Segundo o relatório em tela, houve menos excesso êste ano do que quando havia a "leizinha sêca" de três dias. Em 1951 o Gabinete Médico Legal realizou 159 exames de dosagem alcoólica, enquanto êste ano apenas 110.

Estêve calmo, portanto, o carnaval paulista, apesar da liberdade inédita de que gozaram os foliões, que, todavia, souberam usá-la bebendo, beijando e dançando parcimoniosamente, pois, o ano que vem, tem mais...

À LUZ DA. . .

(Cont. da pág. 43)

ALBERTO RAMOS — Lúcia Magalhães!... O doutor cita esta senhora como uma celebridade!

MÉDICO — Não me preocupam as celebridades. Lúcia Magalhães é, sem favor uma educadora de valor.

ALBERTO RAMOS — E' uma senhora intransigente...

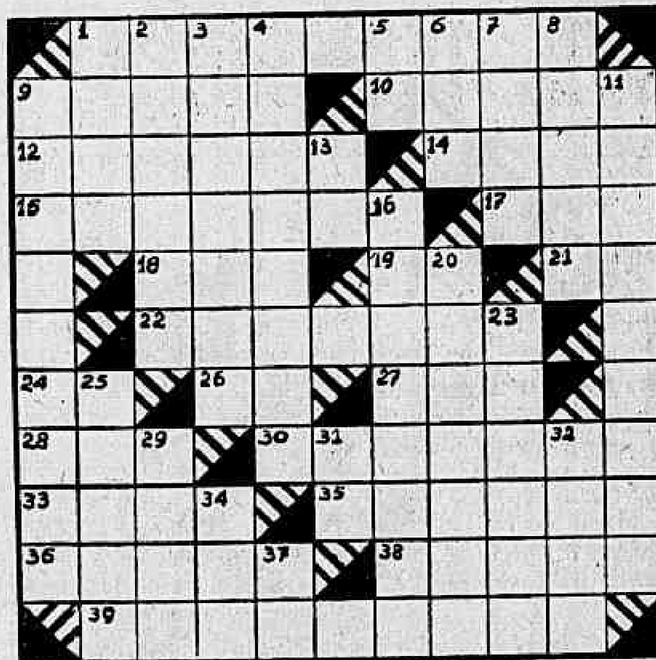
MÉDICO — Cumpre o seu dever. Como diretora do Ensino Secundário vem recebendo os aplausos dos educadores brasileiros. Não foi nem poderia ser compreendida pelos estudantes de nossa geração, que pensam num diploma, apenas num diploma, pouco lhes importando a forma de o conseguirem.

ALBERTO RAMOS — Bem, doutor, para terminar, o senhor aconselha que diminua a liberdade do Jorge...

MÉDICO — Absolutamente, não pensei em restringir a liberdade mas, ao contrário, na outorga da plena liberdade, ligada, todavia, ao sentimento de responsabilidade. E' preciso que os jovens tenham êste sentimento. Só a responsabilidade faz o homem. E' a liberdade com responsabilidade que determina a base da felicidade das massas e a felicidade do indivíduo.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N°. 95 para Veteranos

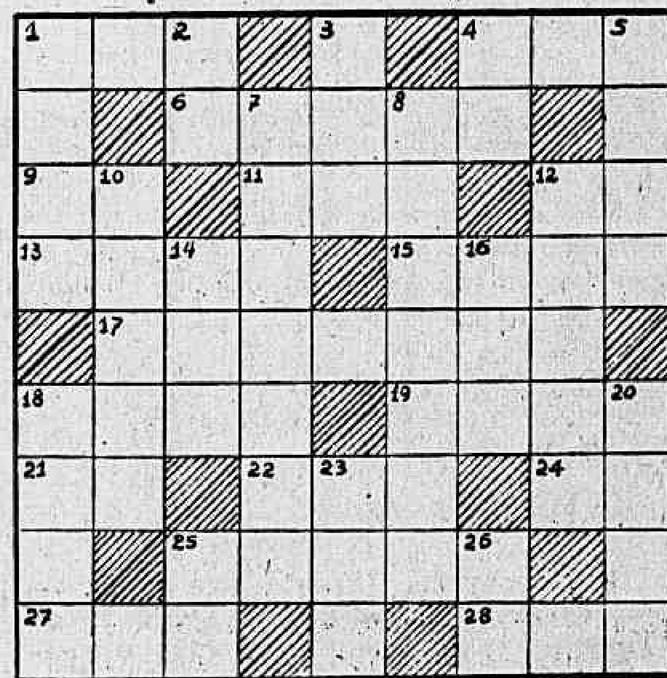


HORIZONTAIS: — 1. Fazia coisas maravilhosas — 9. Nome do 18° presidente dos Estados Unidos — 10. Lugar onde se faz oração — 12. Semelhante a uma linha — 14. Índios que habitavam o rio do Peixe — 15. Cidade da Grécia antiga, famosa pelo seu templo de Júpiter — 17. Cidade da França, no Charente-Inferieure — 18. Reme para trás — 19. Língua falada na região de Acra (Guiné) — 21. Contração — 22. Fabricante de odres — 24. 18ª letra do alfabeto árabe — 26. Rio da Suíça — 27. Rio da Índia — 28. Cidade da França, no departamento Haute-Saône — 30. Tonifica — 33. Meios — 35. Realçar — 36. Canoa feita de casca de madeira (pl.) — 38. Planta da família das Leguminosas — 39. Postre.

VERTICAIS: — 1. Éreo — 2. De má figura — 3. Espécie de perneira dos soldados da Grécia antiga — 4. Reduzir a tapera — 5. Medida de capacidade equivalente a 10 litros, usada no Cambódje — 6. Nome do homem — 7. Indivíduo moleirão — 8. Venera — 9. Fazia ouvir a sua voz (a cegonha) — 11. Cansar-se-á o animal por andar muito ao sol — 13. Manga — 16. Excitavam — 20. Pedra de areia — 23. Parótidas do cavalo — 25. Os mais antigos antepassados que se conhecem da família Indo-européia — 29. Terra japônica — 31. Ninfa convertida em ilha — 32 — Muito amiga — 34. Nome que os boximanes se dão a si próprios — 37. Símbolo do estrôncio.

★

Problema N°. 95 para Novatos



HORIZONTAIS: — 1. Arma branca — 4. Lá — 6. Santificado — 9. Atmosfera — 11. Negação — 12. Símbolo do estrôncio — 13. A folhagem das plantas — 15. Ligava — 17. Grupos de pessoas — 18. Árvore da família das Leguminosas — 19. Bebedeiras — 21. Outra coisa — 22. Pedra do altar — 24. Sadia — 25. Avareza — 27. Existir — 28. Consentimento.

VERTICAIS: — 1. Lavrar — 2. Artigo masculino plural — 3. Em partes iguais — 4. Contração — 5. Mulher fantástica — 7. Espécie de saia branca (pl.) — 8. Dizer ou fazer tolices — 10. Ramificação — 12. Impôsto de transmissão (pl.) — 14. Oceano — 16. Também não — 18. Malas — 20. Vão-se embora — 23. Caminho orlado de casas — 25. Pátria de Abraão — 26. Artigo plural.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 94 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Apoucamento — Aperema — Go — Ar — Cá — Pi — Ard — Ata — Iró — Roaz — Fram — An — Elami — La — Velo — Odin — Itu — Sal — Ini — Aa — Iu — Ia — Aa — Açafata — Arrasamento.

VERTICAIS: — Algaraviada — Oa — Upa — Cêra — Ar — Meca — Ema — Na — Oniomaníaco — Oroneta — Pralina — Da — Trama — Ir — Zeo — Fió — Lu — Di — Suas — Liam — Içá — Ate — Ar — Fa — An.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Côr — Mar — Ara — Ladinos — Ai — Or — Trompas — Sal — Uso — Ata.

VERTICAIS: — Cal — Radioso — Manopla — Rãs — Ri — Aar — Ora — Teu — Má — Sua.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

PROBLEMAS HUMANOS

À LUZ DA PSICANÁLISE

Dr. LUÍS FRAGA

A LIBERDADE DOS MOÇOS

ALBERTO Ramos é um cliente que me procura de quando em quando. Homem viajado, voltou americanizado de sua última viagem aos Estados Unidos.

ALBERTO RAMOS — Estamos atrasados em mais de um século. Há confusão em nossas ruas, morosidade em nossos serviços, excesso de pedantismo em nosso sistema de ensino. Em educação, então — falo ao senhor que é também educador — em educação, paramos.

MÉDICO — Não paramos; retrogradamos, talvez.

ALBERTO RAMOS — Ótimo, o doutor me dá razão.

MÉDICO — Melhor será dizer: tiro-lhe a razão.

ALBERTO RAMOS — Tira-me a razão? Não entendo.

MÉDICO — Os pais são os culpados pela anarquia que se esboça. O senhor tem três filhos; um em cada colégio. Responda-me honestamente: quantas vêzes o senhor visitou os colégios em que estudam os seus filhos?

ALBERTO RAMOS — Eu sou um homem ocupadíssimo. Confio na orientação dos diretores...

MÉDICO — E não há um minuto, ao menos, para ir ao colégio onde o seu filho passa a maior parte de sua vida? Como o senhor, a quase totalidade dos pais. Êles vão ao colégio no princípio do ano, para fazer a matrícula, quando o fazem; voltam ao estabelecimento para reclamar uma reprovação... Sim, todos se queixam dos colégios que reprovam. Muitas vêzes não conhecem o diretor do colégio dos filhos, nem mesmo de vista.

ALBERTO RAMOS — Sabe, doutor, o Jorge anda apaixonado... Não sei bem se é paixão ou desejo. Êle é um rapagão forte e bonito e dado a conquistas. Agora, porém, está demorando no último ponto de parada...

MÉDICO — O Jorge e os seus casos, o Mário e as suas conquistas, etc., mostram um desmoronamento do ideal da juventude. Para êles, o amor espiritual vale apenas um centavo. As pobres mães sofrem muito com isto, mas, a sociedade sofrerá também as conseqüências desta frivolidade.

ALBERTO RAMOS — Bem, no caso, estou temeroso pelo Jorge.

MÉDICO — O senhor não está bem certo se teme pelo Jorge ou pelo senhor mesmo. A nossa geração e a do Jorge não se compreende. E' uma desarmonia espiritual que progride desastrosamente. O senhor tenta subjugar violentamente o seu segundo "eu", ao invés de buscar um equilíbrio salvador entre o ontem e o hoje, entre o que se deve e o que não se deve.

ALBERTO RAMOS — Mas afinal que é que devo fazer?

MÉDICO — Aprender a compreender o seu filho. Não assistir de braços cruzados à luta íntima em que êle se vê, guiado pelos filmes fúteis e pelos companheiros da mesma idade.

ALBERTO RAMOS — Todos êles são assim?

MÉDICO — Por culpa de todos os pais. Leia esta prova escrita, feita por um aluno da terceira série do curso científico. (O assunto da prova é "Dizer o que pensa da vida de estudante").

TRECHO DA PROVA (Verídica)

"Levanto-me às dez horas. Vou ao banho de mar, olhar as sereias em "bikini"; volto às 13, para o almôço. Passo as tardes à porta da Americana, olhando as boas. À noite vou ao Bolero e corro as "boites". Esta é a minha vida de estudante. Na época das provas procuro colar. Também, se eu não cuidar do meu presente, quem o fará?"

MÉDICO — São êsses moços, que nos governarão amanhã, que se revoltam contra Lúcia Magalhães, por questões justas que dizem respeito à freqüência.

(Cont. na pág. 49)

COUPON

Nome: ....

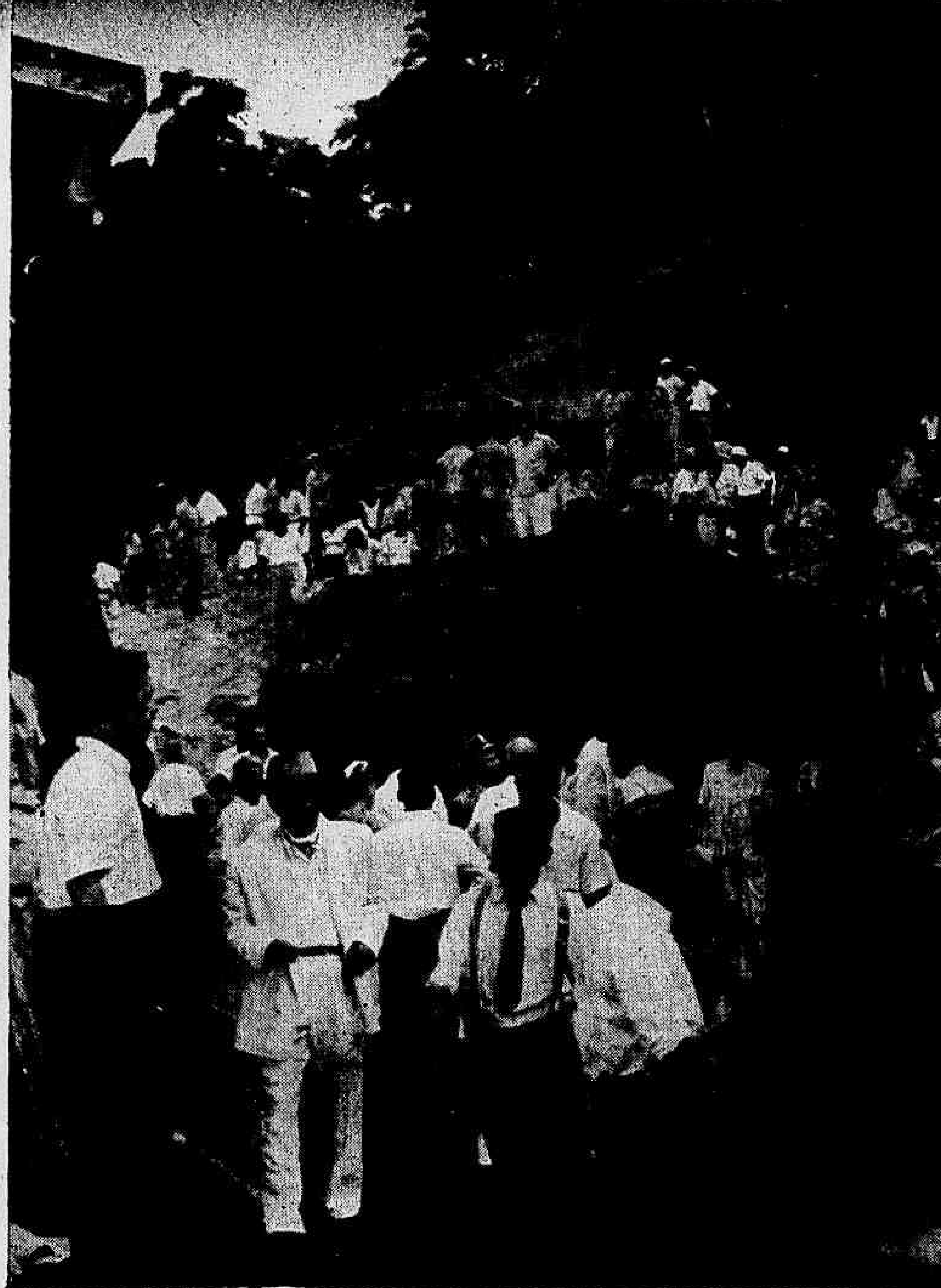
Pseudônimo: ....

Data do nascimento ....

Estado civil: ....

Profissão: ....

Residência ....



Visão do local do desastre, vendo-se o armazém

SOTERRADA A ESTAÇÃO DE CARGA DE TERESÓPOLIS, NA SEGUNDA-FEIRA DE CARNAVAL ★ PROVIDENCIALMENTE DESERTO, NA OCASIÃO DO SINISTRO, O PÁTIO DE MANOBRAS

UMA catástrofe que, por graça de Deus, não chegou a assumir as tremendas proporções que viria a ter em outro qualquer momento, ocorreu em Teresópolis na segunda-feira de carnaval. Uma enorme barreira correu sôbre o pátio de manobras da Estrada de Ferro, soterrando a estação de carga, danificando vagões de passageiros e obras ferroviárias. O registro das vítimas limitou-se, felizmente, à conta de dois mortos e um ferido. Um automóvel particular também desapareceu sob a massa de terra que correu, castigando a condescendência de um guarda que permitira a uma senhorita o estacionamento, proibido pelo regulamento da Estrada.

As razões da ocorrência não estão ainda apuradas. A imensa avalanche, que causou prejuízos materiais vultosos, pois destruiu o depósito de mercadorias e produziu outros danos importantes, desprendeu-se de um morro que fôra talhado a pique para que, na área assim conquistada, se localizasse o pátio de manobras, ao fundo do qual se erguia o referido armazém.

Não se tem conhecimento da existência de obras de sustentação que protegessem os próprios da Estrada de Ferro contra uma possibilidade que veio a se concretizar em triste realidade. E não só tal omissão traduz a imprevidência dos responsáveis. A saibreira foi dada em concessão a uma firma particular que, em muitos trechos do morro, realizava movimento de terra para os fins de exploração comercial que lhe outorgava a concessão.

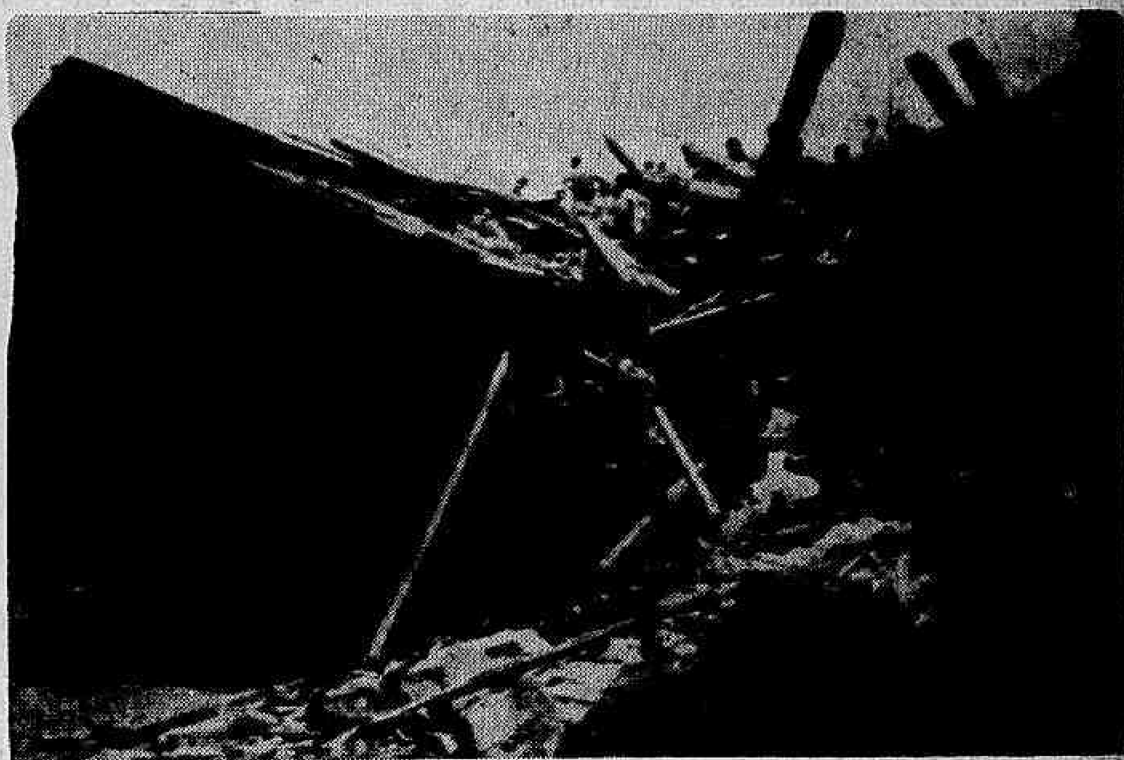
Uma e outra circunstâncias deixam à mostra, antes mesmo da perícia técnica proferir seu laudo, os fatôres que certamente concorreram para o desastre. E sòmente a Providência cuidou que Teresópolis não se enlutasse extensamente no segundo dia de carnaval. Basta imaginar a presença de um comboio lotado de passageiros, de chegada ou de partida, para se avaliar as conseqüências que numa outra hora teria assumido a ocorrência.

RUIU A BARREIRA

...ado-se e ... armazém destruído e um carro tombado



A que ficaram reduzidos os carros atingidos, em número felizmente reduzido



Detalhe de um dos vagões tombados, podendo-se observar os estragos verificados

...IS, NA
...TE DE-
...OBRAS

...assumir
...ualquer
...rnaval.
...Estrada
...ões de
...ilou-se,
...omóvel
...correu,
... a uma
...Estrada.

...imensa
...destruiu
...rtantes,
...ra que,
...bras, ao

...entação
...na pos-
... E não
... A saí-
...ue, em
...para os
...o.

...smo da
...te con-
...lou que
...de car-
...de pas-
...seqüên-



Vê-se na foto a mole de terra aluída, no momento em que tinham início os trabalhos de desobstrução e procura de vítimas

O CIÚME

COMO A MULHER DEVE ENCARÁ-LO PARA EVITÁ-LO

O ciúme, que é um dos sentimentos mais abjetos e animalizados que existe, só se aninha em almas inferiores, que só vêem a carne e para ela vivem. pois não consta, em tempo algum, que o ciúme defendesse os dons da alma, ou que se batesse pela defesa da dignidade espiritual do objeto amado.

O homem ou mulher ciumentos, engalfinham-se, matam-se em defesa da carne amada. Amor que nada mais é do que vício e egoismo... E, tal qual feras carnívoras, atiram-se sôbre o sêr que supõem tomar-lhes a prêsa, eliminando-o num estado de inconsciência e animalidade, inferior à sua condição de sêres humanos.

Se no homem o ciúme é ridículo, na mulher, então, nem se comenta!... A mulher ciumenta desce da sua dignidade e torna-se uma criatura desprezível e tôla, pois demonstra não ser altiva, nem saber colocar-se no seu lugar de senhora absoluta, superior a tudo o que sejam essas misérias. A espôsa deve encarar os desmandos do homem que escolheu para marido, como produtos de uma educação viciada, procurando levá-lo por bem, chamando-o com delicadeza ao cumprimento do dever, fazendo-o enveredar pelo caminho da honra

Não é com desinteligências, discussões e amuos que a mulher conseguirá chamá-lo à ordem! Não e não!

A mulher que o sabe ser, que tem educação racional, faz tudo para não dar causa a que seu espôso se enfastie do lar, fazendo com que êste seja um lugar de repouso e paz, onde tudo respire ordem e harmonia, procurando adivinhar os menores desejos do espôso, para satisfazê-los completamente, sendo sempre mui dedicada e carinhosa.

E desde que a mulher não dê causa a desinteligência e saiba cumprir o seu dever, dificilmente o homem deixará de ser cativo, procurando fora do lar o que só nêle deve existir — **A Paz de Espírito**.

Mas, se tal não se der, por obsessão passageira, falta de educação, ou má compreensão das coisas sérias da vida, não deve a mulher desesperar-se e tornar-se ciumenta, demonstrando-o claramente. Isso, seria confundir-se com as mulheres de moral inferior. A mulher honesta, consciente do que vale, sabe impor-se ao homem pelas suas virtudes; exerce sôbre êle influência moral, não pratica represálias, e procura primar sempre pelo agrado e respeito.

Do seu correto proceder, da sua altivez, do seu delicado modo de tratar, depende o seu império sôbre o espôso, o qual nunca encontrará ocasião para atirar-lhe em rosto esta ou aquela falta, tomando-a como pretexto para desculpar os seus desmandos, o seu desonesto proceder.

O trabalho, a paciência, a tolerância, a delicadeza, a modéstia, são as principais armas de que a espôsa se deve servir para combater, silenciosamente, os desmandos e desvarios de seu marido.

Não será fazendo escândalo, tratando mal o marido, exercendo caprichos e vinganças, que a mulher sairá vitoriosa da luta que tenha de empreender; embora ela se sinta torturar de dores morais, não deve deixar de ser tolerante para com o seu companheiro, procurando atraí-lo pelo carinho e respeito, mas nunca demonstrando ciúme.

Nessas ocasiões é que a mulher deverá mostrar o seu valor, sendo previdente e virtuosa, não se deixando esmorecer, nem abater por coisa alguma; deve saber que a vida terrena é cheia de ilusões e sofrimentos.

Nesta época degradante, em que o pudor periclita, em que a mulher não passa de um brinquedo fútil para os homens, é necessário que aquelas que desejam, de fato, ser honradas e fiéis cumpridoras dos seus deveres, se revistam de uma couraça moral, para não serem atingidas na luta pela flecha inimiga, partida das sem honra e pudor, com capa de honradas, as quais, não podendo colocar-se à altura das mulheres dignas, revoltam-se quando vêem u'a mulher superior a elas em dignidade e altivez; para essas infelizes não há mulheres honestas, tôdas são iguais a elas!...

E' dever ainda da mulher honesta, acautelar-se sobretudo com os galanteios dos **«amigos ursos»**, que freqüentam a sua casa, repelindo-os à primeira investida, colocando-se sempre no seu lugar de espôsa honrada e fiel, não dando motivo à falta de respeito dos homens corruptos e cínicos, que não sabem respeitar a mulher como espôsa do homem que, por vêzes, não é só amigo, mas também benfeitor.

Deve, pois, a mulher proceder sempre com altivez e nobreza, para que nunca o caluniador, por mais infame que seja, tenha motivos para a maledicência e deshonra, e, assim fazendo, não dará causa a ciúmes tolos, e provará a seu marido que sabe ser espôsa, concorrendo ainda para que êle também saiba ser um homem de bem, tendo até orgulho em possuir uma companheira tão virtuosa.

Se à mulher fôsse dada uma educação racional, liberta de **vontadinhas** tolas e setáricas, outro seria o viver das almas neste planêta.

— **Mas**, como podem as meninas de hoje, moças e espôsas de amanhã, conhecer o que seja a vida real na Terra, se os seus pais ignoram a Verdade e vivem mais instintiva do que racionalmente?!....

Esclarecer pais, para benificiar filhos, é o problema que o Racionalismo Cristão procura resolver, pois, não se pode ser feliz na Terra, enquanto predominar a ignorância da Verdade.

(Publicado pelo Centro Redentor, no «O Jornal», de 9 de janeiro de 1927).

NO PRÓXIMO NUMERO:

A MORTE ESPERAVA NA PONTE

AMPLA REPORTAGEM SÔBRE O PAVOROSO DESASTRE FERROVIÁRIO NA CENTRAL DO BRASIL. PÁGINAS DETALHADAS DE TEXTO E FOTOS.

OS RADIALISTAS SÃO . . .

(Cont. da pág. 41)

dos mais populares novelistas da Tamoio. Entretanto, dada à condição mesma da atividade radiofônica, muitos nomes poderiam ser acrescentados nesta lista. No entanto, como alguns não passam de «inimigos cordiais», que volta e meia estão fazendo as pazes, de acôrdo com os seus ineterêsses, não queremos cansar os leitores com mais inimizades.

TAMBÉM HÁ EXCEÇÕES

Apesar de tudo que foi dito acima, onde se prova que a família radiofônica não é tão unida quanto parece nas fotos colhidas em algumas festas, notadamente no «Baile do Rádio», no «broadcasting» há boas praças, pessoas que são incapazes de fazer mal a uma môsca, como se diz vulgarmente. Entre essas que recebem como prêmio a admiração e a simpatia de seus colegas, figuram Dalva de Oliveira, uma das mais populares intérpretes dos nossos ritmos; o produtor Max Nunes; o diretor Sérgio Vasconcelos; o produtor Dias Gomes e mais uns poucos cujos nomes nos escapam no momento.

A MULHER É O DIABO

(Cont. da pág. 35)

algum, a uma adolescente. Segurando o rostinho entre as mãos, ergueu-o para si e perguntou:

— Como você se chama?

— Frieda... Smith.

— Bonito nome — comentou êle. — Que idade tem você?

Ela vacilou e respondeu timidamente: — Dezessete. Por quê tanto interrogatório?

— Porque eu não lhe dava mais de quatorze anos, mas agora percebo que é um pouco mais velha. O que pretende fazer agora?

— Arranjar um emprêgo... mas... não tenho roupas... — e começou a soluçar.

— Vamos, vamos... — começou êle. Enquanto preparamos um enxoval, você ficará aqui, está bem? Amanhã... isto é, dentro de poucas horas irei fazer algumas compras para você. Agora tome êsse café que preparei durante o seu banho e vamos tratar de dormir.

Quando, aí pelas dez horas da manhã, Fred deixou a cama, encontrou sôbre a mesa um bule de fumegante café acompanhado de algumas fatias de delicioso bôlo, ainda quentinho. E' inútil dizer que êsse fato não só o surpreendeu como lhe causou grande satisfação. Acompanhou-o na refeição, a graciosa Frieda, agora com uma aparência bem melhor. Quando Fred se despediu, beijou-a na testa. Enquanto guiava seu carro pelas ruas, Fred ia pensando na garôta que lhe entrara na vida de modo tão insólito. Recordava que era bem interessante, com um rosto de linhas suaves emoldurado pela cabeleira castanha e cacheada. Parou diante de uma casa de modas e entrou. Momentos depois, saía com um embrulho contendo o que êle encontrara de melhor no gênero. Com aquêle vestido Frieda poderia sair para comprar o que entendesse. Seu estômago começava a dar sinais de que estava na hora do almôço. No primeiro momento, Fred pensou em procurar o seu restaurante favorito, mas lembrando-se da garôta decidiu que iria buscá-la também para o almôço. Quando tocou a campainha e a porta lhe foi aberta, um cheiro gostoso de algum prato que êle ainda não havia provado penetrou por suas narinas, obrigando-o a aspirá-lo com prazer. Frieda começava a servir a mesa. Momentos depois, ambos estavam sentados um diante do outro, apreciando o petisco que Frieda havia preparado.

— Você sabe cozinhar com perfeição, hein?

— Aprendi com minha protetora.

— Tenho uma idéia. Quem sabe se você não se acostumaria em morar aqui? Sou um rapaz solteiro, tenho vinte e oito anos e sou advogado. Às vêzes demoro-me no escritório, como aconteceu noite passada. — Olhando-a com atenção: — o vestido ficou-lhe muito bem. Quer ir ainda hoje comprar os outros?

— Vamos deixar para amanhã, está bem?

Nessa altura o telefone tocou com insistência e Fred atendeu. Era de seu escritório, pedindo com urgência o seu comparecimento ali. Fred recomendou à moça que ficasse à vontade e saiu. Em seu escritório, a secretária estava alvoroçada. O seu constituinte, aquêle de quem estivera à tarde examinando o processo, procurara-o desesperado, dizendo que sua filha havia fugido de casa, para não casar com o sócio do homem. O processo em questão girava em tôrno de uma acusação feita pelo sócio ao pai da fugitiva, processo que seria retirado e mantido em segrêdo caso a moça viesse a casar com o queixoso. Tôda a esperança do seu constituinte estava nesse casamento.

— Tem um retrato da moça? — perguntou Fred. — Posso ajudá-lo a encontrá-la. Quando o homem colocou à sua frente a fotografia, Fred quase deu um grito. Ali estava, sorridente e num lindo "soirée", a Frieda que êle conhecia. Apanhando a foto das mãos do homem, Fred deixou o escritório furioso, sem dar qualquer explicação ao seu constituinte. Na porta do apartamento, enquanto aguardava que "ela" lhe viesse abrir, um milhão de pensamentos sanguinários povoavam seu cérebro, mas, quando a figurinha de Frieda, envergando o mesmo "soirée" do retrato, lhe apareceu emoldurada nos umbrais, êle não teve ânimo senão de gaguejar: — Você... você... oh!... — ela lhe havia caído nos braços, implorando perdão com o seu olhar azul e profundo, repleto de ternura.

— Oh! meu querido... ao diabo os interêsses econômicos de meu pai. Eu não quero servir de mercadoria. Será que consegui conquistá-lo em tão pouco tempo?

— Mais do que isso, sua diabinha. Vamos depressa, antes que todos venham em nosso calço.



O sr. Oswaldo de Castro Oliveira, que se tem apresentado como agente desta revista no interior de Minas e Bahia, não é e nunca foi nosso representante.

JOCKEY CLUB

Na têrça-feira gorda realizou-se o jantar-dançante a fantasia, que o Jockey Club Brasileiro oferece todos os anos, no terceiro dia de Carnaval, aos seus associados. Foi uma festa de intensa vibração e entusiasmo, da qual estâmpamos diversos aspectos nesta página.







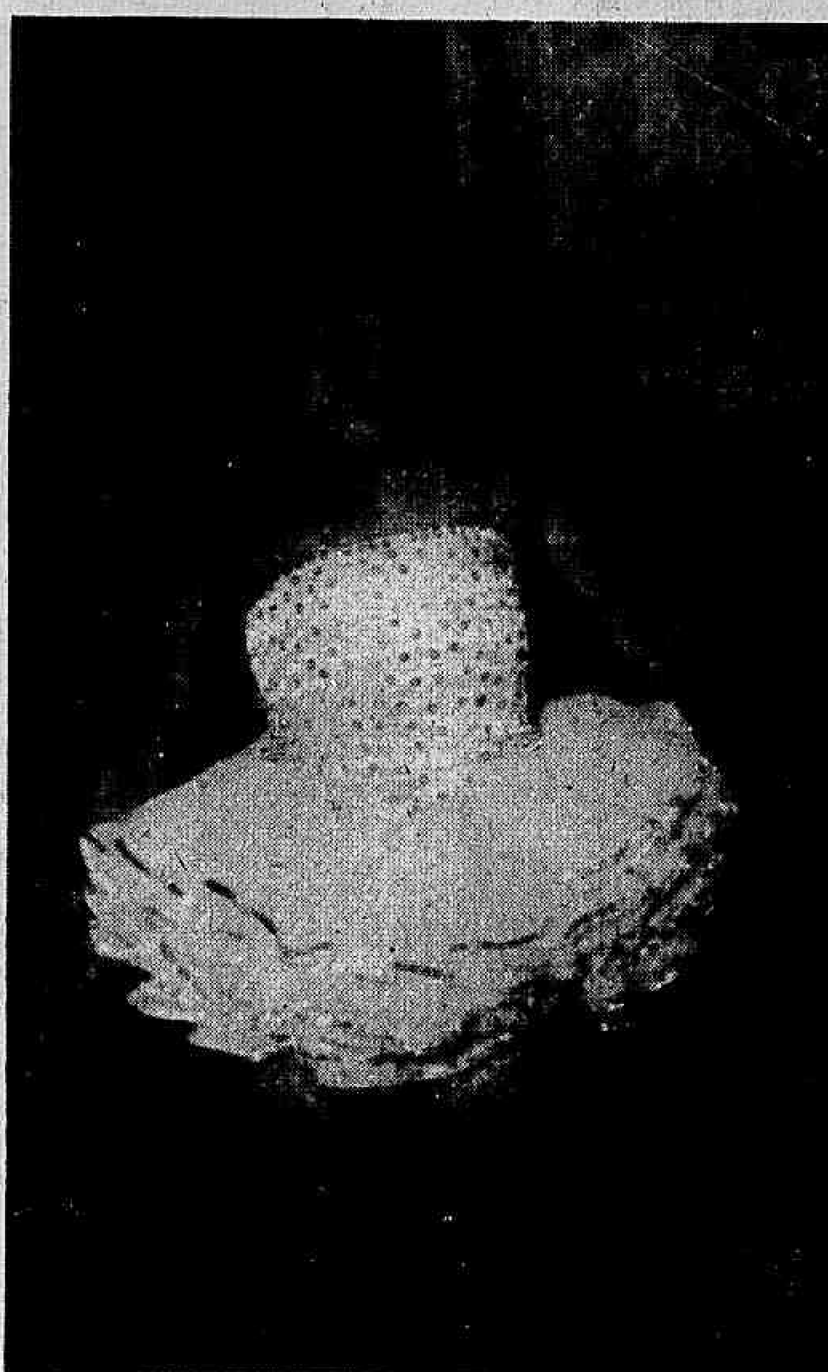
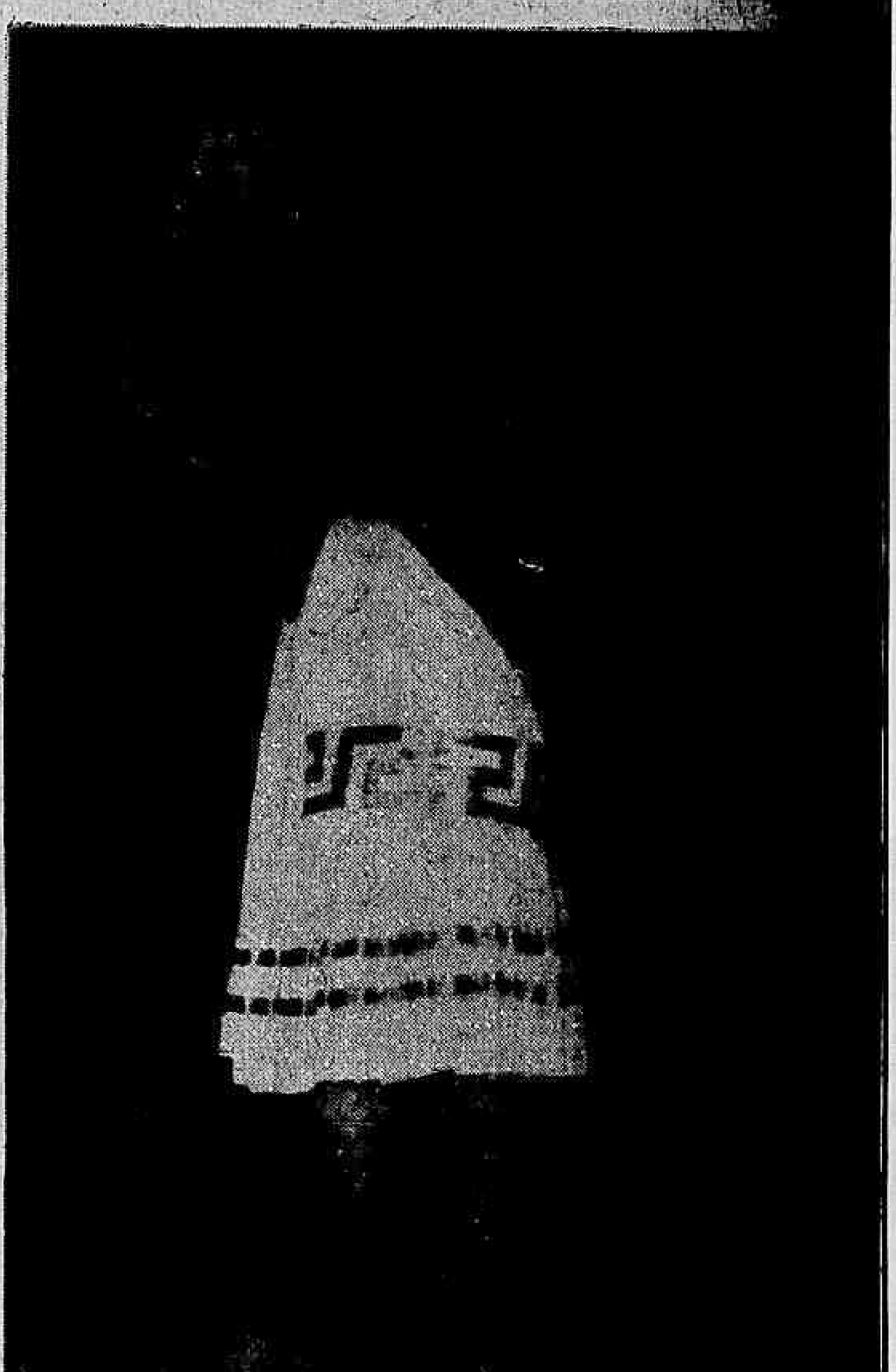


CARNAVAL INFANTIL NO JOCKEY CLUB







NESTAS PÁGINAS e nas duas seguintes podemos apreciar o esplendor de que se revestiu o baile infantil do Jockey Club Brasileiro, realizado na Segunda-Feira de Carnaval. A riqueza e bom-gôsto das fantasias e a animação reinante entre os petizes muito concorreram para o brilhantismo da linda festa momesca dêste ano









CARNAVAL INFANTIL NO JOCKEY CLUB

O tradicional baile infantil que o Jockey Club Brasileiro oferece, anualmente, aos filhos dos seus inúmeros associados, teve êste ano um brilho invulgar, constituindo uma das mais belas e animadas reuniões carnavalesca do tríduo de Momo. A sede social da Avenida Rio Branco abrigou uma petizada cheia de entusiasmo e disposta a brincar com rara disposição e alegria. Belíssimas fantasias concorreram para o maior esplendor da reunião, e nesta reportagem podemos destacar algumas das mais ricas e de grande efeito. A infância e a juventude ali tiveram momentos de transbordante prazer, entrando de corpo e alma nos cordões, ao som de sambas e marchas executados por excelente orquestra. Dest'arte, o baile infantil do Jockey Club manteve o justo renome de uma das mais lindas festas carnavalescas da metrópole.





A REVISTA Há 50 Anos

SÁBADO, 8 DE MARÇO DE 1902

Crônica

Nos últimos anos a Morte desalmada refinou de paladar e entrou de suprimir quanto vulto eminente por aí encontra em estado de poder ainda prestar grandes serviços à Pátria. Dir-se-ia que a marafona se aliou aos que nos cobiçam a fazenda e o território e que para melhor nos surpreender trata de debilitar-nos. E o certo é que se não lhe fizermos embargos à ligeireza, criando novas fôrças vivas pela educação, pelo exemplo, pelo culto do passado, corremos o risco de ficar sem braços que nos defendam e sem cantores que nos perpetuem.

O homem que todo o povo do Rio de Janeiro acompanhou no domingo à última morada, entre crepes de nuvens e crepes de pompas fúnebres, era um bravo marinheiro e um correto gentilhomem, igual no fogo e no salão, no passadiço e no gabinete, tal qual Saldanha da Gama, que o precedeu no túmulo. Era muito discutido, como todos os soldados a quem a política eventualmente enreda nas suas traças, mas o sol da glória varria de pronto uma ou outra nuvem de tempestade que procurasse marear a autenticidade de sua fé de ofício. Poucos terão representado tantas vêzes o Brasil e nenhum com maior competência e garbo. Bons tempos êsses em que a Marinha Brasileira era a primeira potência naval da América do Sul, enviando ecos de sua fama até as mais cultas nações do Velho-Mundo!

O povo, com o seu instinto dos homens necessários, idolatrava o "Almirante". Almas simples só se afeiçoam à coisas nobres, nobremente expressas. A população vira-o no fogo, afrontar, sorrindo, a metralha, e, no cárcere, afrontar zombeteiro o Poder. Seria um rebelde, um irrequieto, mas as mesmas qualidades de bravura, de sangue frio e de desdém exibira em tempos, no Paraguai, em frente dos inimigos da Pátria. Podia contar-se com êle no momento decisivo, quando fôsse preciso queimar o último cartucho pelo brio nacional e pela integridade do solo pátrio. Sem contar que, na luta civil, de tal arte se dividira o país, que poucos poderiam com independência e serenidade de ânimo julgar do valor relativo das intenções dos combatentes. E o povo, de dedução em dedução, concluía por aclamar o campeão que o seduzira pela valentia e pela audácia nas sortidas feéricas do "Aquidaban", despedindo chamas pelas guelas da couraça como os monstros lendários do Tenebroso.

No domingo, a população inteira fêz alas ao cortejo fúnebre e a consternação era geral. Um sentimento de dor real, verdadeira, intensa, dessa que se não simula, fazia escorrer lágrimas silenciosas pelos rostos dos humildes que no percurso se atropelavam para saudar os despojos do bravo militar. Nunca, no passadiço do seu navio-chefe, êle comandara tanta gente, nem com tamanho império, nem com tão incondicional submissão obedecido. Daquele estreito beliche, sem ar e sem luz, olhos semicerrados, mãos enclavinhadas sôbre o peito, membros hirtos aguardando a suprema marmorização da História, o Almirante era, como a bordo, a primeira figura depois de Deus, e quando passou no Catete todos tivemos a ilusão de que o palácio da presidência era mais pequeno que seu esquife.

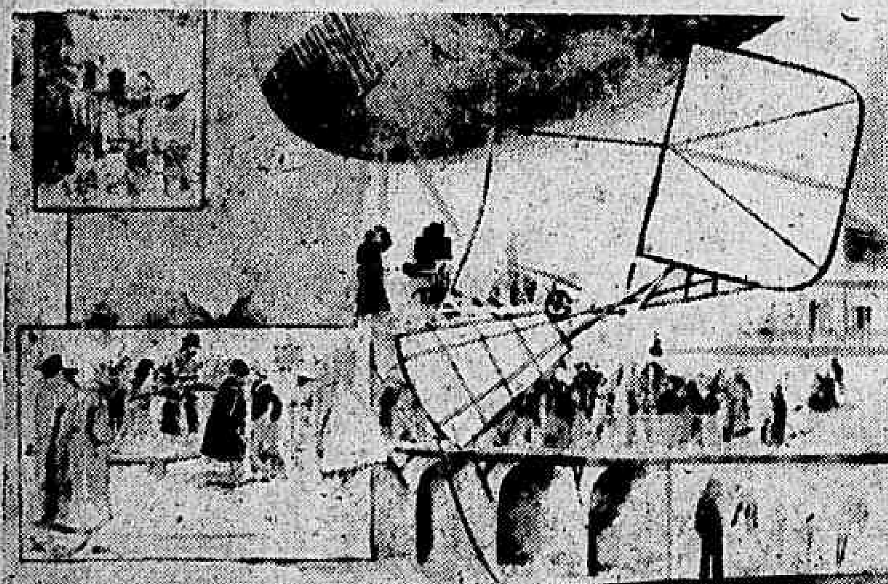
JACQUES BONHOMME

(NOTA ATUAL: A crônica acima alude ao enterramento do Almirante Custódio José de Melo, então falecido).



A rua está em borborinho por causa do suicídio de um velho telhudo.

— Sabem por que se suicidou?
— Dizem que andava aborrecido.
— Pois é um modo singular de distrair-se.



A cena acima representa a ascensão de Santos Dumont na baía de Mônaco.

OS TEATROS

(Conclusão do núm. anterior)

A seguir ao "Quo Vadis" e em festa artística de Dias Braga, será representada a famosa peça de Sudermann — "A Honra" — com cenários inteiramente novos.

"A Honra",que entrou em ensaios no sábado, 1 do corrente, teve a seguinte distribuição:

Barão de Trast-Saarberg — Dias Braga; Roberto Heineck — Eugênio de Magalhães; Conrado, filho de Muhling — Eduardo Vieira; Heineck — Ferreira de Sousa; Muhling — Olímpio; Hugo Stengel — Marzulo; Lothario Brandt — Grijó; Michalski — Bragança; Wilhelm — Cecílio; A Sra. Heinecke — Balbina; Alma — Aurélia Delorme; Augusta — Olímpia Montâni; Leonor — Lucília Peres; A Sra. Muhling — Georgina Vieira; A Sra. Hebenstreit — Maria Layrot.

A companhia de que é empresária a distinta atriz brasileira Cinira Polônio obteve em Petrópolis, com o "Príncipe da Bulgária", "Deputado das Saias", Mulher do Comissário" e, sobretudo, com a comédia-vaudeville "Quasel..." algumas vitórias artísticas e outros tantos espetáculos rendosos.

De regresso a esta capital, a emprêsa continuara a explorar o seu curto mais excelente repertório, ativando os ensaios das peças novas, ao número das quais pertencem o vaudeville "As Pequenas", tradução da própria empresária, o **lever-derideau** de João Luso, "Calcanhar de Aquiles", e uma nova versão de Artur Azevedo que nos dizem exceder em espírito e técnica teatral ao famoso "Quasel..."

Pouco se demorará desta vez entre nós a companhia, pois a espera em São Paulo uma temporada frutuosa.

Cartas recebidas do Teatro D. Amélia, de Lisboa, comunicam-nos a estréia da grande Rejane, a 1 de julho, no Teatro Lírico desta capital e a vinda de uma companhia portuguêsa de que fazem parte Ângela Pinto e Augusta Cordeiro.

De "Teodora", a peça de Victorien Sardou atualmente em cena no Teatro Sarah Bernhardt ,reproduzimos a cena do 4.° quadro em que Teodora (Mme. Sarah Bernhardt), procura salvar Andreas, seu amante, conspirador contra a autocrata.

FARFALLA

RECREAÇÕES

CHARADA EM LOSANGO
(Araken)

A *letra* une a *inflamação*,
(Mas que coisa original)
Vem depois *preposição*
E mais *letra* no final.

CHARADA NOVISSIMA (*Bastien*)
(À amável Jovina)

2 — 1 — O animalzinho entrega a mulher.

CHARADA CASAL (*Ondina*)

No masculino — é medida,
No feminino — instrumento;
E concluída
Neste momento.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 11 ★ 15-3-52

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.° distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8579 ★ Portaria: 22-5802 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-[illegible]

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projetos executados por técnicos especializados

TAPÊTES FEITOS À MÃO
TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores

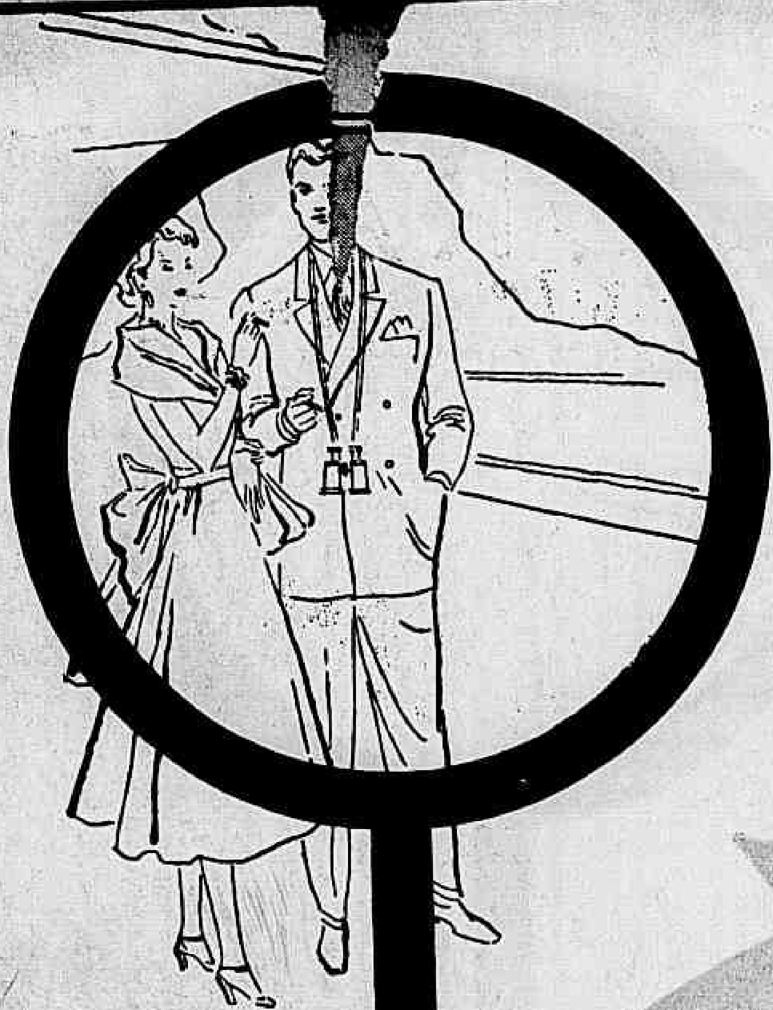


GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —



65 rua da CARIOCA 67 — RIO



é o fumante que faz o cigarro.

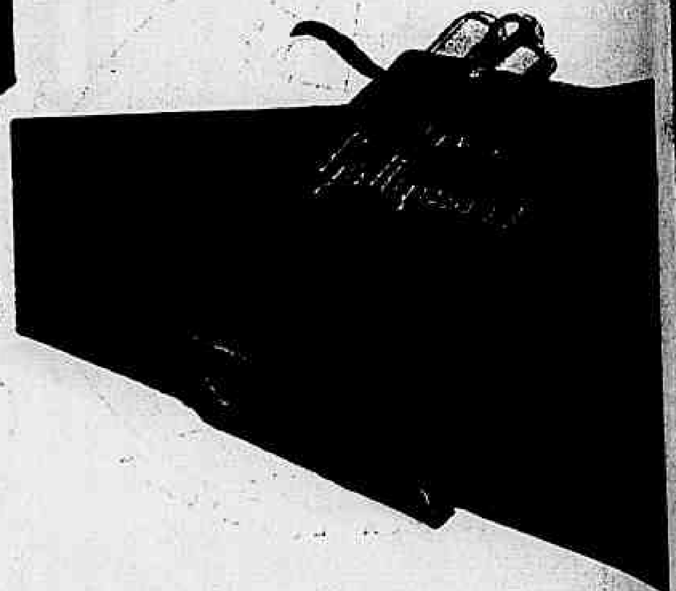


A consagração das pessoas de bom gosto - nas corridas e outros pontos de reunião elegante - fez de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira. Hollywood é mais procurado que todas as marcas da mesma categoria combinadas... E V. também há-de convir: Hollywood é o seu cigarro!



cigarro Hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ